

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

JOÃO LUIZ MARCON

ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE *euangelion* E
proskyneō EM APOCALIPSE 14.6-7 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A ADORAÇÃO DA COMUNIDADE DE FÉ

São Leopoldo

2019

JOÃO LUIZ MARCON

ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE *euangelion* E
proskyneō EM APOCALIPSE 14.6-7 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A ADORAÇÃO DA COMUNIDADE DE FÉ.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação.
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia.

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M321e...Marcon, João Luiz
Estudo sobre a relação entre εὐαγγέλιον e προσκυνέω em apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé / João Luiz Marcon; orientador Verner Hoefelmann. — São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
130 p. ; 31 cm
Dissertação (Mestrado) — Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.
1. Bíblia — Apocalipse — Crítica, interpretação, etc... 2. Evangelho. 3. Adoração na Bíblia. 4. Ética. 5. Serviço — Teologia. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

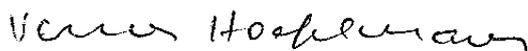
Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOÃO LUIZ MARCON

ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE *euangelion* E
proskyneō EM APOCALIPSE 14.6-7 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A ADORAÇÃO DA COMUNIDADE DE FÉ

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação.
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

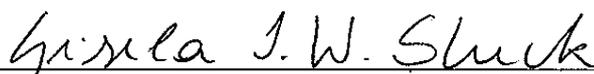
Data de Aprovação: 12/12/2019.



Prof. Me. Verner Hoefelmann (Presidente)



Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)



Prof. Dr. Isaac Malheiros Meira Júnior (IASBEAS)

*Dedico esse trabalho de conclusão de
Mestrado em Teologia à minha amada
esposa, Cátia Sirlene Lunkes Marcon.*

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, porque Ele me concedeu condições para realizar esse projeto de estudos dentro do tempo dEle, e pela Sua vontade e graça viabilizou que realize o sonho de estudar na EST e concluir o Mestrado em Teologia. Eu reconheço que sem tua bênção, Pai, não seria possível chegar onde estou.

À minha esposa, maior apoiadora dos meus estudos. Abriu mão de nosso tempo juntos e incentivou-me a perseverar até o fim. Muito obrigado querida, você é um presente do Pai do Céu.

Ao meu filho, Samuel, e à minha filha Rebeca. Minha vida dedicada a amá-los e ensiná-los o caminho do SENHOR concedeu-me compreender mais o amor de Deus. Vocês dois foram meu professor e minha professora para conhecer mais profundamente o amor do Pai.

À minha nora. Em sua monografia sobre o louvor a Deus no Apocalipse, fez com que eu refletisse de maneira mais ampla o significado do adorar a Deus.

À Igreja Adventista do Sétimo Dia na pessoa de seus líderes, Pastores Adolfo Suarez, Marlinton Lopes, Charles Rampanelli, Volnei Porto.

Ao Instituto Adventista Paranaense: Diretor e Pastor Gilberto Damasceno, irmão do coração, que incentivou, apoiou e possibilitou tal empreendimento; ao Martin Distler, que além do apoio emocional também financiou os meus estudos, ao Dr. Marcio Costa, por ter me incentivado a estudar na EST. Ao amigo e colega, Me. Fabiano Mendes, por carregar comigo o peso da administração do curso de Teologia.

Aos professores e as professoras da EST: Professora Gisela Isolde W. Streck, professores Flávio Schmitt, Nelson Kilpp, Iuri Andréas Reblin, Valério Guilherme Schaper, Júlio César Adam, André Sidnei Muszkopf, a quem admiro por sua dedicação ao ensino da Teologia.

Ao professor Verner Hoefelmann, meu orientador, a quem tenho muita estima, por sua paciência em ajudar-me na conclusão da dissertação do Mestrado em Teologia.

Meu muito obrigado

“É inútil fingir louvar a Deus com a boca e a língua se o desonramos com a nossa vida”.

João Calvino.

RESUMO

O evangelho e a adoração são temas que nem sempre se relacionam harmoniosamente nas comunidades cristãs. Algumas indagações são necessárias para lançar mais luz sobre o assunto, e Apocalipse 14.6-7 é um dos textos que pode nos auxiliar nessa tarefa. Qual a importância de Apocalipse 14.6-7 para o debate? Qual seria o significado de “evangelho” e “adoração” mencionado no texto? Como ambas as expressões podem trazer mudanças para as comunidades cristãs? Tendo em vista a mensagem central do livro do Apocalipse, este estudo fará uma investigação sobre a relação entre os termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) apresentados em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a realidade de uma comunidade de fé. O trabalho está dividido em três capítulos: O primeiro capítulo pesquisará o contexto histórico do livro do Apocalipse na busca por entender como os dois temas em estudo se relacionam dentro da época em que foi escrito. O segundo capítulo examinará o significado exegético e teológico das expressões *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar), sua relação entre si no texto selecionado e também no restante do livro. Finalmente, o terceiro capítulo analisará as implicações de *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) para o exercício da fé cristã em comunidade e como isso se aplica à sua existência. Em se tratando de culto e liturgia, os temas “evangelho” e “adoração” percorrem todo o livro de Apocalipse, porém, no capítulo 14, versos 6-7, nota-se uma mudança de ênfase para uma adoração que envolve a prática da ética cristã. É muito provável que a ética dessa adoração também se expressa no serviço a Deus, ao próximo e ao cuidado com a natureza.

Palavras-chave: Apocalipse, Evangelho, Adoração, Ética, Serviço Cristão.

ABSTRACT

Gospel and worship are themes that are not always related to each other in Christian communities. The relevant questions are: What does the gospel of Revelation 14.6-7 consist of? What is the meaning of worship there? How can these expressions bring change to Christian communities? Understanding the background of the central message in the book of Revelation, this study investigated a relationship between *εὐαγγέλιον* (gospel) and *proskunein* (worship) in Revelation 14.6-7 and its implications for living in a faith based community. This work is divided in three chapters: The first chapter will research the historical context of the book of Revelation seeking to understand how the two themes are related at the time that it was written. The next chapter will examine the exegetical and theological meaning of the expressions *εὐαγγέλιον* (gospel) and *proskunein* (worship), their relationship within the selected text, and with the rest of the book under study. In the last part, will look at the implications of gospel and worship for the life of the Christian community and how it can be applied. The theme of gospel and cultic and liturgical worship runs through the entire book of Revelation, but in chapter 14, verses 6-7, there is a shift of focus toward worship that involves the practice of Christian ethics. The ethics of this worship are expressed in God's service, neighbor, and caring for nature.

Keywords: Revelation, Gospel, Worship, Ethics, Christian Service.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 CONTEXTOS E TEOLOGIA DO LIVRO DO APOCALIPSE	33
2.1 Contexto Literário	35
2.2 Contexto Histórico.....	38
2.2.1 O termo “Apocalipse”	38
2.2.2 Autoria, Local e Data	41
2.3 Objetivo do Livro	47
2.4 Teologia do Livro	51
2.4.1 Temas Teológicos presentes no Apocalipse	51
2.4.2 O Evangelho do Apocalipse.....	55
2.4.3 Adoração do Apocalipse	56
2.4.4 Relação entre Evangelho e Adoração no Apocalipse	58
2.4.5 Síntese do capítulo	59
3 ANÁLISE EXEGÉTICA E TEOLÓGICA EM APOCALIPSE 14.6-7.....	61
3.1 Estrutura do Livro do Apocalipse	62
3.2 A quarta cena introdutória do Santuário: O tema da “ira das nações”	66
3.3 Estrutura de Apocalipse 14 e a perícope dos versos 14.6-13.....	70
3.3.1 Delimitação da perícope	71
3.3.2 Estrutura do Capítulo 14.....	71
3.4 Análise gramatical e sintática de Apocalipse 14.6-7	72
3.4.1 Texto Grego.....	72
3.4.2 Texto da Bíblia de Jerusalém	72
3.4.3 Estudo exegético de Apocalipse 14.6-7.....	73
3.4.4 Exposição do texto de Apocalipse 14.6-13.....	80
4 A ADORAÇÃO ÉTICA E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A COMUNIDADE DE FÉ.....	89
4.1 O Tema do Êxodo em Apocalipse	89
4.2 A adoração ética em alguns estudos nas Escrituras	94
4.2.1 Adoração ética em Êxodo e Levítico.....	96
4.2.2 Adoração ética em Isaías, Jeremias, Amós e Malaquias.....	103
4.2.3 Adoração ética no evangelho de Mateus.....	110
4.3 O evangelho e adoração ética: implicações para a comunidade de fé...112	

5 CONCLUSÃO..... 115

REFERÊNCIAS 125

1 INTRODUÇÃO

Apocalipse é um termo em voga aplicado a diferentes contextos. É mencionado em filmes, em grandes acidentes naturais ou provocados pela humanidade, em projetos ecológicos mundiais, no mundo religioso e até mesmo científico.¹ Assim, quando se pensa na mensagem do Apocalipse, tem-se em mente catástrofes sem fim, fomes, pestes, demônios aterrorizando as nações, monstros ferozes pedindo que os adorem, marcas e selos que determinam o destino final da humanidade, seja ele de felicidade ou de tormento eternos, um grande conflito entre o bem e o mal.² Cenas que mais parecem sair de um filme de ficção científica ou de terror ou ainda da série *The Walking Dead*!³ Essa associação faz com que as pessoas cheguem à conclusão de que a mensagem do livro do Apocalipse é uma mensagem negativa e por esse motivo, evitam até mesmo lê-lo, perdendo de vista a mensagem para os tempos apocalípticos, para os dias atuais.

Tendo em vista a mensagem central do livro do Apocalipse, este trabalho de pesquisa fará um estudo sobre a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé.

Na primeira parte do trabalho, pesquisar-se-á o contexto histórico do livro do Apocalipse de João, na busca por entender como os dois temas em estudos se relacionam no tempo em que o livro foi escrito e também qual é sua teologia. Num segundo momento, examinará o significado exegético e teológico das expressões *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar), sua relação dentro da perícopes e com o restante do livro em estudo. Na última parte, analisa-se as implicações de *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) para a adoração da comunidade cristã e como se aplica para a vida da comunidade cristã.

A relevância das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.6-12 deve-se ao fato de que elas procuram despertar as nações para aquilo que deve acontecer

¹ CIVITA, Roberto (Ed.). Apocalipse: o fim do mundo. **Revista Superinteressante**, Edição especial. Edição 291. São Paulo, SP: Abril, maio de 2011, p. 3.

² SILVEIRA, Evanildo. Fúria divina sobre a Terra. In: CIVITA, 2011, p. 9-13.

³ Série de filmes que retrata como é a vida na Terra após um apocalipse zumbi, em que a enorme maioria da população da terra foi infectada por um vírus misterioso que transforma as pessoas em mortos-vivos. Os poucos humanos que sobreviveram à epidemia agora devem se unir para encontrar um novo lar, longe dos zumbis. Disponível em: <https://jehfilmeseries.com/the-walking-dead>, Acesso em 02 de abril de 2018. (Sem página).

em breve. Elas “são como um ultimato de Deus à humanidade a fim de que se prepare para o desfecho do grande conflito”.⁴ Especificamente o primeiro anjo do capítulo 14, cujo conteúdo da mensagem é “um evangelho eterno”, apresenta um convite para que todas as pessoas do mundo tenham, glorifiquem e adorem a Deus por ser ele o Criador, Redentor e Juiz.

Então, qual é o contexto histórico do livro do Apocalipse? Qual sua Teologia? Qual é a mensagem que a perícope quer transmitir? Quando analisado o conteúdo do livro, pode-se afirmar que o Apocalipse possui uma mensagem evangélica como outros livros do cânon bíblico? Qual seria a relação desta mensagem com o tema da adoração nos desdobramentos dos capítulos? Qual então é o significado da expressão *εὐαγγέλιον αἰώνιον* (um evangelho eterno)? Poderia o seu significado fazer referência a outra mensagem que não a mensagem evangélica? Qual é o sentido *proskunein* (adorar) e sua relação com o termo *εὐαγγέλιον αἰώνιον* para aqueles que leem, ouvem e praticam a mensagem apocalíptica (Ap 1.3⁵)?

Estes questionamentos conduzem ao seguinte problema de pesquisa: Como se relacionam os termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé?

Logo o objetivo geral desse trabalho será investigar a relação dos termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé. Os objetivos específicos foram assim definidos: 1. Examinar o contexto histórico do livro do Apocalipse e na sua contextualização a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar). 2. Analisar exegeticamente o texto de Apocalipse 14.6-7 e a sua perícope visando entender o sentido mais amplo do texto em estudo. 3. Por fim, apresentar as implicações do estudo da relação entre evangelho e adoração em Apocalipse 14.6-7 na comunidade de fé.

O interesse por esse tema surgiu a partir da experiência profissional deste pesquisador, que atua como pastor e pregador do evangelho há dezenove anos. Durante este tempo ministrou palestras e aulas sobre os temas da soterologia,

⁴ GONZÁLES, Vilmar E. **Comentário sobre os livros de Daniel e Apocalipse**. Cachoeira, BA: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, 1994, p. 159.

⁵ A partir de agora, todas as abreviações dos livros bíblicos seguirão o modelo da: **BÍBLIA de Estudos Almeida**. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. xi. Também todos os textos bíblicos são citados da mesma referência, caso contrário será mencionada a fonte.

adoração, liturgia, santuário israelita, Apocalipse e Judaísmo.

Ao trabalhar por cinco anos com a Comunidade Judaico-Adventista de São Paulo (Beth B'nei Tsion), ele pode observar as origens do culto cristão, o desenvolvimento do mesmo na história eclesial, a influência até os dias atuais nas liturgias de várias denominações cristãs e as suas manifestações contemporâneas. Oskar Skarsune escreveu sobre isso: “[...] atualmente, é fato consumado entre os estudiosos de que o culto cristão e sua ordem (liturgia) têm raízes no judaísmo”.⁶

Outro motivo para a relevância da pesquisa: ao conhecer melhor os fundamentos da teologia do evangelho e a maneira como os cristãos primitivos e as cristãs primitivas expressavam sua adoração, é possível resgatar importantes princípios do culto cristão e ainda mais, enriquecer e revigorar as manifestações de adoração ou de culto, sendo elas pessoais ou coletivas, como disse Hurtado,

“[...] a adoração atual dos cristãos deve ser estruturada e enriquecida pelos ensinamentos bíblicos e conduzida de maneira séria à luz das necessidades de distinguir entre a mera religião humana (que sempre tende à idolatria quer cristã, quer não) e a revelação de Deus”.⁷

Aliás, diante do que tem ocorrido no meio do cristianismo a relação entre o evangelho, adoração e ética precisa ser mencionada como uma das motivações do pesquisador para o trabalho, em tempos em que os cultos viraram “showmício”.

A partir da experiência pessoal e da perspectiva acima, o pesquisador tem observado que os temas *evangelho* e *adoração* nem sempre estão relacionados na vida diária, dentro das comunidades cristãs. Se o evangelho é a mensagem de salvação em Cristo Jesus, a resposta dessa adoração envolve somente o cúlrico ou também a ética. Assim, vê-se a inserção de elementos novos nas liturgias cristãs, até contraditórios, e esses elementos são, para alguns estudiosos dos fenômenos religiosos, inclusive estranhos à fé bíblica cristã.⁸

Uma possível contribuição poderia vir do texto de Apocalipse 14.6-7. Porém, o problema começa com o sentido da expressão “evangelho eterno”. Ladd comenta que na expressão “um evangelho eterno”, “o artigo definido ausente representa uma

⁶ SKARSAUNE, Oskar. **À sombra do templo**: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo. 2. ed. São Paulo: Vida, 2004, p. 391.

⁷ HURTADO, Larry W. **As origens da Adoração Cristã**: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.140.

⁸ Para melhor esclarecimento sobre o assunto: CARSON, D.A. **Igreja Emergente**: o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 11-52, 195-288.

dificuldade”, e assim, “levou muitos comentadores a verem aqui uma mensagem especial que será pregada em relação à vinda do fim”.⁹

Osborne, professor de Novo Testamento no *Trinity Evangelical Divinity School*, analisa a questão sob uma perspectiva semelhante ao declarar que:

[...] esse é um evangelho bem diferente daqueles no restante do NT, pois ele não menciona Jesus e seu sacrifício pelo pecado, nem há o chamado ao arrependimento, como em 9.20,21; 16.9,11. Em vez disso, as nações são chamadas a “temer a Deus e dar-lhe glória”, tendo em vista a aproximação do juízo.¹⁰

Outro estudioso do assunto, Simon Kistemaker, observa que “o anjo não proclama o evangelho necessariamente como boas-novas, mas sim como um lembrete da verdade permanente de Deus”, e deste modo, “o anjo convoca homens e mulheres a responderem à mensagem divina antes que o juízo venha”.¹¹

Se o primeiro grupo de autores diz que “um evangelho eterno” tem o sentido de uma mensagem específica para o tempo de fim, para David Stern, um judeu Messiânico e erudito bíblico que gastou anos estudando a língua do Novo Testamento, em seu comentário do Novo Testamento escrito a partir da cultura judaica, diz que “as boas novas do v.6 e o que o anjo anuncia no v. 7” “não é o todo do evangelho, mas o aspecto relevante” dele.¹² Ele em si não define o que é esse “aspecto relevante”, mas parece indicar que somente parte do evangelho é proclamado, ficando no meio do caminho da compreensão do termo.

Indo em outra linha de pensamento, o especialista em profecias bíblicas, Duck faz a pergunta: “Que evangelho o anjo pregará?” Ele mesmo responde: “O fato de ser chamado de ‘evangelho eterno’ é uma indicação de que é idêntico ao que a igreja pregava”.¹³

Corroborando com este pensamento, o teólogo adventista do sétimo dia, Hans K LaRondelle destaca que

Esta proclamação do “evangelho eterno” de Deus é a verdadeira mensagem do reavivamento para o fim. O adjetivo “eterno [em gr., aionion] aplicado ao “evangelho” em Apocalipse 14:6 traz consigo um significado especial. Ele

⁹ LADD, George. **Apocalipse**: introdução e comentário. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1992.

¹⁰ OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 599.

¹¹ KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014.

¹² STERN, David. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte, MG: Atos, 2008, p. 9-10.

¹³ DUCK, Daymond R. **Guia fácil para entender o Apocalipse**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014, p. 222.

afirma que o evangelho do fim é o evangelho inalterado dos apóstolos de Jesus. O evangelho do tempo do fim não é um evangelho diferente, mas o evangelho exposto por Paulo em suas cartas aos romanos e outras igrejas” (tradução nossa).¹⁴

Mesmo C. M. Maxwell relaciona o “evangelho eterno” com as “boas novas”, o anúncio de algo bom para aqueles que ouvem, porque segundo ele, o “[...] próprio julgamento faz parte das boas novas”.¹⁵

Jacques B. Doukhan, erudito cristão de herança judaica, ao comentar sobre a ligação entre “evangelho eterno” com “temor” e “adoração”, apresenta que “esta mensagem do primeiro anjo é uma mensagem de esperança - o fim da tragédia humana está próximo” e “[a] mensagem do anjo é dupla: tema o Juiz e adore o Criador” (tradução nossa).¹⁶

Conforme exposto pelos estudiosos, há uma discordância em saber qual mensagem este “evangelho eterno” transmite: a mensagem evangélica apresentada pelos profetas e apóstolos ou uma mensagem específica para o tempo da consumação de todas as coisas? É uma mensagem de esperança ou de desespero? De más novas ou boas novas?

Se adorar (*proskunein*)¹⁷, é “reverenciar”, “ter veneração”; “ter grande apreço por alguém”, “amar de maneira extrema, apaixonada”¹⁸, como podem os habitantes de toda a Terra ter isso em mente e praticar essa adoração se a mensagem é de julgamento iminente e condenação? A adoração será, pois, uma expressão de amor ou de medo? Uma ação voluntária ou forçada?

O fato de não terem sido encontrados registros de trabalhos acadêmicos, até onde foi pesquisado, que abordem a questão da relação entre *εὐαγγέλιον* e

¹⁴ “Esta proclamación del ‘evangelio eterno’ de Dios es el verdadero mensaje de reavivamento para el fin. [...] O adjetivo ‘eterno’ [en gr., *aionion*] aplicado al ‘evangelio’ en Apocalipsis 14:6 lleva consigo un significado especial. Afirma que el evangelio del fin es el evangelio inalterado de los apóstolos de Jesús. El evangelio del tiempo del fin no es un evangelio diferente, sino el evangelio como fue expuesto por Pablo en sus cartas a los romanos y a otras iglesias”. - LARONDELLE, H. K. **Las profecías del fin**. Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999. p. 336, 337.

¹⁵ MAXWELL, C. Mervyn. **Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998, p. 361.

¹⁶ “This message of the first angel is one of hope – the end of human tragedy is near. The angel’ message is a dual one – fear the Judge and worship the Creator [...]” - DOUKHAN, Jacques B. **Secrets of Revelation: The Apocalypse through Hebrew eyes**. Hagerstown, MD: Review Herald Publishing Association, 2002, p. 124.

¹⁷ ORREGO, Aldo D. **Diccionario bíblico adventista del séptimo día**. Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995, p. 23.

¹⁸ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; e, FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 89.

proskunei/n no contexto de Apocalipse 14, revelando que esse é um objeto de pesquisa pouco conhecido, caracteriza essa pesquisa como original. Apesar desta investigação ser realizada num contexto adventista, o problema transcende os limites denominacionais, e, por isso, os resultados podem ser úteis para outras comunidades de fé cristã.

Como referencial teórico do segundo capítulo que abordará o contexto histórico do livro do Apocalipse de João, ter-se-á o erudito do Novo Testamento, H. K. LaRondelle, professor emérito de Teologia no Seminário da Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, USA. Esse, recebeu seu título doutoral em Teologia Sistemática e Ética do teólogo holandês G. C. Berkouwer na Reformed Free University, em Amsterdam, em 1971. O título de seu livro, *Las Profecías del Fin*, diz que “o Apocalipse adota seus símbolos, imagens e termos principalmente do Antigo Testamento, então estes não podem ser entendidos se estiverem isolados de suas raízes hebraicas” (tradução nossa).¹⁹ O autor apresenta as três chaves hermenêuticas para a interpretação do Apocalipse e faz um comentário exegético sobre o texto da Revelação que será de grande valia por relacionar com aplicabilidade a mensagem apocalíptica. Também a obra será útil para estudo do contexto histórico e análise exegética da passagem em investigação.

Ranko Stefanovic, professor associado de Novo Testamento na Andrews University, em sua obra *Revelation of Jesus Christ: commentary on the book of Revelation*²⁰, tem grande relevância para este trabalho, porque no segundo capítulo tratará sobre o contexto histórico, a origem, objetivo e teologia do Apocalipse. No capítulo três, ele contribuirá na análise holística, exegética do texto em estudo. O principal motivo da escolha deste autor é porque faz abordagem das principais palavras gregas usadas no texto do Apocalipse, com sua explicação e comparação do uso das mesmas em outras citações do livro de João ou ainda do Novo Testamento. Além do mais, Ranko faz seus comentários dos versos do capítulo 14 procurando relacionar com o tema proposto pelo capítulo em análise e do livro em questão.

¹⁹ “El apocalipsis adopta sus símbolos, imágenes y términos mayormente del Antiguo Testamento, por lo que éstos no pueden comprenderse si se lo aísla de sus raíces hebreas”. - LARONDELLE, 1999. p.xi.

²⁰ STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation**. Barrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 2002.

Grant Osborne comenta que “talvez mais que qualquer outro livro, nossa compreensão do sentido de Apocalipse depende da perspectiva hermenêutica adotada”²¹. Osborne será usado nos capítulos um e dois: Para o primeiro capítulo, ele ajudará na autoria, data, local, propósito do livro, mensagem teológica central, o uso que o Apocalipse faz do Antigo Testamento; para o capítulo dois, estrutura, língua e gramática, comentários exegéticos do décimo quarto capítulo do Apocalipse.

Simon Kistemaker, com a obra *Comentário do Novo Testamento: Apocalipse*²², merecerá igualmente atenção, pois ele aborda questões introdutórias do Apocalipse, que servirão para este trabalho de pesquisa, como data de redação, autoria, questões gramaticais, estrutura, etc. Além disso, cada capítulo do seu comentário é iniciado com tradução do texto grego do Apocalipse pelo próprio comentarista, buscando maior clareza e fidelidade ao texto original.

Os autores Douglas Stuart e Gordon Fee, em suas obras *Manual de Exegese Bíblica: Antigo e Novo Testamento e Entendes O Que Lês?* e a obra de Roy Zuck, *A Interpretação Bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia* tratarão de estabelecer os princípios hermenêuticos para os passos exegéticos que são usados nos capítulos um e dois.²³ Nessas três referências também se encontrará a classificação de gênero ao qual o Apocalipse pertence.

Outra obra que merece destaque é a obra *Estudos sobre Apocalipse: Temas Introdutórios*, que foi organizada por Frank B. Holbrook. A importância dessa obra é que dentre os vários artigos existentes, há aqueles que tratam da exegese, teologia, hermenêutica e a estrutura do Apocalipse com Kenneth A. Strand.²⁴ No artigo sobre as oito visões básicas, Strand observa que há “uma estrutura literária muito coerente e equilibrada no livro de Apocalipse” e “essa estrutura não possui somente valores ou qualidades estéticas e mnemônicas, mas também apela significativamente para a mensagem teológica do livro”.²⁵ Já se referindo às cenas

²¹ OSBORNE, 2014, p. 20.

²² KISTEMAKER, 2014.

²³ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese Bíblica: Antigo e Novo Testamento**. 1ª. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2008; FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Entendes O Que Lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. 4ª. ed. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997, p. 19, 22, 23, 25-27; ZUCK, Roy B. **A Interpretação Bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia**. 1º. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1994.

²⁴ STRAND, Kenneth. Princípios fundamentais de interpretação. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. p. 9-86.

²⁵ STRAND, 2017. p. 59.

da introdução vitoriosa, “o Apocalipse é uma peça literária nitidamente organizada” e “destacam, de maneira muito real, grandes temas e ideias teológicas”.²⁶ Os artigos serão usados tanto para o primeiro capítulo como para o segundo, por se tratar da teologia do livro do Apocalipse e as estruturas que facilitam a compreensão da mensagem de Apocalipse 14.

Na mesma obra, dois capítulos de Jon Paulien serão empregados por causa de sua visão estrutural do livro de revelação de João, onde além de apresentar as cenas introdutórias do santuário e as festas de Israel dentro do livro, ele também as relaciona.²⁷

Por fim, Richard Davidson, com o capítulo intitulado *Tipologia do Santuário*, será utilizado no segundo e terceiro capítulos para compreensão do contexto maior da passagem em estudo. Segundo o autor, “[...] Deus fala ao seu povo de diversas maneiras” e “[a] é um dos métodos pelos quais o Espírito Santo explicou de maneira correta ou gráfica as várias facetas da verdade espiritual”. A forma como a mente aprende através da “representação simbólica mais prontamente do que o faz como o raciocínio abstrato” define que a “tipologia bíblica como prefigurações divinamente designadas (na forma de pessoas/eventos/instituições) que apontam para o seu cumprimento em Cristo e nas realidades do evangelho produzidas por Cristo”.²⁸

O capítulo assinado por Ekkehardt Mueller, *Missão no Apocalipse*²⁹, trabalha sob o ponto de vista das doutrinas que aparecem no livro em estudo, bem como a missão eclesial do capítulo 14. O material servirá para ajudar na compreensão da teologia do livro, pois o autor dedica mais de 70% do seu capítulo analisando a sua teologia. O autor contribuirá para os temas doutrinários no primeiro capítulo e o significado da mensagem do evangelho eterno e sua relação com a adoração no segundo capítulo.

Na busca da compreensão do uso da simbologia, do contexto histórico, da metodologia usada por João, doutrina, propósito, estrutura (esboço) e forma literária,

²⁶ STRAND, 2017. p. 83.

²⁷ PAULIEN, Jon. Selos e Trombetas: algumas discussões atuais. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. p. 217- 222. Ver também: PAULIEN, Jon. The Role of the Hebrew Cults, Sanctuary and Temple in the Plot and Structure of the Book of Revelation. In: **Andrews University Seminary Studies**, 33.2. Berrien Springs, MI: Andrews, 1995, p. 247-255.

²⁸ DAVIDSON, Richard. Tipologia do Santuário. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. p. 119-153.

²⁹ MULLER, Ekkehardt. Missão no Apocalipse. In: SOUZA, Elias Brasil de (ed.). **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul-americano**. Cachoeira, BA: CePLiB, 2011, p. 129-170.

e para comentários e fundamentação da argumentação serão indispensáveis os seguintes autores: D. A. Carson, D. J. Moo e L. Morris, na obra, *Introdução ao Novo Testamento*³⁰; Carlos Osvaldo Cardoso Pinto em *Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento*³¹; Timothy Paul Jones com *Guia Profético para o Fim dos Tempos*³². Vanderlei Dorneles (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, volumes 4, 5 e 7*³³, C. Mervy Maxwell, *Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse*³⁴; Pierre Prigent, *O Apocalipse*³⁵; Adolf Pohl, *Apocalipse de João I: comentário esperança*³⁶; Oscar Mendoza Orbegoso, *El mensaje del remanente en el tiempo del fin: el mensaje de los tres ángeles de Apocalipse 14:6-12*³⁷(sic), e, George Ladd, *Apocalipse: introdução e comentário*³⁸.

A ferramenta para a análise exegética do terceiro capítulo será a *BibleWorks*, versão 9.0 e versão 10.0. A investigação do texto bíblico em suas línguas originais, com o uso de léxicos, dicionários, chaves, concordâncias bíblicas, bem como comparações em outras versões em português e idiomas estrangeiros será feita com o uso dessa ferramenta em suas duas versões.³⁹

No terceiro capítulo, William H. Shea é utilizado para tratar sobre a tipologia entre Apocalipse 12-16 e Êxodo 19-24. O capítulo de sua autoria traçará relação entre a aliança entre Deus e Israel no Sinai em Êxodo 19-24 com aliança em Apocalipse 12-15.⁴⁰ A contribuição de Shea será no sentido de fornecer a base do significado tipológico e teológico dos termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) Apocalipse 14.6-7. Junto com Shea, cujo o propósito é fundamentar a

³⁰ CARSON, D.A.; MOO, Douglas. J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

³¹ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

³² JONES, Timothy Paul. **Guia Profético para o fim dos tempos**. Rio de Janeiro, 2016.

³³ DORNELES, Vanderlei (Ed). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Vls. 4, 5, 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013, p. 792.

³⁴ MAXWELL, 1998.

³⁵ PRIGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo, SP: Loyola, 1993.

³⁶ POHL, Adolf. **Apocalipse de João I: comentário esperança**. Curitiba, PR: Evangélica Esperança, 2001.

³⁷ ORBEGOSO, Oscar Mendoza. El mensaje del remanente en el tiempo del fin: el mensaje de los tres ángeles de Apocalipsis 14:6-12. In: SOUZA, Elias Brasil de (Ed). **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul-americano**. Cachoeira, BA: CePLiB, 2011, p. 206 -240.

³⁸ LADD, George. **Apocalipse: introdução e comentário**. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1992.

³⁹ **BIBLEWORKS**: versão9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011 e **BIBLEWORKS**: versão 10.0.4. BibleWorks P.O. Box 6158, Norfolk, VA, 23508, 2015.

⁴⁰ SHEA, William H. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24. In: REIS, Emilson dos; FESTA, Sérgio; FOLLIS, Rodrigo (org.). **Princípios do fim: Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016, p. 207-224.

relação entre Êxodo e Apocalipse 12 a 16, ter-se-á os seguintes autores: Friedbert Ninow, em *Indicators of Typology Within The Old Testament: The Exodus Motif*⁴¹; Augustine Stock, *The Way in the Wilderness: Exodus, Wilderness, and Moses Themes in Old Testament and New*⁴².

É bom citar neste trabalho a David S. Gifford, *The Exodus motif in Revelation 12: divine deliverance for the 21st century*, onde comenta que embora outros ecos estejam presentes no texto, o êxodo de Israel do Egito é o principal motivo para entender Apocalipse 12.⁴³ Outro autor que explora da relação entre Êxodo e Apocalipse é Laslo Gallus, *O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedentes e natureza*. O artigo amplia o assunto ao dizer que “[a] tradição do Êxodo consiste de vários componentes temáticos: livramento, juízo, aliança, presença do Libertador e conquista/herança” e esses temas aparecem nos capítulos 15-16 de Apocalipse”.⁴⁴

Karl Barth será mencionado no capítulo três por causa de sua palestra *O problema da ética na atualidade*. Ele levantará o problema da ética para o século XX e sua relação com vida espiritual e cútica.⁴⁵ Para Barth, a ética tem a ver com o decálogo e esse é fundamental para a fé cristã.⁴⁶

Por fim, faz-se relevante citar Daniel Plenc, *El culto que agrada a Dios*, porque mostra que a adoração e culto estão relacionados com estilo de vida ético.⁴⁷ Na mesma direção, no entanto, ampliando o tema, estão os autores Nathan Brown, *Evangelho em Ação: como a religião verdadeira pode transformar a sociedade*⁴⁸, e

⁴¹ NINOW, Friedbert. **Indicators of Typology Within The Old Testament: The Exodus Motif**. 1999. 358 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1999.

⁴² STOCK, Augustine. **The Way in the Wilderness: Exodus, Wilderness, and Moses Themes in Old Testament and New**. Liturgical Press, 1969. Encontra-se ainda no artigo de Robert Houston Smith, Exodus Typology in the Fourth Gospel. In: **Journal of Biblical Literature**. VI. 81. No. 4 (Dec., 1962), p. 329-342. Published by: The Society of Biblical Literature. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3265088>> Acesso em: 02 de fev. de 2017.

⁴³ GIFFORD, David S. **The Exodus motif in Revelation 12: divine deliverance for the 21th century**. Independent Study: Apocalyptic Biblical Literature. Regent University RTCH 790, August 2018, p. 9.

⁴⁴ GALLUS, Laslo. O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedente e natureza. In: DOS REIS, Emilson; FESTA, Sérgio; FOLLIS, Rodrigo (orgs.). **Princípios do Fim: O Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016, p. 179.

⁴⁵ BARTH, Karl. O problema da ética na atualidade: Palestra proferida numa Conferência Pastoral em Wiesbaden, setembro de 1922. In: ALTMANN, Walter (org.). **Dádiva e Louvor: Ensaios teológicos**. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018.

⁴⁶ BARTH, Karl. Cumprir os mandamentos: Palestra pronunciada por ocasião da Conferência Cristã de Estudantes em Aarau, a 9 de março de 1927. In: ALTMANN, Walter (org.). **Dádiva e Louvor: Ensaios teológicos**. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018, p. 110.

⁴⁷ PLENC, Daniel Oscar. **El culto que agrada a Dios**. Libertador San Martín, Entre Ríos, Argentina: Universidad Adventista del Plata, 2007.

⁴⁸ BROWN, Nathan. **Evangelho em ação: como a religião verdadeira pode transformar a sociedade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019

Reinaldo Siqueira, *Por um reavivamento solidário*⁴⁹. Estes dois últimos estabelecem as bases da prática do tema entre evangelho e adoração.

Quanto à metodologia, pode-se afirmar que as ciências modernas foram estabelecidas sobre “um conjunto de procedimentos lógicos” e de “técnicas operacionais” que possibilitam o acesso às “relações causais” permanentes entre os “fenômenos de pesquisa.”⁵⁰ Medeiros apresenta que “a pesquisa em Literatura, Linguística, Filosofia, Pedagogia e ciências humanas de modo geral exige a aplicação de metodologia e técnicas apropriadas”⁵¹ e assim, o “método será semelhante ao utilizado em outras ciências sociais: a observação, a interpretação, a comparação”.⁵²

Para a realização deste trabalho de pesquisa, um dos referenciais metodológicos que utilizar-se-á é a pesquisa bibliográfica ou revisão literária.⁵³ O motivo do uso de tal método, é porque “significa o levantamento da bibliografia referente ao assunto que se deseja estudar”⁵⁴ e se estabelece num processo formal para a obtenção de conhecimento sobre a realidade, exigindo “pensamento reflexivo e tratamento científico”.⁵⁵

Além disso, o método “caracteriza-se como documentação indireta”⁵⁶, compõem-se de fonte secundária⁵⁷ e vale-se do “método dedutivo (do geral para o específico) para a construção do referencial teórico de base”.⁵⁸

Desta forma, o uso das técnicas será a busca de dados que se fará através de levantamento de livros e revistas de importante interesse para a pesquisa”⁵⁹ ou seja,

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos,

⁴⁹ SIQUEIRA, Reinaldo. *Por um reavivamento solidário*. In: WALLAUER, Günther (org.). **O Evangelho em roupa de trabalho**: princípios para colocar o cristianismo em prática. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016.

⁵⁰ SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016, p. 112.

⁵¹ MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 12 Ed. São Paulo: Atlas, 2014, p. 30, 31.

⁵² MEDEIROS, 2014, p. 31.

⁵³ CHAGAS, Arnaldo. **Produção de textos acadêmicos**: dos bastidores à elaboração do texto. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2014, p. 18;

⁵⁴ MEDEIROS, 2014, p. 36.

⁵⁵ MEDEIROS, 2014, p. 38.

⁵⁶ MEDEIROS, 2014, p. 38

⁵⁷ MEDEIROS, 2014, p. 39.

⁵⁸ CHAGAS, 2014, p. 19.

⁵⁹ MEDEIROS, 2014, p. 39.

teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.⁶⁰

A pesquisa bibliográfica compreenderá: 1. Escolha do tema; 2. Elaboração do plano de trabalho; 3. Identificação bibliográfica (nas editoras, livrarias, universidades, bibliotecas e internet); 4. Localização de obras específicas; 5. Compilação (reunião de materiais); 6. Fichamento (transcrição dos dados em fichas); 7. Análise e interpretação; 8. Redação.⁶¹

Quanto ao método para a compreensão do texto da Bíblia, será utilizado o método histórico-gramatical⁶², porque, segundo Carvalho, este método “[...] persegue o significado histórico e gramatical do texto bíblico com ênfase na intencionalidade do autor, o que este queria que seus leitores entendessem”. Carvalho ainda continua ao dizer que, este método “parte da pressuposição da relação autor-leitor e da busca do significado que o primeiro queria transmitir ao segundo.” Ou seja, “o enfoque está na interpretação da palavra que está escrita a partir de seu contexto histórico imediato”.⁶³

Por fim, seguindo os princípios hermenêuticos para a exegese a ser realizada, princípios esses adaptados do *Manual de Exegese Bíblica: Antigo e Novo Testamento*, têm-se os seguintes passos: 1. Entender as características formais do Apocalipse; 2. Estudar o contexto histórico geral; 3. Determinar o contexto histórico específico; 4. Determinar o contexto literário e de forma; 5. Confirmar os limites da passagem; 6. Compreender o parágrafo ou perícopes em estudo; 7. Analisar a estrutura das frases e as relações sintáticas; 8. Estabelecer o texto; 9. Analisar gramaticalmente; 10. Analisar as palavras significativas; 11. Pesquisar o pano de fundo histórico-cultural.⁶⁴

⁶⁰ SEVERINO, 2016, p.131.

⁶¹ MEDEIROS, 2014, p. 39 e 36.

⁶² Para uma discussão mais profundo do uso dos métodos histórico-crítico, semiótico e histórico-gramatical pode-se ver em: CARVALHO, Carlos Eduardo Araújo Da Silva. **A palavra se fez carne e sangue, luz e glória: uma exegese histórico-gramatical de João 1.1-18.** 2015. 173 f. Dissertação (mestrado) Programa de pós-graduação em teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RG, 2015, p. 15-22. Para uma crítica ao método crítico-histórico, em: MULLER, Ênio Ronaldo. **O método histórico-crítico: uma avaliação.** In: FEE e STUART, 1997, p. 233-318.

⁶³ CARVALHO, 2015, p. 20-21.

⁶⁴ STUART e FEE, 2008, p. 208, 209.

2 CONTEXTOS E TEOLOGIA DO LIVRO DO APOCALIPSE

Antes de começar o processo de estudo exegético dessa pesquisa acadêmica, é necessário observar três pressupostos, que Hans K. LaRondelle apresenta como a chave hermenêuticas para a compreensão do livro do Apocalipse.

A primeira chave é o Antigo Testamento, em especial a teologia da Aliança entre Deus e Israel. Essa teologia demonstra que, através dos profetas, Deus busca o retorno de seu povo para ele, pois, *YHWH* é fiel às promessas do pacto, sendo misericordioso, compassivo e perdoador. Contudo, *YHWH* também é reto juiz, ao trazer as maldições da aliança sobre os rebeldes e impenitentes.⁶⁵

O segundo ponto da primeira chave é a quantidade de vezes que o livro do Apocalipse cita o Antigo Testamento: cerca de seiscentas vezes se faz menção a textos, personagens, símbolos, conceitos e teologias de autores veterotestamentários. Ou seja, as promessas, rituais, festas, símbolos, profecias e sombras são agora explicados ou compreendidos através da vinda do Messias. A história da redenção de Israel, devido ao pacto, se torna a chave para entender a história da redenção do novo Israel proveniente de cada tribo, nação, língua e povo.⁶⁶

A segunda chave que o autor menciona é o uso que o livro faz do profeta Daniel. O livro aparece na Bíblia hebraica entre os últimos e no fim do próprio livro de Daniel se lê a ordem do anjo para fechar e selar o livro (Dn 12. 4, 9). Apocalipse indica que o livro selado é aberto graças ao Messias prometido nas alianças entre os patriarcas e Israel, porque ele é o cumprimento das promessas e das profecias de Deus a seu povo e à humanidade.⁶⁷

Por último, a terceira chave é a verdade evangélica que se encontra nos quatro evangelhos do Novo Testamento. Quem é o Messias prometido aos patriarcas, profetas e a Israel? O crucificado e ressurreto Jesus de Nazaré é o Messias das promessas do pacto com os patriarcas e com Israel e das profecias mencionadas por todos os profetas do Antigo Testamento. O Novo Pacto está agora centrado em Cristo.⁶⁸ LaRondelle diz que:

⁶⁵ LARONDELLE, 1999, p. 98,99.

⁶⁶ LARONDELLE, 1999, p. 98, 100, 104.

⁶⁷ LARONDELLE, 1999, p. 97-101.

⁶⁸ LARONDELLE, 1999, p. 101-104.

Deve-se estudar as múltiplas conexões do Apocalipse com o Antigo Testamento, não para mostrar a maneira pela qual João engenhosamente adotou os símbolos e as profecias hebraicas, mas para entender de que maneira o Deus de Israel cumprirá suas promessas que fez no antigo pacto por meio de Cristo e seu povo da nova aliança (tradução nossa).⁶⁹

Dentre os três pressupostos apresentados por LaRondelle, esse trabalho se fundamenta no primeiro e no terceiro pelo fato do tema escolhido ter sua análise nelas. A segunda chave hermenêutica, o livro do profeta Daniel, possui menção direta e indireta na passagem em estudo, porém, isso levaria a pesquisa para uma discussão muito ampla e a necessidade de análise das escolas de interpretação do livro de Daniel e Apocalipse. Depois precisaria entrar na área de teologia sistemática, especificamente, Escatologia, com isso, a pesquisa perderia o aprofundamento do tema proposto. Logo a primeira chave, a referência à aliança e aos textos do Antigo Testamento, e a segunda chave, a mensagem evangélica do Novo Testamento, servirão de referencial para a pesquisa.

Após esses pressupostos, a pesquisa se detém num estudo histórico-gramatical do texto em questão, orientando-se por esta metodologia e pelos princípios hermenêuticos que visam à execução da análise exegética.

Como ponto de partida, a metodologia estabelece que toda interpretação dos textos bíblicos deve levar em consideração o seu contexto histórico, literário e o seu propósito, que trará à luz a mensagem central⁷⁰, ou seja, a teologia que o autor pretende que seus leitores e leitoras ou ouvintes recebam, entendam e vivam⁷¹ (Ap 1.1-4). Segundo *O Manual de Exegese Bíblica*, objetivo da exegese completa é “uma compreensão tão clara da intenção do autor original quanto uma cuidadosa investigação pode nos dar”⁷². Não é possível ter uma compreensão holística de uma determinada passagem das Escrituras sem a utilização de métodos científicos adequados e a observância de princípios hermenêuticos de interpretação.⁷³

Na obra *Entendes o que lês?* Fee e Stuart afirmam que existem “[...] duas perguntas básicas que devemos fazer a cada passagem bíblica: aquelas que dizem

⁶⁹ “Deben estudiar-se las múltiples conexiones del Apocalipsis con el Antiguo Testamento, no para mostrar la manera como Juan ingeniosamente adaptó los símbolos e las profecías hebreas, sino para entender en qué manera el Dios de Israel consumará sus promesas que hizo en el antiguo pacto por medio de Cristo y su pueblo del nuevo pacto.” In: LARONDELLE, 1997, p. 104.

⁷⁰ STUART e FEE, 2008, p. 205.

⁷¹ FEE e STUART, 1997, p. 19, 22, 23, 25-27; ZUCK, 1994, p. 19.

⁷² STUART e FEE, 2008, p. 205.

⁷³ ZUCK, 1994, p. 20-22; PAULIEN, Jon K. **A Hermenêutica da Apocalíptica Bíblica**. In: REID, George W. (Ed). **Compreendendo as Escrituras: Uma abordagem adventista**. 1ª. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007, p. 250-253.

respeito ao contexto e aquelas que dizem respeito ao conteúdo. As perguntas sobre o contexto também são de dois tipos: históricas e literárias”.⁷⁴

2.1 Contexto Literário

Quanto ao contexto literário, busca-se definir o gênero literário a que pertence o livro em questão. No caso do livro do Apocalipse, a maioria dos estudiosos concorda que Apocalipse de João é do gênero literário apocalíptico.

Edmondo F. Lupieri, citando Sacchi, define sobre o termo apocalíptico ou como ele denomina, apocalipticismo⁷⁵, ao declarar que:

Os termos *apocalíptico* e *apocalipticismo* são geralmente usados em referência a três fenômenos diferentes. No seu sentido mais amplo, eles designam um fenômeno literário extremamente de longa duração que não é exclusivamente judaico e que ainda existe nas culturas religiosas derivadas de raízes judaico/cristãs/islâmicas. Nos últimos anos, o apocalipticismo foi definido como um gênero literário que inclui todos os textos que se assemelham, de uma maneira ou de outra, ao Apocalipse. O primeiro elemento que distingue um apocalipse de outros textos é que é a explicação de uma "revelação" que em grego é precisamente *ἀποκάλυψις*, "apocalipse". Em todos os gêneros literários, as semelhanças formais entre os textos apocalípticos não implicam que todos compartilhem um ponto de vista: dois apocalipses que podem ter sido escritos séculos à parte não expressam a mesma ideologia. Em seu segundo sentido, apocalíptico pode se referir a uma visão do mundo que é apocalíptica na natureza. Isso não só pode ser compartilhado por membros de diferentes religiões, mas também pode aparecer em textos que não são apocalipses no sentido literário; é possível, por exemplo, falar de um "discurso apocalíptico" em um Evangelho. Em seu terceiro sentido, apocalíptico refere-se a uma tradição judaica particular que produziu uma série de textos (quase todos apocalípticos) e atrás dos quais nós podemos imaginar uma escola conceitual originalmente distinta dentro do judaísmo (tradução nossa).⁷⁶

⁷⁴ FEE e STUART, 1997, p. 24.

⁷⁵ Para Sacchi, o gênero literário apocalíptico é bem mais amplo do que um período da história que começa por volta do segundo século a.C e se estende até o segundo século d.C. Esse gênero está inserido em outros tipos de gênero literário como os evangelhos e epístolas e que pode se manifestar em tempos posteriores a escrita do gênero literário - SACCHI, P. **L'apocalittica giudaica e la sua storia**. Brescia, 1990. In: LUPIERI, Edmondo. **A Commentary on the Apocalypse of John**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

⁷⁶ SACCHI, 1990. In: LUPIERI, 2006, p. 13: "The terms *apocalyptic* and *apocalypticism* are generally used in reference to three different phenomena. In their broadest sense they designate an extremely long-lived literary phenomenon that is not exclusively Jewish and that still exists in the religious cultures that derive from Jewish/Christian/Islamic roots. In recent years *apocalypticism* has been defined as a literary genre that includes all the texts that resemble the Apocalypse in some way or other. The first element that distinguishes an apocalypse from other texts is that it is the account of a "revelation" that in Greek is precisely *ἀποκάλυψις*, "apocalypse." As is the case with all literary genres, the formal resemblances between apocalyptic texts do not imply that they all share a point of view: two apocalypses that may have been written centuries apart will not express the same ideology. In its second sense apocalyptic can refer to a vision of the world that is apocalyptic in nature. Not only can this be shared by members of different faiths, but it can also appear in texts that are not apocalypses in the literary sense; it is possible, for instance, to speak of an "apocalyptic discourse" in a Gospel. In

Para Sacchi, o gênero literário apocalíptico deve ser entendido de três formas: 1. Como uma explicação de uma “revelação”; 2. Uma visão do mundo de natureza apocalíptica; 3. Uma tradição judaica que produziu uma série de textos de cunho apocalíptico.

Lupieri diz que a literatura apocalíptica teve início no período após o exílio, em reação à exaltação da Lei e das normas de observância judaicas.⁷⁷ Já Carson acrescenta que o gênero literário “apocalipse” aparece no século II a.C como reação à perseguição e opressão pelos gregos do reino selêucida e se estende até o fim do II século d.C.⁷⁸

A literatura apocalíptica possui algumas características em comum entre suas obras⁷⁹: 1. A raiz mestre da apocalíptica é a literatura profética veterotestamentária (Ezequiel, Daniel, Zacarias e partes de Isaías). Ela se ocupa com o julgamento e a salvação vindouros e nasce no meio de grande perseguição ou num tempo de grande opressão, por exemplo, com Antíoco IV Epifânio (c. 168 a.C). A apocalíptica aguarda o tempo em que Deus levaria a história a um fim violento e radical, com o triunfo da justiça e julgamento final de todo o mal. 2. Os apocalipses são obras literárias desde o início. Os escritores recebem a ordem “escreve”. 3. Mais frequentemente, a “matéria” da apocalíptica é apresentada na forma de visões e sonhos, e sua linguagem é enigmática (com sentidos ocultos) e simbólicos). 4. As figuras de linguagem da apocalíptica frequentemente são formas de fantasia, e não da realidade. 5. As obras apocalípticas eram formalmente estilizadas: a) Divisão do tempo e os eventos em pacotes arrumados; b) Grande estima pelo uso simbólicos dos números. Estes conjuntos cuidadosamente dispostos, comumente numerados, ajuntados, expressam alguma coisa, por exemplo, o julgamento.

Contudo, por mais que comentaristas coloquem o Apocalipse de João como parte do gênero literário apocalíptico, há características que o tornam diferente como literatura apocalíptica. Conforme o teólogo Carlos Osvaldo Cardoso Pinto, o

its third sense apocalyptic refers to a particular Jewish tradition that has produced a series of texts (almost all of them apocalypses) and behind which we can imagine an originally distinct conceptual school within Judaism”.

⁷⁷ LUPIERI, 2006, p. 13.

⁷⁸ CARSON, 2007, p. 532.

⁷⁹ FEE e Stuart, 1997, p. 219 e 220. Ver também CHARLESWORTH, James (Ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**: Apocalyptic Literature and Testaments. VI. 1. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011, p 3; DOUGLAS, J. D. (org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006, p. 63.

“Apocalipse tem muito que o distingue da literatura apocalíptica extra canônica”. Isso porque ela não é obra “[...] pseudônima como a maioria dos apocalipses judaicos e cristãos [...]”, pois é “coerente em seu uso de símbolos e na sua descrição de personagens, lugares e eventos”.⁸⁰

O teólogo continua dizendo que:

Não fosse isso bastante, o livro é positivo em sua perspectiva, estimula uma santidade prática em vez de mero escapismo, enfatiza a perseverança no presente à luz das promessas do futuro, e apresenta o Senhor não apenas como Juiz, mas também como Redentor.

Apocalipse contém as pistas para sua própria interpretação, derivadas, em sua maioria, de uso prévio das figuras e símbolos do Antigo Testamento [...]. Neste aspecto, Apocalipse ocupa um lugar único na literatura, quando comparado a outras obras apocalípticas como 1 Enoque e o Apocalipse de Pedro”.⁸¹

Ladd, renomado teólogo protestante, segue a mesma linha de pensamento de Carlos Pinto, ao afirmar que os autores apocalípticos tendem a ser “pessimistas, isto é, perdem a esperança na atuação de Deus na história” e assim “toda a esperança é direcionada para o futuro”. Já o Apocalipse de João também tem o mesmo interesse pelo futuro, “mas o futuro depende do que Deus fez na história contemporânea, a obra redentora da morte de Jesus de Nazaré, isto é, retratado no Leão, que é o Cordeiro morto”⁸². Assim,

A história é o palco da redenção; somente o crucificado pode resolver o enigma da história. Em todas estas peculiaridades João reflete seu caráter profético e se diferencia dos autores apocalípticos judeus. Além disto é significativo que, apesar de o Apocalipse estar repleto de alusões verbais ao Antigo Testamento, não há uma só citação semelhante dos escritos apocalípticos judaicos.

Segundo Fee e Stuart, assim como ocorre com a maior parte dos demais “gêneros bíblicos”, a “primeira chave à exegese do Apocalipse é examinar o tipo de literatura que é”.⁸³ O Apocalipse, segundo eles, seria “uma combinação sem igual, finamente harmonizada, de três tipos literários distintos”: o apocalíptico ou apocalipse/revelação (1.1), a profecia (1.3) e a carta (1.4).⁸⁴ Estas três

⁸⁰ PINTO, 2014, p. 591.

⁸¹ PINTO, 2014, p. 591 e 592.

⁸² LADD, 1992, p.18.

⁸³ FEE e STUART, 1997, p. 218.

⁸⁴ FEE e STUART, 1997, p. 218 e CARSON, 2007, p. 532.

identificações de gênero diferentes têm seus defensores e cada um tem sua importância no fenômeno literário complexo que é a apocalíptica.⁸⁵

Levando em conta o que foi comentado por Pinto, Ladd, Fee, Stuart e Carson, o Apocalipse de João não pertence ao gênero literário da apocalíptica. O que distingue o Apocalipse de João das demais literaturas apocalípticas judaicas é algo “vital”. Como afirma Carson, os últimos “fundamentaram suas esperanças em um evento futuro, enquanto em Apocalipse João as fundamenta no sacrifício passado de Jesus Cristo, ‘o Cordeiro que foi morto’”. E por este motivo não se considera o Apocalipse como literatura apocalíptica, mas Profecia Apocalíptica ou só gênero Apocalíptico.⁸⁶

2.2 Contexto Histórico

Dentro do estudo do Contexto Histórico busca-se compreender o nome do livro, autoria, possível local e data da composição.

2.2.1 O termo “Apocalipse”

A palavra *ἀποκάλυψις* (*apokalypsis*), “revelação”, possui diversos significados. Contudo, é uma palavra composta de dois termos gregos que consiste em *ἀπο* (“longe de”) e *κάλυψις* (“um véu” ou “uma cobertura”)⁸⁷. O sentido mais simples do termo é “descobrir algo que está encoberto (Lc.12.2)”⁸⁸, “exposição”⁸⁹, “manifestação”, “descoberta”⁹⁰. Não é algo oculto ou misterioso⁹¹.

Muitas pessoas relacionam o significado de “apocalipse” com cataclismo, extermínio, guerra nuclear ou terceira guerra mundial⁹², porém, pode ser visto nas palavras que Jerônimo faz sobre o uso do termo *ἀποκάλυψις*, comentado por Pierre Prigent⁹³, que o substantivo⁹⁴ é “peculiar aos autores bíblicos” porque “só se

⁸⁵ CARSON, 2007, p. 532.

⁸⁶ PAULIEN, 2007, p. 248.

⁸⁷ STEFANOVIC, 1995, p. 53.

⁸⁸ LADD, 1992, p. 17.

⁸⁹ PAULIEN, p. 247.

⁹⁰ MAXWELL, 1998, p. 69.

⁹¹ MAXWELL, 1998, p. 69.

⁹² MAXWELL, 1998, p. 69.

⁹³ PRIGENT, 1993, p. 13.

⁹⁴ ARNDT, W.F.; GINGRICH, F.W.; e DANKER, F.W. Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. 3o. ed. In: **BIBLEWORKS**: versão9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

considera o emprego da palavra em uma acepção religiosa”. Ladd, além de fazer afirmação semelhante, diz que isto significa “no sentido especial da revelação sobrenatural de verdades divinas desconhecidas aos homens e impossíveis de serem descobertas por eles”⁹⁵ (Lc 2.32; Rm 16.25; Gl 1.12; Ef 3.5)⁹⁶. Prigent toma como exemplo na Septuaginta o verbo *avpokalu,ptein* (*‘apokalyptein*), “revelar”, que “é empregado para designar a epifania de Deus (1 Sm 3, 21), para a revelação dos desígnios dele (Am 3,7), da sua justiça e da sua salvação (Is 56, 1; Sl 98,2)”⁹⁷.

Completando as definições acima, no Novo Testamento a raiz apresenta quase sempre uma “conotação escatológica: a revelação (acerca) de Jesus Cristo (genitivo objetivo, cf. Rm 8,19), e muitas vezes sinônima de parusia (1 Cor 1, 7-8; 2 Ts 1,7; 1 Pe 1, 7, 13)”⁹⁸. Dentro do Novo Testamento, o que está sendo revelado “é o evangelho, as boas notícias do plano redentor de Deus que é incorporado em Jesus Cristo, e este plano redentor será consumado em grandes acontecimentos escatológicos que também são revelados ao povo de Deus” (Rm 8.8; 1 Co 1.7; 2 Ts 2.8; 1 Pe 1. 13; 5.1).⁹⁹ Assim Ladd diz que “a revelação é comunicada pelo Filho através da mediação de seu anjo [...]. Revelação não é especulação humana; é a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”. Pode-se afirmar, como em outras passagens do livro, que Apocalipse é a “palavra de Deus”, ou seja, o próprio evangelho” (1.9; 6.9; 20.4).¹⁰⁰

O evangelho de Jesus Cristo só é concedido aos seres humanos e particularmente aos futuros pregadores através de revelação (Gl 1.12.16; Rm 16. 25; Ef 3.3). Jesus mesmo, cuja obra salvadora é o objeto da revelação, é “considerado como aquele que abre a era escatológica”.¹⁰¹ Desta forma, enquanto em Gálatas 1.12 Jesus Cristo é o sujeito que revela, em todos os outros textos é Deus o autor da revelação. Esta hesitação traduz bem o teor teológico da afirmação: “Jesus é o salvador e a salvação” e é “por isso que o que se ouve a respeito dele, na realidade, vem dele”.¹⁰²

⁹⁵ LADD, 1992, p. 17

⁹⁶ LADD, 1992, p. 17 e STEFANOVIC, 1995, p. 53.

⁹⁷ PRIGENT, 1993, p. 13.

⁹⁸ PRIGENT, 1993, p. 13.

⁹⁹ LADD, 1992, p. 17.

¹⁰⁰ LADD, 1992, p. 20.

¹⁰¹ PRIGENT, 1993, p. 13.

¹⁰² PRIGENT, 1993, p.13.

Com isto em mente, fica mais clara a expressão *Ἰησοῦ Χριστοῦ*¹⁰³, “de Jesus Cristo” (Ap 1.1). Gramaticalmente ela pode ser interpretada de dois modos distintos: como genitivo objetivo ou subjetivo. Isto quer dizer que Jesus Cristo tanto é o objeto da revelação como o conteúdo da mesma¹⁰⁴. Então pode ser traduzido como “revelação de Jesus Cristo” – que vem de Jesus Cristo ou “revelação sobre Jesus Cristo” – que fala sobre Jesus Cristo.¹⁰⁵

Percebe-se, ao ler com atenção e ver os detalhes do conteúdo do livro, a possibilidade da ambiguidade mencionada por Stefanovic¹⁰⁶, bem comum do pensamento hebreu, pois o texto diz: “Eu, Jesus enviei meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas” e “eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22.16)¹⁰⁷ – testemunho e declaração de quem ele é. E em outro texto apresenta, “e eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras” (Ap 22.12)¹⁰⁸ - aqui diz o que ele fará. O conteúdo do livro descreve quem é Jesus Cristo e o que ele faz, ou seja, as suas atividades salvíficas na história humana, onde ele age em favor de seu povo fiel¹⁰⁹. Compreende-se isto de maneira nítida, principalmente na introdução do livro, capítulo 1, versos 5-7, que diz:

Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém. Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o transpassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!

Em Apocalipse 1.1, o texto diz que “Deus-Pai é a fonte de toda a revelação. Deus-Filho é o agente através do qual esta revelação é comunicada aos seres humanos.¹¹⁰ Esta é uma verdade ensinada por todo o Novo Testamento, mas principalmente pelo evangelho de João (Jo 3.35; 5.20ss, 26; 7.16 e 8.28)”. O próprio Jesus disse: “mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe; nem os anjos do céu, nem o Filho, senão somente o Pai” (Mc 13.32).¹¹¹

¹⁰³ ARNDT; GINGRICH e DANKER, 2011.

¹⁰⁴ LADD, 1992, p. 18 e STEFANOVIC, 1995, p. 53.

¹⁰⁵ STEFANOVIC, 1995, p. 53.

¹⁰⁶ STEFANOVIC, 1995, p. 53, 54.

¹⁰⁷ Nota explicativa em: DORNELES, Vanderlei (Coord.). **Bíblia de estudos Andrews**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015, p. 1652.

¹⁰⁸ DORNELES, 2015, p. 1652.

¹⁰⁹ STEFANOVIC, 1995, p. 54.

¹¹⁰ LADD, 1992, p. 18 e STEFANOVIC, 1995, p. 54.

¹¹¹ LADD, 1992, p. 18.

2.2.2 Autoria, Local e Data

Tradicionalmente a autoria foi atribuída ao apóstolo João. Um dos primeiros a contestar essa autoria foi um presbítero de Roma chamado Gaio, no fim do segundo século. Ele cria que o Apocalipse era obra de um herege influenciado por ideias judaicas.¹¹² Mais tarde, Dionísio de Alexandria (250 d.C), erudito que encabeçava a escola teológica cristã de Alexandria, estabelece a rejeição da autoria joanina por questões de ele pertencer aos “alogos”¹¹³ e assim, a obra não se enquadrava em sua fé de conotação filosófica.¹¹⁴ Por volta de 340 d.C, Eusébio transforma a suposição em certeza ao dizer que “sim, havia em Éfeso ainda outro ‘presbítero’ João, que é o autor do Apocalipse”.¹¹⁵

A crítica ao Apocalipse feita por Dionísio “contém vários argumentos que até hoje nada perderam da sua pertinência”.¹¹⁶ Os argumentos são retomados pela crítica moderna, que os desenvolve e os torna mais precisos.¹¹⁷ Assim, a maioria dos estudiosos contemporâneos nega que o apóstolo João tenha escrito o Apocalipse.¹¹⁸ A linha de raciocínio de Dionísio resumidamente são as seguintes:

1. O autor é alguém que se chamava João (1.1, 4, 9; 22.8).¹¹⁹ 2. Ele era um cristão de origem palestinese que vivia na Ásia Menor, próximo às igrejas para as quais ele envia suas cartas (capítulos 2 e 3), e participa das mesmas tribulações dos

¹¹² PRIGENT, 1993, p. 15.

¹¹³ “Por volta do ano 170 surge um pequeno grupo eclesiástico, os chamados ‘alogos’, que combatem a autoria tradicional por razões dogmáticas. O conteúdo do Apocalipse não se enquadra em sua fé de conotação filosófica. Para retirar a base da autoridade do livro, bem como de seus adversários, que se apoiavam no Apocalipse, eles afirmam que o autor seria (justamente!) Querinto, o adversário de João em Éfeso” - POHL, 2001, p. 29, 30. Justo L. Gonzales escreve que os “alogoi” eram os mais antigos monarquianos (Monarquianismo). “Alogoi” em virtude de sua oposição a doutrina do *logos* – rejeitavam o quarto Evangelho que, segundo eles, teria sido escrito por Cerinto (Querinto). Assim, “[a]creditavam que a doutrina do *logos* ali encontrado parecia servir de base para as várias especulações gnósticas referentes à multiplicidade dentro da divindade”. Por isso, para os “alogoi”, “a divindade de Cristo não pode ser de modo algum distinguida da do Pai, pois tal distinção destruiria a monarquia divina” – GONZALES, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão: Do início até o Concílio de Calcedônia**. VI 1. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004, p. 141.

¹¹⁴ POHL, 2001, p. 29.

¹¹⁵ POHL, 2001, p. 30.

¹¹⁶ PRIGENT, 1992, p. 15, 16.

¹¹⁷ PRIGENT, 1993, p. 16.

¹¹⁸ CARSON, 2007, p. 522.

¹¹⁹ BARCLAY, William. **El Nuevo Testamento Comentado por William Barclay: Apocalipse**. VI. 16. Buenos Aires, 1975, p. 20.

demais crentes (1.9).¹²⁰ 3. O seu grego é o pior do Novo Testamento por causa dos erros gramaticais e de sintaxe, pois escreveu na língua grega, mas com pensamento hebraico. Ele possuía um excelente conhecimento do Antigo Testamento. 4. Reivindica ser profeta, cuja função para aqueles dias era de grande relevância como líderes itinerantes da igreja (10.11; 19.10; 22. 6,9). O livro é caracteristicamente profético (22. 7, 10, 18, 19).¹²¹ 5. Ele não reivindica a autoridade apostólica. Valoriza os apóstolos como fundadores e fundamento da igreja, porém não se inclui entre eles (21.4). 6. Diferenças no conteúdo teológico entre o quarto evangelho e o Apocalipse.

Pohl faz uma pergunta importante: Mas, por que se deve dar importância ao fato de ser ou não ser o apóstolo João o autor do livro de Apocalipse?¹²²

1. A favor dessa tese existe o fato de que após sua composição o Apocalipse rapidamente alcançou grande disseminação, obtendo testemunhos frequentes e positivos da Ásia Menor, Gália, África, Egito, Itália e Síria. Era um dos livros mais lidos pelos cristãos no início do segundo século, pois, como afirma Pohl, “[...] todas as listas canônicas mais antigas do segundo século arrolam esse livro”.¹²³

2. Desde o começo a obra foi lida com a maior naturalidade como “obra do filho de Zebedeu”. Pohl argumenta: “Como, afinal, o livro de um João desconhecido qualquer teria alcançado tamanho eco? Como um equívoco da questão da autoria poderia ter-se espalhado com tanta rapidez na província da Ásia?”¹²⁴

3. Motivo da negação do Apocalipse: Por ser uma obra judaica em sua forma e conceito, houve uma reação de certos pensadores cristãos em um tempo onde efervescia o antissemitismo do Império Romano como consequências das guerras judaicas de 66 a 73 d.C, 115 a 117 d.C e 132 a 135 d.C. A reação de alguns líderes eclesiásticos foi de desjudaizar o cristianismo, entre eles estava Marcião (100-160 d.C), que propunha que o Antigo Testamento pertencia ao Deus da ira e vingança dos judeus, enquanto o Deus do Novo Testamento é o Deus do amor e da graça, o Pai de Jesus, o Cristo – o Deus dos Cristãos. Ele só aceitava uma parte do evangelho de Lucas e boa parte das cartas paulinas que eram a favor dos

¹²⁰ BARCLAY, 1975, p. 20.

¹²¹ BARCLAY, 1975, p. 20, 21.

¹²² POHL, 2001, p. 29.

¹²³ POHL, 2001, p. 29.

¹²⁴ POHL, 2001, p. 29.

gentios.¹²⁵ Como o Apocalipse menciona duzentos e quarenta e cinco vezes o Antigo Testamento, isso seria uma identificação e relação muito forte com o judaísmo daqueles dias, algo que muitos cristãos não desejavam vincular.¹²⁶

4. Ausência da reivindicação de ser apóstolo: A importância atribuída aos apóstolos não é maior do que a encontrada em textos tais como Efésios 2.20¹²⁷, que afirma: “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular.” Aqui são colocados em pé de igualdade os apóstolos e os profetas ou quem sabe, ao se referir aos apóstolos, pode-se dizer que também eram profetas.

5. Diferenças teológicas: Diferença na teologia, cristologia e escatologia. a) Teologia: Ambas as obras revelam que Deus ama e julga o pecador¹²⁸ (são exemplos Jo 3.16-21 e Ap 1.5-8). b) Cristo no evangelho é retratado como revelador e redentor (Jo 1.1-18; 10), da mesma forma no Apocalipse (Ap 1.1, 5-6; 5). c) Escatologia: João retrata na sua maioria a escatologia realizada no evento Cristo¹²⁹, porém, ele também menciona uma escatologia futura (Jo 5.22-29; 11.24-27; 14.1-3), por outro lado, Apocalipse fala de uma escatologia já realizada (Ap 12.7-12) e na maioria do seu conteúdo uma escatologia futura (Ap 19.1-11). Há semelhanças de temas entre as obras, como por exemplo: Jesus é o Verbo (Jo 1.1; Ap 19.13); o Cordeiro (Jo 1. 29; Ap 5.6 – mesmo com o emprego de duas palavras gregas diferentes para cordeiro); o título de pastor (Jo 10) e o conceito de pastoreio (Ap 7.16-17); substituição do templo (Jo 4.21; Ap 21.22); e uma predileção por antíteses (trevas/luz, verdade/mentira, etc.).¹³⁰

6. Diferenças estilísticas: Há a possibilidade que no caso do evangelho o autor ter se servido da ajuda de um escriba ou “redator”¹³¹, assim como Paulo que fala de Tércio (Rm 16.22) e Pedro de Silas (1 Pe 5.12)¹³². Contudo, independente

¹²⁵ PRIGENT, 1993, p. 15; ver ainda, GONZÁLES, Justo (ed.) **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé: vinte séculos de pensamento cristão**. São Paulo, SP: Hagnos, 2008, p. 448-450; DOUKHAN, Jacques. **Drinking at the Sources: an appeal to the Jew and the Christian to note their common beginnings**. Mountain View, California: Pacific Press, 1981, p. 24; BACCHIOCCHI, Samuele. **From Sabbath to Sunday: A historical investigation of the rise of Sunday observance early Christianity**. Roma: ex Pontificia Universitate Gregoriana, 1974, p. 99-116.

¹²⁶ DOUKHAN, 1981, p. 24-27.

¹²⁷ CARSON, 2007, p. 522.

¹²⁸ CARSON, 2007, p. 523.

¹²⁹ CARSON, 2007, p. 523.

¹³⁰ CARSON, 2007, p. 523. Para uma discussão mais detalhada sobre aspectos semelhantes entre o quarto evangelho e o Apocalipse, ver ainda KISTEMAKER, 2014, p. 35-37; OSBORNE, 2014, p. 4-5.

¹³¹ PRIGENT, 1993, p. 17.

¹³² KISTEMAKER, 2014, p. 36.

se foi usado um redator ou não, é importante realçar que isso não nega que seja o mesmo autor e que ele tenha se utilizado de uma técnica para chamar atenção de seus leitores ou ouvintes.¹³³ O padre Allo faz a observação de que uma cuidadosa leitura das obras classificadas como joaninas evidenciará que são da mesma família e do mesmo autor, possivelmente o apóstolo João.¹³⁴ Vale a pena reforçar que as obras têm propósitos diferentes e que algumas expressões ou palavras que são enfatizadas em um livro não obrigatoriamente devem aparecer no outro e vice-versa.¹³⁵ As diferenças se explicam pelo gênero literário, não autoria¹³⁶ e caberá ao contexto histórico do livro determinar a ênfase teológica no uso de palavras e expressões de cada obra.¹³⁷

Um mesmo autor poderia escrever livros de diferentes gêneros ou estilos literários? A resposta é afirmativa¹³⁸. Durante séculos e mesmo nos dias atuais, autores de livros foram capazes de produzir diferentes obras, com propósitos distintos, com estilos seletos e intencionais, contendo tanta criatividade que às vezes se pensa como foi possível tal feito da arte humana, a exemplo C.S. Lewis.¹³⁹

7. Testemunho dos primeiros pais da igreja cristã como evidência externa da autoria: A tradição cristã é unânime em reconhecer a João como o escritor do livro do Apocalipse.¹⁴⁰ Os primeiros pais da igreja se veem incapazes de confirmar a existência de uma outra pessoa chamada João, o presbítero.¹⁴¹ Na verdade, todos os autores cristãos até início do 3º. século, cujas obras são acessíveis hoje e que mencionam o assunto, atribuem a autoria do Apocalipse ao apóstolo João.¹⁴² Pode-se citar, Clemente de Alexandria, Orígenes e Cipriota.¹⁴³ Ainda:

Justino Mártir de Roma (c. 100-165 d.C; *Diálogo com Trifo*, 81); Irineu de Lyon (c. 130-202 d.C; *Contra Heresias*, iv. 20.11); Tertuliano de Cartago (c. 160-240 d.C; *A Prescrição dos Hereges*, 36); e Hipólito de Roma (m. 220; *“Quem é o homem rico que será salvo?”*, xlii). Estes escritores e suas obras testemunham fortemente da convicção que a igreja primitiva e dos primeiros séculos da era cristã de que o apóstolo João foi o autor do Apocalipse. Ademais, várias tradições cristãs primitivas associam os anos finais de João

¹³³ CARSON, 2007, p. 524.

¹³⁴ PRIGENT, 2007, p. 16.

¹³⁵ BARCLAY, 1975, p. 22.

¹³⁶ OSBORNE, 2014, p. 5.

¹³⁷ PRIGENT, 1993, p. 16 e 17.

¹³⁸ KISTEMAKER, 2014, p. 41

¹³⁹ KISTEMAKER, 2014, p. 41.

¹⁴⁰ DORNELES, VI. 7, 2014, p. 792.

¹⁴¹ KISTEMAKER, 2014, p. 35.

¹⁴² DORNELES, VI. 7, 2014, p. 792.

¹⁴³ KISTEMAKER, 2014, p. 33.

à cidade de Éfeso. Por isso, Irineu (op. cit., iii.3.4; ANF, vl. 1, p. 416) declarou que, em sua juventude, ele vira o idoso Policarpo de Esmirna, o qual “conversava com muitos que haviam visto Cristo”, entre eles João, que permaneceu em Éfeso até os dias de Trajano (98-117 d.C). Polícrates (130-200 d.C), bispo de Éfeso, o oitavo em sua família a se tornar bispo cristão, testificou que João, que “se inclinou junto ao peito do Senhor [...] repousa em Éfeso” (Epistle to Victor and the Roman Church Concerning the Day of Keeping the Passover; ANF, vl. 8, p. 773).¹⁴⁴

Estas declarações coincidem com a declaração do livro do Apocalipse de que as cartas são dirigidas às igrejas nas cercanias da região de Éfeso, na Ásia Menor (Ap 1.4, 11).¹⁴⁵

A introdução do livro fornece a informação de que João estava na ilha de Patmos, sendo “irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus [...] por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1.9).

A própria tradição confirma que João foi exilado em uma pequena ilha rochosa, chamada de Patmos, no mar Egeu.¹⁴⁶ Patmos era uma prisão de subversivos políticos e de grande periculosidade para o Estado. O objetivo do imperador era que ele morresse ao trabalhar nas pedreiras.¹⁴⁷

Em relação à data, duas são mais aceitas pelos estudiosos. A primeira, no tempo de Nero (64-68 d.C). Essa é mais reconhecida por aqueles especialistas que fazem uma relação do número 666 (Ap 13.18) com o nome Nero Cesar, na língua hebraica.¹⁴⁸ Outra razão para a data 64-68 d.C, foi a perseguição e martírio de cristãos por Nero. Para Ranko Stefanovic, ambas são meras especulações¹⁴⁹ porque, em primeiro lugar, para chegar ao número 666 é necessário um malabarismo.¹⁵⁰ No segundo caso, ele faz uma crítica àqueles que afirmam que houve uma perseguição religiosa ou uma exigência para adorar o imperador e/ou o espírito de Roma. Não constata disto na história de Nero.¹⁵¹

A segunda data é no tempo de Domiciano (95-96 d.C), que não somente perseguiu e matou os cristãos, como também fez isso porque os seguidores de Jesus Cristo não aceitaram adorar o imperador e seus objetos e símbolos de culto.

¹⁴⁴ DORNELES, VI. 7, 2014, p. 792.

¹⁴⁵ DORNELES, VI. 7, 2014, p. 792.

¹⁴⁶ PRIGENT, 1993, p. 30.

¹⁴⁷ STEFANOVIC, 1995, p. 3; CARSON, 2007, p. 526.

¹⁴⁸ STEFANOVIC, 1995, p. 4.

¹⁴⁹ STEFANOVIC, 1995, p. 3, 4.

¹⁵⁰ STEFANOVIC, 1995, p. 4.

¹⁵¹ POHL, 2001, p. 23.

Somente adorariam a Deus, Criador e Redentor, Pai de Jesus Cristo (Ap 1.4-5, 4 e 5; 19.10). Com isso Roma se tornou implacável em eliminar toda atitude “rebelde” e afrontosa que viesse dos seus cidadãos ou povos conquistados na Ásia Menor e outras partes do império romano.¹⁵² Talvez esteja nessa situação crítica para os cristãos daquela época uma descrição de Roma no capítulo 17, a cidade dos sete montes, que estava embriagada com o “[...] sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus [...]” (Ap 17.6).

Irineu, discípulo de Policarpo e esse, discípulo de João, é claro ao afirmar que o apóstolo João foi exilado nos dias do imperador Domiciano (81-96 d.C).¹⁵³ Eusébio de Cesareia menciona a Irineu em sua obra de história eclesiástica, reafirmando a mesma informação.¹⁵⁴ Outros que também declaram Domiciano como o imperador do exílio de João foram Vitorino, Clemente de Alexandria e Orígenes.¹⁵⁵ Contudo, o historiador cristão, Hegésipo (c.185 d.C) apresenta que:

Como conta a história, por volta desse tempo, o apóstolo e evangelista João ainda estava vivo e foi condenado a viver na ilha de Patmos por causa de seu testemunho da palavra divina. Depois de Domiciano ter reinado por quinze anos, Nerva o sucedeu. [...] Naquela época, a história dos cristãos antigos também relata que o apóstolo João, após seu banimento na ilha, passou a residir em Éfeso.¹⁵⁶

Sendo assim, conforme relato de Hegésipo e dos pais da igreja, o imperador Nerva (96-98 d.C) liberou e permitiu que João vivesse em Éfeso.¹⁵⁷

Diante das duas possibilidades para a data de redação do Apocalipse, a mais provável é que seja entre os anos de 90 a 97, porque neste tempo Domiciano estabeleceu adoração ao imperador e ao espírito de Roma. A oposição a tal ordem era punida com martírio e caso não fosse possível a morte do rebelde, o aprisionamento ou exílio (Ap 1.9; 19.10; 22.8). Outro fato é que João começa a escrever em Patmos, donde envia as cartas para as sete igrejas na Ásia Menor (Ap 1. 4, 11). Segundo o historiador Hegésipo, Nerva (96-98 d. C) o liberta para viver em Éfeso e conforme a tradição, o apóstolo morre e é enterrado nesta cidade. João teria iniciado sua obra em Patmos e terminado em Éfeso.

¹⁵² POHL, 2001, p. 23.

¹⁵³ KISTEMAKER, 2014, p. 41; POHL, 2001, p. 23; PRIGENT, 1993, p. 30; STEFANOVIC, 1995, p.6.

¹⁵⁴ KISTEMAKER, 2014, p. 43 e 44.

¹⁵⁵ OSBORNE, 2014. p. 6,7.

¹⁵⁶ KISTEMAKER, 2014, p. 44 e 45.

¹⁵⁷ STEFANOVIC, 1995, p. 3, 4.

2.3 Objetivo do Livro

Na introdução do livro do Apocalipse o autor dá as razões pelas quais o livro foi escrito. O prólogo declara que o objetivo é “mostrar ao povo de Deus ‘as coisas que em breve devem acontecer (Ap 1.1)’”.¹⁵⁸ “É obvio que a descrição de eventos futuros ocupa boa parte do livro”, diz Ranko. Continua ele,

[...] de um lado os acontecimentos preditos ocorrerão. Também asseguram que, não importa o que o futuro trouxer, Deus sempre estará no controle. Por outro lado, os eventos futuros preditos no Apocalipse não são o tema principal. Eles não estão registrados para fazer do Apocalipse um livro divino de adivinhação, nem as profecias foram registradas para satisfazer nossa curiosidade quanto ao futuro.¹⁵⁹

Segundo Ranko Stefanovic, “o livro do Apocalipse foi originalmente escrito como uma carta. Os fundamentos para entender qualquer carta envolvem encontrar por quem e para quem ela foi escrita, e também a (s) razão (s) porque ela foi escrita e enviada”(tradução nossa).¹⁶⁰ Respondendo às perguntas, encontra-se o teor da mensagem do livro.

Já foi visto quem é o autor das cartas, mas para quem elas foram endereçadas? Que mensagens elas continham? “João dirige o registro de suas visões a sete igrejas da província romana da Ásia, que abrangia aproximadamente o terço ocidental da Ásia Menor”.¹⁶¹ O motivo da escolha dessas sete igrejas, provavelmente, tem a ver com a geografia e as comunicações. Todas as cidades nas quais as igrejas estão situadas são centros de comunicação. Um mensageiro que levasse Apocalipse consigo para as cidades chegaria em Éfeso, procedente de Patmos (cerca de 53 km da costa¹⁶²), viajaria por uma estrada secundária pelo norte na direção de Esmirna e Pérgamo e então iria para o leste pela estrada romana até Tiatira, Filadélfia e Laodiceia.¹⁶³

Já no fim do primeiro século, a situação daquelas igrejas foi caracterizada pelo declínio espiritual e apostasia. As igrejas estavam enfrentando um aumento do

¹⁵⁸ STEFANOVIC, Ranko. **O Apocalipse de João**: desvendando último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018, p. 14.

¹⁵⁹ STEFANOVIC, 2018, p. 14.

¹⁶⁰ “The book of Revelation was originally written as a letter. The fundamentals for understanding any letter involve finding by whom and to whom it was written, and also the reason (s) why it was written and sent”. In: STEFANOVIC, 1995, p. 5.

¹⁶¹ CARSON, 2007, p. 531.

¹⁶² DOUGLAS, 2006, p. 1005.

¹⁶³ CARSON, 2007, p. 531.

número de problemas externos e internos.¹⁶⁴ Os problemas externos traziam perturbação e aflição aos cristãos daquela região. Eles envolviam:

1. Oposição e acusações pagãs por não participar de suas atividades sociais (Ap 2.5, 14, 20, 22): a) pois estas eram caracterizadas por práticas imorais e refeições, cujo alimentos e bebidas eram oferecidos aos ídolos. b) Eram acusados de ateísmo por adorar um único Deus e não adorar o imperador ou o espírito de Roma. c) Acusados de canibalismo por participar da ceia do Senhor e comer a “carne” e o “sangue”, tendo também como acusação o sacrifício de crianças em seus serviços. Com isso, os cristãos começaram a perder seu *status* legal na sociedade.¹⁶⁵

2. Perseguição: Um sério risco para as igrejas foi o progressivo desenvolvimento do culto de adoração ao imperador, que trouxe ameaças, prisão e morte de líderes de igrejas (Ap 2.10,13; 3.10). João esperava uma intensificação da perseguição com a perspectiva de que aqueles mais fracos e menos devotos entre os membros das igrejas apostatassem.¹⁶⁶

Todo cidadão romano ou povo conquistado poderia ter a religião que desejasse e prestar culto a(s) sua(s) divindade(s). Contudo, antes de cultuar qualquer divindade, a pessoa deveria cultuar o imperador ou o espírito de Roma. O propósito era simples: através dessa prática pretendia-se unificar um império heterogêneo com suas infinitas religiões, culturas, línguas e etnias e isso em um período de crescente crise imperial.¹⁶⁷ Era uma questão de identificação, lealdade e compromisso com o império. Domiciano exigiu adoração e que lhe chamasse de “Senhor”, “Mestre” e “deus”(cf. Ap 4.11).¹⁶⁸ Os cristãos se opuseram e segundo relatos, pessoas foram presas, sofreram ameaças, humilhação e morte. Mas nem todos se mantiveram fiéis. Os mesmos relatos indicam que houve quem abandonasse a fé cristã e se tornasse traidor de seus antigos irmãos e irmãs.¹⁶⁹

3. Ruptura entre judeus e cristãos: Conforme o livro de Atos dos Apóstolos, à medida em que o cristianismo avançava conquistando tanto judeus como gentios, os líderes do judaísmo viram que sua religião enfraqueceria e correria risco de desaparecer. Foi após o ano 70 d.C, com a destruição de Jerusalém e

¹⁶⁴ STEFANOVIC, 1995, p. 5.

¹⁶⁵ STEFANOVIC, 1995, p. 5 e 6.

¹⁶⁶ STEFANOVIC, 1995, p. 6.

¹⁶⁷ BARCLAY, 1975, p. 24.

¹⁶⁸ POHL, 2001, p. 23, 24.

¹⁶⁹ POHL, 2001, p. 23, 24 e 25.

principalmente do Templo, uma das principais instituições de preservação do judaísmo, que esta ameaça de extinção se tornou mais notória e a religião tomou providências para que cristãos judeus ou não judeus fossem proibidos de participar da liturgia nas sinagogas através de várias medidas.¹⁷⁰ Não somente isso, os judeus passaram a afirmar para as autoridades romanas que os cristãos não faziam parte de sua religião e que a fé cristã devia ser considerada uma religião ilícita, ou seja, segundo a lei romana, sem direitos de culto ou reunião religiosa. Já o judaísmo era uma religião lícita e era permitido adorar ao seu Deus no *shabbat* e não participar do culto de adoração ao imperador. No fim do primeiro século, as relações entre os cristãos e judeus foi caracterizada por antagonismo e hostilidade. Os cristãos eram banidos das sinagogas e perderam seu *status* legal como membros das mesmas (Ap 2.9; 3.9).¹⁷¹

Já os problemas internos envolviam a divisão em certos temas. Em algumas igrejas, a maioria dos membros era fiel, porém alguns indivíduos, inclusive líderes, eram infiéis e se opunham à liderança de João. Em outras igrejas, tais como Tiatira, Sardes e Filadélfia a maioria dos membros estavam em apostasia (Ap 3.4,8). Toda a igreja de Laodiceia parecia estar em apostasia e nada de bom foi encontrada nela (Ap 3.14-22).¹⁷² A questão básica pelos quais lutavam os cristãos na Ásia era os cultos e festivais pagãos com sua licenciosidade e imoralidade sexual, levando ao adultério ou a fornicação (Ap 2.14-15, 20). Nos templos que abrigavam estes cultos e festivais, era comum ter sacerdotisas prostitutas em seus rituais, terminando em orgias.¹⁷³ Os cultos e festivais envolviam participação em comer alimentos oferecidos aos ídolos ou falsos deuses patronos das cidades. O concílio de Jerusalém havia orientado sobre isso e condenado a prática (At 15.20). Contudo, tal prática era uma obrigação social e cívica e quem recusasse participar sofria zombaria e severo sofrimento do isolamento social e sanções econômicas.¹⁷⁴

Para algumas igrejas estava claro que não deveriam participar em hipótese nenhuma, mesmo com os riscos que sofreriam. Já em outras igrejas, alguns membros e líderes compartilhavam de tais práticas e compactavam com os cidadãos dessas cidades por motivos de influência social, interesse de negócios e

¹⁷⁰ STEFANOVIC, 1995, p. 6.

¹⁷¹ STEFANOVIC, 1995, p. 6, 7.

¹⁷² STEFANOVIC, 1995, p. 7.

¹⁷³ STEFANOVIC, 1995, p. 7.

¹⁷⁴ STEFANOVIC, 1995, p. 7 e 8.

prosperidade comercial. Eram chamados por nomes como Nicolaítas, em Éfeso (Ap 2.6), Baalamitas, em Pérgamo (2.14), e uma influente mulher em Tiatira, por nome de Jezabel (Ap 2. 14, 20).¹⁷⁵

Pinto aponta que a mensagem principal do Apocalipse é “a revelação de Jesus Cristo como soberano Senhor das igrejas e Juiz de todo o mundo”. Esse Senhor ressurreto não permite adoração a outro ser e exige submissão, lealdade e adoração somente a ele. Ele declara que “em outras palavras, o triunfo final de Deus em Cristo na *παρουσία* (*parousia*) era motivo suficiente para que os cristãos não cedessem às pressões do sistema governamental tirano ou da libertinagem moral da sociedade decadente em que os leitores de João viviam”.¹⁷⁶

Em partes, Stefanovic concorda com Pinto, em que o principal propósito que João escreveu o Apocalipse, portanto, foi ajudar os cristãos do primeiro século na província romana da Ásia em sua condição espiritual e com seus problemas externos e internos que enfrentavam.¹⁷⁷

Porém, diante dessa grande crise em que se encontravam, Stefanovic, junto com Kenneth, afirmam que,

Confrontados com a crescente hostilidade de Roma, assim como a invasão da heresia e a crescente apostasia dentro da igreja, os cristãos na Ásia estavam preocupados com sua própria identidade e existência. O que o futuro traria para a igreja? O livro do Apocalipse pretendia fornecer a resposta. Declara que, embora a situação no mundo pareça ameaçadora e hostil ao povo de Deus, e o futuro possa parecer sombrio, Deus em Cristo é de fato “o mestre da história”. Ele está e sempre estará com seu povo. Ele “plenamente os vindicará em um grande e glorioso clímax escatológico”.¹⁷⁸

Agora, pode-se dizer também que o propósito do livro é testemunhal, pois a fidelidade e obediência de João à palavra de Deus, ao ponto de ir para o exílio, enfrentando risco de morte, fez com ele e seus “[...] irmãos [...] na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus [...]” (Ap 1.9) permanecessem fieis, aguardando os eventos finais da segunda vinda de Cristo. Assim, parafraseando Prigent, a mensagem do Apocalipse é participar dos sofrimentos de Cristo para compartilhar de seu reino.¹⁷⁹

¹⁷⁵ STEFANOVIC, 1995, p. 8.

¹⁷⁶ PINTO, 2014, p. 597, 598.

¹⁷⁷ STEFANOVIC, 1995, p. 8 e 9

¹⁷⁸ STRAND, 2017, p. 8 e 9.

¹⁷⁹ PRIGENT, 1993, p. 29.

Por isso, diante da crise externa e interna e resumindo Mathews Jr ¹⁸⁰, tem-se cinco razões para o livro: 1. Revelar que Jesus é aquele que ama e redime cada pessoa por meio de seu sacrifício (Ap 1.5); 2. Revelar que ele conhece as coisas futuras e é o Senhor da história humana (Ap 1.1, 7, 19), e por fim terminará bem para o povo de Deus (Ap 1. 20); 3. Revelar que ele é o Soberano Senhor e Rei dos reis, Juiz de vivos e de mortos e que virá a segunda vez em glória, poder e majestade (Ap 1. 5- 7, 13-18); 4. Revelar que os sofrimentos e tentações do tempo presente serão vencidos, porque Jesus estará com seu povo em todos os momentos e voltará para libertá-lo (1. 17-20); 5. Revelar que o Deus trino é o único objeto de culto por causa daquilo que ele é, fez, faz, e fará através dos Seus atos salvíficos na história humana (Ap 1.4-8; 17).

2.4 Teologia do Livro

Como outros livros da Bíblia, o livro do Apocalipse possui uma teologia cristã bem definida, às vezes pouco explorada, porém, muito relevante para o propósito desse estudo. O tema teológico que se destaca no livro é a Escatologia, o estudo dos últimos acontecimentos que culminarão com a segunda vinda de Cristo, o juízo final e a destruição das forças e seguidores do mal e a recriação de novo céu e nova terra (Ap 6. 12-17; 11.11-19; 14.14-20; 16-22).¹⁸¹

2.4.1 Temas Teológicos presentes no Apocalipse

Os seguintes temas da teologia cristã também estão presentes no Apocalipse:

Doutrina do Deus trino¹⁸²: Já no início do Apocalipse, tem-se a presença de Deus-Pai, do Espírito Santo e de Jesus Cristo (1. 4-8, 11-18). Mas também é vista a revelação divina no decorrer do livro, como por exemplo na mensagem às igrejas, na adoração a Deus-Pai e o Deus-Espírito Santo como Criador e Mantenedor de toda vida (4), na adoração a Deus-Pai e Deus-Filho (5) e etc. Deus-Pai é a fonte da

¹⁸⁰ Mathews Jr apresenta 7 razões: “1. Jesus reveals Himself. 2. Jesus reveals the future. 3 Jesus reveals events at the close of this earth. 3. Jesus reveals to us the fight between Himself and Satan. 4. Jesus reveals Himself in the sign language of the Bible. 5. Jesus reveals how we may overcome. 7. Jesus reveals that He is coming again. MATHEWS JR., Kenneth. **Revelation Reveals Jesus: An Explanation of the Greek Text and application of the Symbolism Therein.** VI. 1. Greeneville, Tennessee: Second Coming Publishing, 2012, p. 61.

¹⁸¹ DORNELES, 2015, p. 1649; DORNELES, VI. 7, 2014, 798.

¹⁸² MULLER, 2011. p. 132-140.

revelação da qual vem o conhecimento de Cristo e sobre o plano da salvação em Cristo (1.1-3). Cristo é o meio pelo qual o Pai revela quem Deus é e seus atos salvíficos em Cristo e por Cristo e para Cristo (1.1-3; 21-22). O Espírito Santo é quem convida o pecador a aceitar a revelação de Deus através de Cristo (2.7, 11, 17, 29; 3. 6, 13, 22; 22.17) e conforta seu povo (14.13). O caráter de Deus é revelado no Apocalipse como santo (4.8) e o nome de Deus é apresentado em cada capítulo do Apocalipse.¹⁸³

A Cristologia¹⁸⁴ também é vívida nas páginas do Apocalipse. Nos primeiros três capítulos, Jesus é identificado por trinta e oito nomes e títulos descritivos diferentes. Ele é citado cento e trinta e sete vezes e em todo o livro existem umas duzentas e cinquenta referências à sua sublime pessoa. Em cada capítulo uma faceta da pessoa e da obra de Jesus é apresentada.¹⁸⁵

Em conformidade com os quatro evangelhos, Atos dos Apóstolos e Hebreus, Jesus é aquele que nasceu de uma “mulher”, descendente de Davi, da tribo de Judá, morreu, ressuscitou, subiu aos céus à presença de Deus, intercede pelo seu povo como sacerdote real, mediador do pacto, está presente no meio de sua igreja, é o Juiz de vivos e de mortos, é divino e o Deus do espírito dos profetas, é vencedor da morte e de Satanás, e virá segunda vez para pôr fim ao mal, a iniquidade e a morte. É o Pastor, o Primogênito dos mortos, Messias do Senhor, Rei dos reis e o Senhor dos Senhores, Filho do homem, o Logos, o Amém, a Fiel testemunha, o Noivo, a Estrela da manhã, é o Cordeiro e recebe adoração de toda as criaturas do Universo por ter dado sua vida para redimir os seres humanos (Ap 1.5-7; 2-3; 5.1-14; 7. 9-17; 11.11-19; 12.1-4; 7-12; 13.8; 14.1-5, 14-20; 19. 1-21; 21.23; 22.1-5, 6-7, 16).

O grande conflito entre o bem e o mal: O livro fala do conceito de pecado e suas consequências bem como da rebelião dos demônios e dos seres humanos contra Deus. Apocalipse apresenta um grande conflito que está por trás dos bastidores da história humana. Esta guerra começa no céu, donde Satanás é expulso com os seus anjos rebeldes e traz sofrimento, guerras e conflitos, doenças, tribulação, destruição e morte para a Terra e seus habitantes. Aparentemente o mal

¹⁸³ OSBORNE, 2014. p. 35-37, 40-41; KISTEMAKER, 2014, p. 80,81, 86-88; ver também um capítulo inteiro dedicado a Trindade na obra de: WOODROW, Whidden; MOON, Jerry; REEVE, John W. **A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 88-104.

¹⁸⁴ No tema sobre o evangelho se fará uma abordagem mais ampla sobre Jesus Cristo e sua obra redentora.

¹⁸⁵ BELVEDERE, Daniel. **Seminário As Revelações do Apocalipse:** edição do professor. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 19.

está triunfando, contudo, o livro dá outra perspectiva e apresenta a certeza de que Jesus Cristo e seu povo irão vencer. As forças do mal buscam falsificar o verdadeiro Deus como uma falsa trindade que exige a adoração à criatura em vez do Criador e Redentor. Cada ser humano precisa decidir de que lado estará neste conflito, pois Cristo julgará sendo o Senhor sobre todos (12-18; 11.11-18; 19.11-20.15).¹⁸⁶

Soterologia: Há o apelo divino para que o ser humano aceite o seu plano de amor e reconheça que só há um Deus vivo e verdadeiro, adorando-O. O plano da salvação vai sendo descortinado à medida que o livro avança. Um ponto importante é o conceito da morte substitutiva e expiatória de Cristo, a justificação e santificação pela fé em Cristo e finalmente a glorificação final. Cristo livra da vindoura ira de Deus aqueles que creem nele (1.5-6; 2-3; 5.1-10; 7.11-17; 14.1-5; 14.6-12; 19.1-10; 20; 22. 3, 14).¹⁸⁷

Doutrina do Santuário¹⁸⁸: O Apocalipse apresenta uma estrutura literária estabelecida no uso que faz das imagens do santuário celestial (1. 9-11, 4-5; 8. 3-5; 11.15-19; 14. 14-20; 15.1-8; 20-22). Cristo é o sumo sacerdote desse santuário que está presente intercedendo por Seu povo e Ele também é o Juiz de vivos e de mortos (1.11-19; 2-3; 5.9-10; 8.3-6; 11.11-19; 14.14-20; 19.11-20.15). Há adoração através de muito louvor, ofertório, e expressões de reconhecimento e exaltação a divindade (4. 8-11; 5. 8-14; 7.10-12; 11.15-18; 12.10-12; 15. 3-4; 16. 5-7; 19. 1-8) Apresenta-se o sacrifício feito pelo Cordeiro que foi morto (5.5-10), o ato de expiação como nos dias do Antigo Testamento. Há o dia do Yom Kippur (11. 11-19) e a final eliminação do pecado (20-22).

Teodiceia: A defesa do caráter e do juízo de Deus é um tema importante no livro. Quatro aspectos são destacados: 1. O juízo revela seu caráter justo. 2. Os juízos são necessários por causa da depravação e da rejeição manifestada pelos habitantes da Terra. 3. O juízo de Deus executa sua reta justiça, pois o pecado volta-se contra si mesmo. O juízo de Deus se comprova em sua vindicação dos justos (6. 9, 16,17; 9.21; 11.10-19; 13.7,10, 15; 14.8-11, 17-20; 15-16; 17-19.8; 19.11- 20.15; 21.8; 22. 15, são alguns textos).¹⁸⁹

Eclesiologia: Ela aparece logo nas primeiras páginas do livro da Revelação de João e perpassa o livro. Cristo, sumo sacerdote, está no centro das igrejas,

¹⁸⁶ OSBORNE, 2014. p. 37-38, 41-42.

¹⁸⁷ PRIGENT, 1988, p. 24.

¹⁸⁸ STEFANOVIC, 1995, p. 30-33

¹⁸⁹ OSBORNE, 2014. p. 42-45.

mostrando seu cuidado e amor por cada uma delas. É ele quem ampara os líderes da mesma nos momentos difíceis e adverte cada uma delas como se fosse única sobre a face da Terra. Cada uma delas é tratada com individualidade. O conceito da origem da igreja é retratado no capítulo 12, onde aparecem as imagens Sol, Lua e 12 estrelas tiradas dos patriarcas e matriarcas de Gênesis 37. 9-10; e também de Jeremias 31.31-36, que menciona a nova aliança entre Deus e Israel após o exílio babilônico. Como é imutável as leis que governam as estrelas, o Sol e a Lua, assim é a aliança de Deus com seu povo. Dessa forma, a igreja tem suas raízes na aliança de Deus com Israel, e ela é a herdeira através da escolha dos 12 apóstolos do Cordeiro. As perseguições que a igreja sofre relembram a história de Israel no deserto e como Deus protegeu e cuidou até que entrasse na terra da promessa. Deus irá libertar seu povo no tempo fim através da vindicação daqueles que são selados por Cristo, concedendo a vitória final sobre as forças do mal, do pecado e da morte.¹⁹⁰

O remanescente fiel a Deus é chamado de “santos” e vestem vestiduras brancas lavadas e alvejadas no sangue do Cordeiro. A igreja é a noiva do Cordeiro, representada por Jerusalém celestial. A igreja, junto com o Espírito, convida os habitantes da terra a adorar o Criador e Redentor, aceitando o plano retentivo do Deus trino. A igreja adora ao Deus trino com um serviço litúrgico e com uma atitude ética diante da rebelião do mal. É relevante a verdadeira adoração da igreja e como esta é uma das características daqueles que amam e obedecem a Deus em contraste com o restante da humanidade que adora a falsa trindade, prestando também um serviço litúrgico e contrário a revelação da palavra de Deus. De maneira indireta aparecem as cerimônias de batismo (lavar as vestes no sangue do Cordeiro) e eucaristia/comunhão (participar das bodas do Cordeiro ou comer do maná escondido) (1-3; 5.9-10; 7, 14, 15-16; 19.1-10; 21; 22.1-5, 17).¹⁹¹

Missiologia: Deus tem grande interesse nos perdidos e por este motivo lhes oferece a graça e a misericórdia oferecida no sacrifício de Jesus Cristo. A missão de salvar o perdido será visto na entrega da revelação para a igreja. Se a revelação é o

¹⁹⁰ KISTEMAKER, 2014, p.88-90; OSBORNE, 2014. p. 46-54. Ver também, MULLER, Ekkehardt. **Introduction to the Ecclesiology of the Book of Revelation**. In KLINGBEIL, Gerald. A.; KLINGBEIL, Martin G., NÚÑEZ, Miguel Ángel (Ed). **Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una Ecclesiología Adventista**. Libertador San Martín, Entre Ríos, Argentina: Universidad Adventista Del Plata, 2002, p. 147-164; MULLER, 2011. p. 154-168.

¹⁹¹ KISTEMAKER, 2014, p.88-90; OSBORNE, 2014. p. 46-54. Ver também, MULLER, 2002, p. 147-164.

evangelho de Jesus Cristo, como afirmado acima, logo para cada igreja e habitante do planeta Terra está sendo oferecida a salvação, a justiça de Cristo, representado nas vestes brancas. A missão da igreja aparece no capítulo 10.10: após receber a palavra, o profeta, representando a igreja, tem a ordem de profetizar para o mundo. Também é visto no capítulo 14, onde o simbólico número dos sacerdotes redimidos por Cristo tem um cântico novo (14.1-5). Em sequência aparecem três anjos voando pelo céu “evangelizando” o mundo, convidando a todos para adorar o Criador, aceitando o evangelho eterno e advertência para rejeitar a falsa adoração. Essas três mensagens preparam o mundo para a colheita ou a vindima, a salvação eterna ou a destruição eterna (14.6-20). Outro lugar em que é vista a missão é no convite do Noivo para as bodas (19.6-9) e também no convite que a noiva e o Espírito fazem para que bebam da água da vida (22.17).¹⁹² Poderia se falar de outros temas teológicos relevantes para a fé cristã, contudo, para o propósito deste trabalho, especificam-se somente essas.

2.4.2 O Evangelho do Apocalipse

Quando se observa a estrutura da mensagem evangélica exposta nos quatro evangelhos, no sermão petrino de Atos dos Apóstolos 2. 14-36 e na carta paulina em 1 Coríntios 15. 1-9, percebe-se que existem certos elementos essenciais na mensagem evangélica cristã¹⁹³, que o livro do Apocalipse reflete muito bem.

Mas o que é o evangelho segundo o Novo Testamento? “O evangelho é a mensagem sobre Jesus Cristo – sua vida, morte e ressurreição por nós e para a nossa salvação” e “centralidade do evangelho pode ser expressa em relação a qualquer aspecto do ensino bíblico da salvação”. Isso “significa que o que Deus alcançou em Cristo é a meta de todos os propósitos divinos como estão expressos no AT e no NT”. Pode-se dizer que “nisso reside o significado de Cristo como Alfa e Ômega”.¹⁹⁴

¹⁹² OSBORNE, 2014. p. 42-45.46.

¹⁹³ Nos quatro evangelhos, o esqueleto da mensagem *kerigmatica* de Jesus Cristo abarca a sua vida, o seu ministério de ensino, de pregação e de cura, os seus sofrimentos, a sua morte por crucificação, a sua ressurreição, a sua ascensão aos céus, sua presença adextra de Deus, sua segunda vida, a ressurreição dos mortos, o juízo final. Pedro e Paulo trazem primordial dessa mensagem.

¹⁹⁴ GOLDSWORTHY, Graeme. **Graeme Goldsworthy Trilogia: o evangelho e o reino, o evangelho no Apocalipse, o evangelho e a sabedoria.** São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2016, 157, 159.

Por isso, o evangelho do Apocalipse descreve Jesus como o Primeiro e o Último (1. 17; 22.13), o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim (22. 13); o Deus do espírito dos profetas (22.6, 16; 1.1). Ele é nascido de mulher e também uma referência ao povo da aliança (12.1-5), da tribo de Judá e relacionado com Davi (5.5). Jesus foi perseguido até a morte (12.1-5), tem o Espírito de Deus (3.1; 5.6), é a fiel testemunha (1.5). Por amor à raça humana, ele é o Cordeiro de Deus que foi morto desde a fundação do mundo (13.8) e pelo seu sangue redime (compra) e liberta para Deus pessoas de toda nação, tribo, língua e povo (1.5-6; 1.17; 2.8; 5.6, 9, 12; 13.8; 14. 1, 4-5). A ele pertence a salvação (7.10).

Cristo Jesus ressuscitou dentre os mortos, está vivo pelos séculos dos séculos, e se tornou o primogênito dos mortos, aquele que tem as chaves da morte e da sepultura (1.5, 17-19; 2.8), foi arrebatado para Deus, até o seu trono (12.5), assentou junto no trono de Deus (3.21), está diante de Deus (3.5, 3.21-22; 5.6). A vitória de Cristo concedeu a salvação, o poder, o reino de Deus e autoridade de Cristo ao seu povo (12. 10,11). Ele intercede no céu diante do Pai (2.1; 3.5) e recebeu autoridade sobre as nações da terra (2. 26-28; 11.15).

Segundo o Apocalipse, Jesus virá segunda vez como Reis dos reis e Senhor dos senhores (19.1-11) e sua vinda é iminente (2.16; 3.11; 16.15; 22.7; 22.12; 22.20), ilustrada como a vinda de um ladrão (3.3, 16.15). Será uma manifestação na nuvem do céu, com poder, em glória e majestade (14.14-20; 19.11), com sinais naturais (6.12-17). Haverá a ressurreição dos mortos (20.4-6) e com seu advento se dará o julgamento dos vivos e dos mortos (14.14-20; 19.1-11; 20.11-15). Assim se concederá a recompensa a cada um, segundo suas obras (14.13; 19. 20.12-13; 22.12). Como resultado, os justos entrarão para as bodas (19.7,9), para a nova Jerusalém (21.2-22.5). Por fim, ele criará novo céu e nova terra (21.1), onde Deus e o Cordeiro são o santuário (21.22) e estará o trono de Deus e do Cordeiro pelos séculos dos séculos (22.3).¹⁹⁵

2.4.3 Adoração do Apocalipse

Segundo Prigent, um dos objetivos do livro do Apocalipse é que ele seja lido em público, assim, é “[...] evidente que se deve pensar em uma leitura cultural,

¹⁹⁵ OSBORNE, 2014. p. 38- 40; KISTEMAKER, 2014, p 82-86.

litúrgica”.¹⁹⁶ Ao ler alguns textos bíblicos do Novo Testamento ou a introdução do Apocalipse (1.3) ou ainda, o conhecimento da tradição cristã¹⁹⁷, observa-se a prática da leitura de textos sagrados na liturgia e estes se revessam com cânticos, salmos e música.¹⁹⁸

Ainda comentando sobre o papel da profecia apocalíptica (a mensagem salvífica de Deus) e o seu uso através do cântico para ser pronunciado na sinagoga ou no local de encontro da comunidade cristã, Prigent diz que,

[...] Consta-se uma ligação certa entre o profeta e a vida cultural, uma piedade particularmente ardente, uma reflexão muito centrada na vinda do messias e as profecias que o anunciam, uma atividade literária, ou antes, poética, que desemboca em composições salmódicas cuja destinação cultural e litúrgica não pode se negada. [...] Efetivamente, esses hinos proféticos apresentam-se como paráfrases muitas vezes bastante literais de profecias veterotestamentárias, cujo cumprimento é saudado como realizado.¹⁹⁹

Essa relação entre a mensagem do Evangelho e a adoração, seja ela no ato de adorar ou no serviço cúltico ou litúrgico, não está só no fato de o Apocalipse fazer parte do serviço de liturgia, mas também, e muito importante, por conter uma teologia e sua relação entre os dois e, talvez, registrar e expressar a mais antiga reflexão e articulação da teologia litúrgica, bem como de sua prática no meio cristão. Através do serviço de adoração cúltica, a revelação, ou seja, o Evangelho do Apocalipse, toma parte da comunidade e é ainda uma forma de confirmação da fé na obra da redenção ao recordar o passado, celebrar o presente e esperar o futuro. Essa adoração expressa em culto,

[...] o culto terreno celebrado pela vida, morte e glorificação do Cristo encarnado, e o culto celeste que, na glória Ele celebra até o dia do mundo vindouro. Em outras palavras, é adoração terrena que Jesus ofereceu desde Seu nascimento até Sua morte, e que os evangelhos sinóticos apresentam numa estrutura que deve ser comemorada pelo culto da Igreja, torna-se enquanto os cristãos aguardam a liturgia eterna do Reino, a base de um duplo culto, a saber primeiro, a oferta celeste de Cristo, prolongamento e desabrochamento do ministério de Jesus em Jerusalém, e,

¹⁹⁶ PRIGENT, 1993, p. 18.

¹⁹⁷ Pierre Prigent fala que a liturgia cristã seguiu a tradição da sinagoga com respeito a textos bíblicos serem revezados com cânticos ou os textos cantados. Na liturgia judaica e cristã se usa da prática da leitura em públicos de textos sagrados - PRIGENT, 1993, p. 18.

¹⁹⁸ Conforme Colossenses 3.16, 4.16, 1 Tessalonicenses 5.27, Efésios 5.19, in: **A BÍBLIA sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, 1180, 1191, 1195; JUSTIN, Martyr. **The First Apology**. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/0126.htm>> Acesso em 02 de julho de 2019. (Sem página).

¹⁹⁹ PRIGENT, 1993, p. 19.

segundo, a adoração da Igreja na terra, recapitulação do ministério de Jesus tanto na Galileia como em Jerusalém.²⁰⁰

Assim, a adoração ao trino-Deus através do culto é tanto manifestada no culto do céu como no culto da comunidade na Terra; ele é um só como descrito em Apocalipse 5. 11-14.

2.4.4 Relação entre Evangelho e Adoração no Apocalipse

O Evangelho e a adoração estão presentes desde o início do livro. O capítulo 1, além de conter expressões cúlticas (1.3, 5, 7, 17)²⁰¹, afirma que Jesus, o “Soberano dos reis da terra”, através de seu sangue, libertou seres humanos de seus pecados para os constituírem “reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai” e “a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!” (1.5). A mesma relação é percebida quando João vê a Cristo glorificado, divino e humano Salvador, e cai aos pés daquele que morreu e ressuscitou e tem as chaves da morte e da sepultura (1.12-20). Em ambas as citações há elementos do evangelho – sangue que libertou, e do culto – sacerdotes, expressão de glorificação e reverência.

Outro texto imprescindível sobre a relação entre os dois termos é Apocalipse 5. Ele é o texto mais explícito da adoração e sua manifestação cúltica, litúrgica. Quem está no centro do trono e no centro da adoração é o Cordeiro que esteve morto, cujo o sangue comprou para Deus os que “procedem de toda tribo, língua, povo e nação e os constituiu reino e sacerdote e reinarão sobre a terra” (5. 6-14). O evangelho é o Cordeiro cheio do Espírito de Deus, o Cordeiro que foi morto e resgatou a humanidade, o Cordeiro testemunhado pelos apóstolos, ressurreto dentre os mortos, que está na presença de Deus. Ele ocupa o trono junto com o Pai e é adorado. A ele são prestados atos cúltico, tais como prostrar-se em veneração, tocar harpas, oferecer taças de ouro, orações e cânticos (5.8-9, 14). Expressões de glorificação, exaltação e admiração provêm de todas as direções da sala do trono e de todo o universo (5.9-12, 13).

²⁰⁰ ALLMENN, J. J. von. **O culto cristão: teologia e prática**. São Paulo, SP: ASTE, p. 25, *apud*, KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christopher; ZWESTSCH, Roberto (orgs.). Teologia Prática no contexto da América Latina. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2011, p. 112.

²⁰¹ Como referido anteriormente, dentro do serviço cúltico há a leitura de textos bíblicos, e ainda no capítulo 1 de Apocalipse tem-se expressões de exaltação ou glorificação e declarações de fé. Ainda, o ato de João se ajoelhar diante de Cristo glorificado, pode se entender como uma expressão de reverência e adoração.

Os textos de Apocalipse 5 e 7 são complementares, porque se no primeiro caso se descreve que foi o sangue de Cristo que comprou os seres humanos, constituindo-os reino e sacerdotes, no segundo, os seres humanos experimentam a redenção em suas vidas. No capítulo 7 os adoradores são aqueles que veem da grande tribulação e lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Isso faz com que os adoradores sejam investidos do direito, da oportunidade e do privilégio de adorar a Deus e contemplar a sua face.

Já os textos de adoração de Apocalipse 15.2-4, 16. 5-6, 19. 1-9 tratam dos aspectos da teodiceia e da escatologia do Evangelho de Jesus Cristo. A adoração apresenta a Deus vindicando aqueles que são oprimidos, perseguidos e maltratados por causa da mensagem do Reino, o Evangelho, e punindo aqueles que são injustos e também perversos em tentar destruir os “santos” (Ap 16-19.5). Porém, como nas passagens anteriores, o contexto indicará que o Cordeiro é protagonista na história e nos motivos da adoração (15.3; 19. 7, 9, 10).

2.4.5 Síntese do capítulo

Dessa maneira, como foi visto neste capítulo, é necessário conhecer as chaves hermenêuticas para a compreensão do livro do Apocalipse e estas chaves são três: o Antigo Testamento com sua teologia da aliança, o livro de Daniel junto com seus símbolos, sombras e a mensagem evangélica do Novo Testamento, especificamente os quatro evangelhos. A partir daí, segue-se os passos para uma exegese bíblica e no caso específico deste capítulo, o contexto histórico, literário e o conteúdo do livro.

Dentro do contexto histórico, observa-se que o livro do Apocalipse pertence ao gênero da profecia apocalíptica ou gênero apocalíptico, pois se trata de uma obra *sui generis*, porque ele envolve carta, profecia e apocalíptica.

Em relação ao contexto histórico do livro, o termo apocalipse é a revelação das boas novas do plano da salvação em Cristo para a humanidade em rebelião contra o reino de Deus. Pode afirmar que revelação é o evangelho!

Pelo que a história indica, seguindo as evidências externas e internas e em estudo paralelo com os textos joaninos, sugere-se que autor do livro é o apóstolo João. O propósito do livro é mostrar aos “servos Deus” as “coisas que em breve devem acontecer”, ou seja, como o plano redentor de Deus em Cristo se

concretizará na história humana, conforme prometido e profetizado na aliança e pelos profetas, testemunhado pelos apóstolos e registrado nos evangelhos.

Por mais que o mal pareça vencer, Deus em Cristo vencerá, junto com o seu povo fiel. O livro contém uma mensagem para o tempo em que a Igreja estava sofrendo ameaças internas – 1) cristãos indiferentes, idólatras, associados comercialmente ou financeiramente com os incrédulos, envolvidos em festas culturais imorais e apostatas; e, 2) ameaças externas - a imposição dos gentios para que os cristãos participassem da cultura de adoração aos deuses pagãos e principalmente adoração ao imperador ou a espírito de Roma, ao ponto de sofrer discriminação, exclusão, perseguição e morte. O Apocalipse tem uma mensagem evangélica de confiança nas ações de Deus em favor de seu povo, pois Cristo se revela como o verdadeiro Salvador, Senhor e Juiz de vivos e de mortos. Esta mensagem gera esperança para um povo em crise e desorientado, visando ao retorno à fé dos apóstolos.

Por este motivo, além da mensagem central, encontra-se ainda no livro do Apocalipse temas teológicos articulados, como a Escatologia, Trindade, Eclesiologia, Missiologia. No entanto, observa-se que diante dos temas teológicos propostos no livro e trazidos aqui, dois merecerem destaque, por estarem do início ao fim da obra, além de estarem em relação um com o outro: o evangelho de Jesus Cristo e a resposta a ele através da adoração.

3 ANÁLISE EXEGÉTICA E TEOLÓGICA DE APOCALIPSE 14.6-7

Como visto na introdução, os temas *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) nem sempre estão relacionados na experiência observada na vida da comunidade de fé. Uma verdadeira revolução teológica com novas abordagens hermenêuticas tem surgido no seio das igrejas cristãs que têm comprometido a essência do evangelho e, como consequência, afetado a adoração e liturgia cristãs.

O capítulo 14, versos 6-7 de Apocalipse contém essa relação entre os dois termos: *εὐαγγέλιον αἰώνιον* (um evangelho eterno) e *προσκυνήσατε* (adorai). Porém, há teólogos que afirmam que a ausência do artigo definido em “evangelho eterno” pode indicar que tipo de evangelho é, pois, “um evangelho eterno” nesse caso se refere a uma mensagem específica que deverá ser proclamada antes da segunda vinda de Cristo.²⁰² Ou seja, tratar-se-ia um evangelho diferente daquele apresentado no Novo Testamento, cuja essência é um convite à humanidade a “temer a Deus e dar-lhe glória” antes da aproximação do juízo²⁰³. Segundo esses comentaristas, dentro do contexto próximo, esse evangelho não fala do sacrifício de Cristo, nem sua ressurreição, muito menos trata de sua ascensão e não apela ao pecador para o arrependimento²⁰⁴. Assim, “um evangelho eterno” de Apocalipse 14.6-7 não são as boas-novas, mas uma convocação à humanidade para que responda à mensagem divina antes que o juízo advenha²⁰⁵.

Contudo, para outros teólogos a expressão “um evangelho eterno” indica que ele é idêntico ao que a Igreja primitiva pregava²⁰⁶, isso é, o evangelho inalterado dos apóstolos de Jesus e também ensinado por Paulo em suas cartas.²⁰⁷ Para eles, em seu contexto, “um evangelho eterno” são as boas novas ou algo de bom para aqueles que o ouvem, porque o juízo no evangelho de Cristo é uma mensagem de esperança para aqueles que são injustiçados, perseguidos e maltratados neste mundo.²⁰⁸ Ao estabelecer uma relação do “evangelho eterno” com temor, dar glória e adoração, a mensagem evangélica da redenção em Cristo torna-se, assim, uma

²⁰² LADD, 1992, p. 143.

²⁰³ OSBORNE, 2014. p. 599.

²⁰⁴ OSBORNE, 2014. p. 599.

²⁰⁵ KISTEMAKER, 2014, p. 530.

²⁰⁶ DUCK, 2014. p. 222.

²⁰⁷ LARONDELLE, 1999. p. 336, 337.

²⁰⁸ MAXWELL, 1998. p. 361.

mensagem de esperança, pois o fim da tragédia humana está próximo, e aqueles que aceitam o plano de Deus para suas vidas o reverenciam e o servem fielmente²⁰⁹.

Que tipo de evangelho é proclamado? Uma mensagem evangélica idêntica àquela dos profetas e apóstolos ou uma mensagem específica para o tempo da consumação de todas as coisas? É uma mensagem de esperança ou de desespero? De más novas ou boas novas?

Se adoração é “reverenciar”, “ter veneração”, “ter grande apreço por alguém”, “amar de maneira extrema”, “apaixonada”, como podem os habitantes de toda a terra ter isso em mente e praticar essa adoração através de cultos, se a mensagem é de julgamento iminente e condenação? Que tipo de expressão o adorar de Apocalipse 14.6-7 indica dentro de contexto de “um evangelho eterno”?

No capítulo 2, ao estudar a razão do escrito apocalíptico, teve-se em vista que havia uma crise, e esta crise envolvia o evangelho de Jesus Cristo e adoração. Justamente esses dois temas são apresentados juntos e perpassam a estrutura do livro. À medida que avança para os capítulos finais do mesmo, essa relação vai ampliando a mensagem evangélica bem como as expressões cúlticas de adoração. A mensagem do evangelho é revelada como cumprimento do ritual do santuário e o ritual do santuário toma forma agora nas expressões cúlticas de adoração cristãs. A hermenêutica cristológica e cristocêntrica do evangelho dão uma nova prática e significância ao ritual do santuário do Antigo Testamento no livro do Apocalipse.

Por esse motivo, é relevante entender, sob a perspectiva da hermenêutica cristã, como a mensagem evangélica do santuário relaciona-se com a adoração também do santuário.

3.1 Estrutura do Livro do Apocalipse

Para iniciar a compreensão do tema proposto, é necessário observar a estrutura do livro. Ao se conhecer e entender as estruturas literárias de um livro da Bíblia, pode-se chegar com mais facilidade à mensagem central ou à ênfase que o autor buscava transmitir aos seus leitores.²¹⁰ Os estudiosos têm propostos inúmeras

²⁰⁹ DOUKHAN, 2002. p. 124.

²¹⁰ ZUCK, 1997, p. 9-10.

abordagens estruturais para melhor compreender a mensagem do livro do Apocalipse.²¹¹

Antes de apresentar alguma estrutura, faz-se necessário contextualizar o porquê do uso de tal abordagem. Logo, parafraseando Prigent, no Apocalipse há de se reconhecer: 1. A intenção de ser cultural. 2. O livro recorre com muita constância às profecias do Antigo Testamento, sem nunca checar ou discutir um texto; sua grande preocupação é apresentar uma nova leitura das Escrituras Hebraicas, sem se preocupar com violentar o texto, porque é uma leitura renovada pela inspiração e a segurança com que proclama o cumprimento dos mesmos. A marca dessa reinterpretação é cristocêntrica. 3. O Apocalipse pretende ser obra profética. Isso deve-se ao fato de reivindicar a ação do Espírito, o mesmo que atuou nos antigos profetas. Contudo, agora ele clareia aquilo que estava na obscuridade da época da perspectiva, ele retoma a mensagem deles, colocando sob a perspectiva cristã. Ao fazer isso, reivindica sua posição profética igual aos demais profetas da Bíblia²¹², pois, “[o] testemunho de Jesus é o espírito da profecia” (Ap 19.10).

Diante do que foi comentado acima, qualquer estrutura proposta deve respeitar: Primeiro, que há uma relação entre a mensagem cristocêntrica do livro e o serviço cültico, litúrgico. Segundo, o Apocalipse utiliza-se da perspectiva messiânica do Antigo Testamento para apresentar a sua mensagem cristocêntrica como o cumprimento profético, tipológico e simbólico na nova dispensação, a era cristã.²¹³

A primeira abordagem é proposta por Richard Davidson e Jon Paulien que veem o Apocalipse estruturado nas cenas do ritual cültico do Santuário Mosaico ou do Templo de Salomão. Stefanovic diz que “[e]les mostram convincentemente que

²¹¹ “Em geral, os interpretes do Apocalipse pertencem a um de dois grupos, adotando ou uma abordagem progressiva ou uma abordagem cíclica à sua estrutura. O modo progressivo, também chamado de sucessivo ou linear apresenta um desenvolvimento contínuo do início ao fim do Apocalipse. O método cíclico, conhecido também como teoria da recapitulação, vê o conteúdo do livro de várias perspectivas e ressalta seus segmentos paralelos.” Em regra geral, os autores se prendem a estrutura dos sete com os seus devidos interlúdios - KISTEMAKER, 2014, p. 95. Stefanovic apresenta exemplos de estruturas do Apocalipse e procura mostrar onde tal posição é forte e onde é vulnerável - STEFANOVIC, 1995, p. 27-29. Ver outros exemplos de estrutura: DORNELES, VI. 7, 2014, p. 801-802; POHL, 2001, p. 50-55; OSBORNE, 2014, p. 33-34; KISTEMAKER, 2014, p. 96-100; MAXWELL, 1998, p. 55-64; DOUKHAN, 2002, p. 13-15.

²¹² PRIGENT, 1993, p. 19.

²¹³ Ver: DAVIDSON, 2017, p. 134-150.

cada uma das sete divisões principais é introduzida com uma cena de santuário” e “[p]arece que o livro inteiro está montado na tipologia do sistema do santuário”²¹⁴:

Prólogo (1.1-8)

1. Cena Introdutória do Santuário (1.9-20)
A mensagem para a sete igrejas (capítulos 2-3)
 2. Cena Introdutória do Santuário (capítulos 4-5)
A abertura dos sete selos (6 – 8.1)
 3. Cena Introdutória do Santuário (8. 2-5)
O toque das sete trombetas (8. 6-11.18)
 4. Cena Introdutória do Santuário (11. 19)
A ira das nações (12-15.4)
 5. Cena Introdutória do Santuário (15. 5-8)
As sete últimas pragas (capítulos 16-18)
 6. Cena Introdutória do Santuário (19. 1-10)
A consumação escatológica (19. 11-21.1)
 7. Cena Introdutória do Santuário (21. 2-8)
A nova Jerusalém (21. 9-22.5)
- Epilogo (22.6-21) (tradução nossa).²¹⁵

É importante que “[e]ssas sete cenas introdutórias do santuário formam o esqueleto do livro do Apocalipse”. Por isso, “[e]les indicam que o templo celestial em Apocalipse é visto como o centro de todas as atividades divinas” (tradução nossa).²¹⁶ Stefanovic comenta que

A estrutura dessas cenas introdutórias do santuário indica duas linhas definidas de progressão. Primeiro, há um círculo completo que se move da terra para o céu e depois volta à terra novamente. Há uma progressão definida, a inauguração do santuário celestial para a intercessão, para o

²¹⁴ “They have convincingly show that each of the seven major divisions is introduced with a sanctuary scene It appears that the entire book is set up on the sanctuary system typology.” - STEFANOVIC, 1995, p. 30.

²¹⁵ Prologue (1. 1-8)

1. Introductory sanctuary scene (1. 9-20)
The messages to the seven churches (chapters 2-3)
2. Introductory sanctuary scene (chapters 4-5)
The opening of the seven seals (6 – 8.1)
3. Introductory sanctuary scene (8. 2-5)
The blowing of the seven trumpets (8.6-11.18)
4. Introductory sanctuary scene (11.19)
The wrath of the nations (12 – 15.4)
5. Introductory sanctuary scene (15. 5-8)
The seven last plagues (chapters 16-18)
6. Introductory sanctuary scene (19. 1-10)
The eschatological consummation (19. 11-21.1)
7. Introductory sanctuary scene (1. 9-20)
The New Jerusalem (21.9-22.5)

Epilogue (22. 6-21)

STEFANOVIC, 1995, p. 30; Ver: PAULIEN, 2017, p. 217-222; PAULIEN, 1995, p. 247-255; DAVIDSON, 2017, p. p134-150.

²¹⁶ “These seven introductory sanctuary scenes seen to form the skeleton of the book of Revelation. They indicate that the heavenly temple in Revelation is seen as the center of all divine activities”.- STEFANOVIC, 1995, p. 30.

juízo, para a cessação da função do santuário e, finalmente, para a sua ausência (tradução nossa).²¹⁷

Quando comparado com o ritual cívico do Templo nos dias da sua existência, conforme registrado na *Mishnah*, observa-se à similaridade da estrutura do Apocalipse com o ritual do serviço diário chamado de *Tamid*²¹⁸. A *Mishnah* descreve o processo ritualístico do *Tamid* que era o nome do serviço realizado pelos sacerdotes diariamente, pela manhã e à tarde, que envolvia as ofertas sangrentas de animais e as ofertas e libações sobre o altar do holocausto (Ap 1.5,17,18), o cuidado com o candelabro (Ap 1.12,13; capítulos 2-3), a porta que se abria para entrada do sacerdote com o sangue provido das ofertas de animais (Ap 4.1; 5.9-10), a intercessão junto ao altar de ouro que estava na presença de Deus (Ap 8.1-3), o oferecimento de incenso (Ap 8.4). O serviço terminava quando o sacerdote saía e jogava o incensário no chão entre o altar de sacrifício e a entrada do santuário, provocando um barulho bem alto (Ap 8.5). Neste instante, sete sacerdotes tocavam suas trombetas, marcando o fim dos rituais diários (Ap 8.6-11.18).²¹⁹ A progressão continua e segundo Kenneth A. Strand, desde o capítulo 11.19 de Apocalipse até o fim do livro existem elementos claros do dia do juízo hebreu, chamado de Yom Kippur ou Dia da Expição.²²⁰

Diante da menção do ritual cívico do Templo hebreu e a festa de Yom Kippur, a segunda abordagem estrutural do livro do Apocalipse nesse trabalho é o ciclo de Festas Anuais do calendário hebreu, conforme apresentado em Levítico 23. As Festas no calendário bíblico iniciam-se com a Páscoa (Ap 1-3), a morte do “cordeiro” para o Antigo e Novo Testamentos e sua ressurreição para os Cristãos

²¹⁷ “The structure of these introductory sanctuary scenes indicates two definite lines of progression. First, there is a complete circle moving from earth to heaven and then back to earth again. The, there is a definite progression from the inauguration of the heavenly sanctuary to intercession, to judgment, to the cessation of the sanctuary function, and finally to its absence [...]”. - STEFANOVIC, 1995, p. 31.

²¹⁸ *Tamid*: Ver EXODUS 25.30; 27. 20; 28.29, 38; 29. 38, 42; 30.8; LEVITICUS 6.13, 20; 24.2, 8; NUMBERS 4:7, 16; 9:16; 28.3, 6, 10, 15, 23, 31; 29.6, 11, 16, 19, 22, 25, 28, 31, 34, 38, in: The WTT Hebrew text. In: **BIBLEWORKS**: versão9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011. O significado do termo pode ser encontrado em: BROWN, Francis, DRIVER, S.R; BRIGGS, Charles. Gesenius Hebrew-Aramaic and English Lexicon of the Old Testament, 1906. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0, 2011, que define assim: “ תָּמִיד (103 x): continuance, unceasingness:— 1. adv. continually 1K 10.8 (62 x); 2. after cs.: 'anšê tamîd men w. the standing responsibility to Ez 39.14; fire continually burning Lv 6.6; 'aruhat tamîd permanent maintenance 2K 25.30; esp. w. type of sacrifice: 'ôlat tamîd regular burnt-offering Ex 29.42, minhat tamîd Nu 4.16; hattamîd the regular sacrifice Dn 8.11 (sic).”

²¹⁹ STEFANOVIC, 1995, p. 32. Ver também STEFANOVIC, 2018, p. 60-61; DANBY, Hebert (trad.). **Mishnah Tamid**, 4.1-5.6. Oxford: Oxford University press, 1985. 844 p. 584-585. SCHÜRER, Emil. **The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ**. VI.2 . 2a. ed. Londres, UK: T & T Clark, 1979, p. 299-308.

²²⁰ STEFANOVIC, 1995, p. 32-33.

(Ap 1.5, 17-18). Depois, segue o Pentecostes (Ap 4-7) quando Moises vai até a presença de Deus para receber o livro da aliança. O livro da aliança é pego e apresentado ao povo que ratifica seu compromisso com o sangue do cordeiro sacrificado (Ex 24.7). Com a entronização do Cristo à presença de Deus, ele toma o livro da aliança e o apresenta ao povo (5-8.1). O Pentecostes para os cristãos também é o tempo do envio do Espírito de Deus para a terra, segunda a promessa do Pai e do Filho (Ap 5.5-8; Jo 14-16; At 2). A próxima festa é a Festa das Trombetas (Ap 8-11.18). Ela anuncia que o juízo divino através do seu Cristo está próximo (Ap 11.15), o décimo dia do sétimo mês (Lv 23. 24-25). Para o judaísmo, até o dia de hoje, o Dia da Expição (Yom Kippur: Lv 23. 26-32; Ap 11.19-22.5) é o dia em que Deus se assenta como juiz para julgar o mundo e separar as ovelhas dos bodes. Ou seja, é o julgamento que se estabelece para separar justos e injustos (Ap 11.19; 14.14-20; 19.11-20.15). Finalmente, a Festa dos Tabernáculos (Ap 22. 1-5) que segundo o texto de Levítico (23.33-44), o povo de Israel deveria “habitar” em “tendas”, isto é, em cabanas temporárias. Estas tendas temporárias são agora substituídas pelo “tabernáculo” permanente de Deus com seu povo em mundo recriado (Ap 21.1-3).²²¹

O que se pode deduzir de ambas as estruturas é que elas se relacionam entre si. Ambas as estruturas revelam uma mensagem tipológica do ritual cúlctico do Santuário ou do Templo terrestre, que é compreendida por João em sua hermenêutica cristã. Essa hermenêutica cristã vê agora o cumprimento profético centralizado na oferta sacrificial, ressurreição, ascensão e intercessão de Jesus Cristo (o Messias) (Ap 1.5-20) e através dele no ritual cúlctico do Santuário ou Templo celestial, uma ênfase importante para o tema proposto da relação entre o evangelho eterno e a adoração em Apocalipse 14.6-7.²²²

3.2 A quarta cena introdutória do Santuário: O tema da “ira das nações”

Antes de definir a perícopre, é necessário compreender um detalhe importante sobre o objeto de estudo. Apocalipse 14.6-7 faz parte de um grande

²²¹ Para maiores detalhes como a estrutura do Ciclo das Festas hebraicas são apresentadas no Apocalipse ver STEFANOVIC, 1995, p. 33-35; DOUKHAN, 2002. p. 13-14.

²²² Aqui vale a pena mencionar o livro de Hebreus (4.14-8.13; 9.1 -10. 39) que apresenta para os judeus cristãos que Jesus Cristo é o superior Sumo Sacerdote do verdadeiro e superior Santuário, feito pelo próprio Deus. O autor também trata da superioridade de Cristo sobre toda o sistema de ofertas e sacrifício ritualístico levítico.

bloco que na estrutura utilizada nesse trabalho é denominada de “a ira das nações”. O bloco começa com o verso 19 do capítulo 11 e prossegue até o verso 4 do capítulo 15.²²³ O que define esse bloco como uma unidade é o fato de o verso 19 do capítulo 11 possuir uma cena introdutória do santuário celestial e no bloco seguinte, versos 5 a 8 do capítulo 15, apresentar nova cena introdutória do santuário. Logo, delimita-se o bloco onde a passagem em estudo se encontra pelas duas cenas introdutórias do santuário.

O capítulo 12 de Apocalipse descreve uma mulher, povo da aliança²²⁴, com seu filho, o Messias²²⁵, que são perseguidos pelo dragão (antiga serpente, diabo, Satanás [Ap 12.9]) e os poderes políticos, econômicos e religiosos antagônicos a Deus.²²⁶ Descreve-se em seguida uma guerra no céu, onde o diabo é expulso com seus anjos e vem com fúria para a terra, porque sabe que pouco tempo lhe resta.²²⁷

Em seguida, o dragão continua perseguindo a mulher na tentativa de destruí-la. Ela é salva pela providência divina. Sobram os filhos da mulher, uma semente, cujas características são guardar os mandamentos de Deus e terem o testemunho de Jesus.²²⁸

No capítulo 13 de Apocalipse, o dragão, não satisfeito com a segurança dos filhos sobreviventes da mulher, faz surgir do mar um poder, representado pela besta do mar, para perseguir e destruir os “santos” remanescentes. Para isso, ele também faz surgir da terra um outro poder, representado pela besta da terra, que tem a finalidade de levar a humanidade à rebelião contra Deus em apostatada idolatria, ou seja, adorar a criatura em vez do Criador. As três entidades perseguem, com fúria, a semente que sobra, a qual busca ser leal a Deus e à sua palavra revelada.²²⁹

O que chama a atenção é que o dragão procura usurpar o papel de Deus ao fazer surgir do mar e da terra dois seres (Ap 13.1,11), assemelhando-se com o que acontece na obra da criação, quando Deus primeiro cria os animais das águas e depois da terra (Gn 1.20-25). O dragão exerce toda a autoridade sobre a terra como

²²³ PAULIEN, 1992, p. 187-188. Para LaRondelle, a seção abrange os capítulos 12-14. Ver: LARONDELLE, 2000. p. 270-297.

²²⁴ Uma simbologia e tipologia do povo de Israel no Antigo Testamento e uma descrição da Igreja no Novo Testamento. Ver LARONDELLE, 2000. p. 278-279.

²²⁵ Ver comentário de LARONDELLE, 2000. p. 282-283

²²⁶ LARONDELLE, 2000. p. 273.

²²⁷ LARONDELLE, 2000. p. 273.

²²⁸ Ver comentário de LARONDELLE, 2000. p. 275-276, 281-282, 298-319.

²²⁹ Para um estudo sobre o tema do capítulo 13 de Apocalipse ver LARONDELLE, 2000. p. 298-319.

seu governante (Ap 13.2), uma contrafação de Deus que é o Senhor sobre toda criação (Ap 4.11).²³⁰

Já a besta do mar procura imitar a Jesus Cristo como uma paródia²³¹, pois ela recebe poder do dragão para governar e agir sobre o mundo todo (Ap 13.2,4,7), assim como Cristo recebeu o poder do seu Pai para agir (Jo 17.1-10) e após a sua ressurreição tem todo poder do céu e da terra (Mt 28. 19-28). A besta do mar recebe uma ferida de morte e ressuscita (Ap 13.3) da mesma forma que Cristo que foi ferido e ressuscitou dentre os mortos (Jo 19. 28-37). A palavra grega para se referir à morte da besta é a mesma para se referir à morte do Cordeiro, Jesus (Ap 5.6).²³² Após a sua ressurreição, a besta é exaltada e adorada pelo mundo todo (Ap 13.7,8), da mesma maneira que Cristo foi exaltado e recebe adoração por aqueles que o confessam (Ap 5; Fp 2.5-11). Devido às ações da besta, a humanidade adora a besta e o dragão (13.4), da mesma forma que Cristo é glorificado e ele mesmo glorifica a seu Pai (Jo 17.1-2, 4-6).

Pode-se declarar que a besta do mar é uma aliada do dragão para realizar a missão enganadora de apresentar-se como a contrafação de Jesus Cristo e seu ministério de salvação²³³. É uma pretensão de messianismo e de se colocar como salvador do mundo²³⁴. Cristo advertiu seus discípulos no seu sermão escatológico de que viriam falsos cristos, e que seus seguidores não deveriam ser enganados por eles (Mt 24. 4-5, 24-26). Assim, a besta é reconhecida como o anticristo.²³⁵

O mesmo ocorre com a besta da terra que procura imitar a terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. O evangelho de João apresenta que o “propósito do Espírito Santo é exercer a autoridade de Cristo, conduzindo as pessoas a Jesus” (Jo 15.26; 16.13,14).²³⁶ A besta da terra recebe a autoridade do dragão e procura levar os habitantes do mundo inteiro a adorar a primeira besta ou a imagem dela (Ap 13. 12,15). A besta da terra faz descer fogo do céu (13.13), uma referência ao profeta

²³⁰ OSBORNE, 2014, p. 550. FRIBERG, Timothy; FRIBERG, Barbara; MILLER, Neva F. **Analytical Lexicon to the Greek New Testament. Baker's Greek New Testament Library.** Grand Rapids: Baker, 2000: “σφάζω: (1) of animals, especially when killed as a sacrifice *slaughter, slay*; metaphorically, of Jesus' atoning death as the Lamb of God (RV 5.6, 9); (2) of persons *put to death by violence, kill, murder* (1J 3.12); ὡς ἐσφαγμένη εἰς θάνατον *as if mortally wounded* (RV 13.3).”

²³¹ OSBORNE, 2014, p. 556-557.

²³² STEFANOVIC, 2018, p. 76; KISTEMAKER, 2014, p. 492; OSBORNE, 2014, p. 575

²³³ STEFANOVIC, 2018, p. 76.

²³⁴ VALDEZ, Adylson. **O livro do Apocalipse: Uma interpretação conforme a história e o simbolismo bíblico.** São Paulo, SP: Fonte Editora, 2009, p. 112.

²³⁵ OSBORNE, 2014, p.553-554.

²³⁶ STEFANOVIC, 2018, p. 79.

Elias, que fez descer fogo do céu (I Rs 18.38) e também ao Pentecostes de Atos 2, onde o Espírito Santo desceu em forma de língua fogo.²³⁷

A segunda besta opera maravilhas com sinais para que a humanidade reconheça o poder da besta do mar, assim como o livro de Atos apresenta os sinais que o Espírito fazia pelos apóstolos e profetas para que os seres humanos reconhecessem a Jesus como o Salvador e Senhor.²³⁸ Ela exalta a primeira besta (13.14) assim como o Espírito Santo vem para glorificar a Cristo (Jo 16). Enquanto o Espírito sela a vida daqueles que creem e vivem uma experiência salvífica com Cristo (Ef 1.13,14; 4.30), a besta da terra impõe uma marca, a marca da besta, aos seguidores da imagem da besta. Uma contrafação da obra do Espírito Santo.²³⁹ A besta da terra é um falso profeta, como Cristo advertiu a seu povo (Mt 24.11, 23-26).

Outro ponto que deve-se considerar é a maneira como a adoração ocorre no capítulo 13. A sessão da “ira das nações” inicia-se com a abertura do santuário de Deus, que se acha no céu, e a visibilidade da arca da Aliança no seu santuário (Ap 11.19). Já capítulo 12, verso 17, fala que o dragão foi “pelejar” com aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus”. Na cena no céu aparece a arca que contém os mandamentos da aliança²⁴⁰ entre Deus e seu povo e na terra um grupo de pessoas que se mantém firme na guarda dos mandamentos e no testemunho de Jesus, isso é, a Palavra dada aos profetas (Ap 12.17; 19.10). Nesse contexto é que surgem as duas bestas. Um forte contraste e conflito se revela no texto do capítulo 13 e envolve os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus, bem como a frequente referência à falsa adoração da tríade do mal. Cinco vezes é mencionado a falsa adoração no capítulo 13 com o uso do verbo *proskunein* (13. 4 [duas vezes]), 8, 12 e 15).²⁴¹ Esse contraste e conflito estão relacionados

²³⁷ Para propósito desse trabalho não se entra em detalhes sobre o tema de Elias.

²³⁸ Ver comentário de STEFANOVIC, 2018, p. 79.

²³⁹ STEFANOVIC, 2018, p. 80; OSBORNE, p. 574, 575-576.

²⁴⁰ Textos que mostram a relação entre a arca da Aliança e as tabuas com os 10 mandamentos da aliança entre Deus e o povo de Israel. A arca com os mandamentos se encontrava no santuário mosaico, depois do segundo véu: “Então, vos anunciou ele a sua aliança, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra (Dt 4.13)”. “E, tendo acabado de falar com ele no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus. (Ex 31.18)”. “Introduziu a arca no tabernáculo, e pendurou o véu do reposteiro, e com ele cobriu a arca do Testemunho, segundo o SENHOR ordenara a Moisés (Ex 40.21)”. “Assim, fiz uma arca de madeira de acácia, lavrei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi ao monte com as duas tábuas na mão. Então, escreveu o SENHOR nas tábuas, segundo a primeira escritura, os dez mandamentos que ele vos falara no dia da congregação, no monte, no meio do fogo; e o SENHOR mas deu a mim. Virei-me, e desci do monte, e pus as tábuas na arca que eu fizera; e ali estão, como o SENHOR me ordenou (Dt 10.3-5)”.

²⁴¹ **BIBLEWORKS**: versão 9.0, 2011.

com aquilo que é introduzido na quarta cena da “ira das nações” e com as características dos filhos da “mulher”, pois estes são que guardam os mandamentos e tem o testemunho de Jesus”. Os filhos da mulher são objeto da fúria do dragão e seus agentes.

O contraste que leva ao conflito escatológico, segundo o Apocalipse, é porque primeiramente o texto fala da adoração ao dragão e à besta (13.4,12). Depois a segunda besta faz uma imagem para que a humanidade preste adoração através de culto (13.14). O nome da besta deve ser horado e aqueles que adoram a besta ou a sua imagem recebem a marca do seu nome sobre a fronte ou sobre a mão direita (13. 16-17). Em oposição ao mandamento de “não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão [...]” (Êx 20.7), a besta blasfema o nome de Deus (13.6).

Quando comparados com os primeiros quatro mandamentos de Êxodo 20, observa-se uma contrafação dos mesmos. Os quatro mandamentos envolvem adoração, culto e reverência a Deus e ao mencionar os quatro mandamentos, deve-se ter em mente que a adoração e o culto à criatura é uma ação antropocêntrica²⁴² ou idolátrica em contraste com a adoração e culto bíblicos ao verdadeiro Deus triúno.²⁴³

Com isso, tem-se uma falsa trindade que possui um falso evangelho, com falsos prodígios para enganar a terra toda para que adorem a falsa trindade seguindo falsos mandamentos com seus objetos idolátricos como a “imagem da besta”, o “nome da besta” ou o “seu número” (Ap. 13. 14,16-17; Ap 16.13-14). Logo, o objetivo do capítulo 14 é enfatizar ainda mais o contraste que aparece nos capítulos 11.19 a 13 e 15-18.

3.3 Estrutura de Apocalipse 14 e a perícopé dos versos 14.6-13

Como a hermenêutica para análise dos textos bíblicos se vale de princípios de interpretação, entre os quais se encontra o seu contexto textual, é relevante

²⁴² O número da besta é número de ser humano (Ap 13.18).

²⁴³ Osborne faz um paralelo entre a adoração e culto a Deus no Antigo Testamento e a pretensão do dragão, da primeira besta e da segunda besta de estabelecer uma adoração, isto é, um serviço litúrgico ou culto a criatura e ao mesmo tempo a profanação daquilo que é sagrado e que envolve o nome de *YHWH* (lavé) - OSBORNE, 2014, p. 558-568. Ele também apresenta o aspecto ético da fidelidade a Deus em mencionar a fidelidade dos “santos” em contraste com a adoração a falsa trindade – OSBORNE, 2014, p. 568, 569).

saber qual é o contexto dos versos 6 e 7, porque contribuirá para a análise exegética e teológica dos termos em questão.

3.3.1 Delimitação da perícopes

No bloco da “ira das nações” existe uma divisão natural de temas e dentro desses temas aparecem pequenas porções que são demarcadas pelas expressões “viu-se”, “vi” ou “olhei” / “observei” (12.1,3; 13.1,11; 14.1,6,14; 15.1, 2). Isso indica que o verbo “ver” é um determinador para estabelecer uma nova ideia que surge dentro do bloco. Assim, a perícopes é definida como sendo 14.6-13, pois apresenta o verbo “ver” no verso 6 e que só será concluído com outro verbo “ver/olhar” do verso 14.

3.3.2 Estrutura do Capítulo 14

A estrutura do capítulo 14 pode ser assim definida:

1. O cântico dos cento e quarenta e quatro mil (14.1-5).
 - a. O Cordeiro sobre o monte Sião com o cento quarenta mil (14.1).
 - b. Os santos cantam um cântico novo (14.2,3).
 - c. O caráter triunfante dos redimidos (14.4,5).
2. A mensagem dos três anjos (14.6-13).
 - a. O primeiro anjo com o evangelho eterno convida a adorar o Criador porque chegou a hora do juízo (14.6-7).
 - b. O segundo anjo anuncia a destruição de todo sistema humano apóstata e em rebelião contra o Reino de Deus (14.8).
 - c. O terceiro anjo pronuncia o juízo sobre os que adoram a besta, sua imagem ou recebem o seu nome ou número (14.9-11).
 - d. Conclusão ética: chamado à perseverança (14.13).
3. A colheita na terra (14.14-20).
 - a. A Colheita do grão (14.14-16).
 - b. A colheita da uva (14.17-20).²⁴⁴

²⁴⁴ Adaptado da estrutura de OSBORNE, 2014. p. 34, 587, 596, 615.

Dessa forma, percebe-se que o capítulo 14 possui uma sequência lógica no desenvolvimento do texto e o objetivo é formar um contraste com aquilo que vem antes, capítulos 12 e 13, e depois, 15.1-4, ou na sua expansão, capítulos 15-18. Esse bloco da “ira das nações” tem como centro duas forças oponentes que buscam para si a atenção, a adoração e o serviço cúltilo da humanidade. O que faz a diferença do destino de cada uma delas é a maneira como cada uma responde à mensagem do primeiro anjo que tem um evangelho eterno para convidar a humanidade a temer, glorificar e adorar o Criador, demonstrando sua fidelidade pela guarda dos mandamentos, o testemunho de Jesus e a fé de Jesus (12.17; 14.12).

3.4 Análise gramatical e sintática de Apocalipse 14.6-7

Antes de fazer a análise, apresenta-se abaixo o texto grego de Apocalipse 14.6-7 e a sua tradução para a língua portuguesa.

3.4.1 Texto Grego

O texto grego de Nestle-Aland²⁴⁵ referente a Apocalipse 14.6-7 segue abaixo:

14.⁶ Καὶ εἶδον ἄλλον²⁴⁶ ἄγγελον πετόμενον ἐν μεσουρανήματι, ἔχοντα εὐαγγέλιον αἰώνιον εὐαγγελίσαι ἐπὶ τοὺς καθημένους ἐπὶ τῆς γῆς καὶ ἐπὶ πᾶν ἔθνος καὶ φυλὴν καὶ γλῶσσαν καὶ λαόν, ⁷ λέγων ἐν φωνῇ μεγάλῃ· φοβήθητε τὸν θεὸν καὶ δότε αὐτῷ δόξαν, ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα τῆς κρίσεως αὐτοῦ, καὶ προσκυνήσατε τῷ ποιήσαντι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν καὶ πηγὰς ὑδάτων.

3.4.2 Texto da Bíblia de Jerusalém

²⁴⁵ *Novum Testamentum Graece Nestle-Aland*. 27 ed. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1993. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

²⁴⁶ A variação do texto que existe é aquela que aparece no aparato crítico de *Bible NET*: “tc Most MSS (147 N* U sa) lack ἄλλον (*allon*, “another”) here, but the support for it is stronger (1^{15vid} N² A C P 051 1006 1611 1841 2053 2329 *al latt sy bo*). The problem that its inclusion represents is that there is no reference to any other angel in the immediate context (the last mention was in [Rev 11:15](#)). In this instance, the longer reading is harder. The word was probably intentionally omitted in order to resolve the tension; less likely, it might have been accidentally omitted since its spelling is similar to “angel” (ἄγγελος, *angelos*)” (sic) - *THE NET Bible, Version 1.0* - Copyright © 2004, 2005 Biblical Studies Foundation. In: **BIBLEWORKS**: versão 10.0.4. BibleWorks P.O. Box 6158, Norfolk, VA, 23508, 2015.

O uso de traduções mais próximas do original é relevante para esse trabalho exegetico. Optou-se pela tradução de *A Bíblia de Jerusalém*²⁴⁷ por ser um texto utilizado no meio acadêmico. O texto do capítulo 14. 6-7 está da seguinte forma:

⁶ Vi depois outro Anjo que voava no meio do céu, com um evangelho eterno para anunciar aos habitantes da terra, a toda nação, tribo, língua e povo. ⁷ Ele dizia em alta voz: "Temei a Deus e tributai-lhe glória, pois chegou a hora do seu julgamento; adorai aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes".

Segue-se nessa seção o estudo gramatical e sintático do texto de Apocalipse 14.6-7 com o objetivo de compreender o problema proposto.

3.4.3 Estudo exegetico de Apocalipse 14.6-7

Verso 6:

Καί (quando se usa a palavra isolada, o acento grave vira agudo. Não sei como interferir na palavra grega para fazer a mudança) - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.²⁴⁸

εἶδον – verbo do 2º aoristo, indicativo ativo, 1ª pessoa singular de *ὄραω*: ver, perceber, avistar.²⁴⁹ Tradução: vi.

ἄλλον – Adjetivo indefinido acusativo masculino singular de *ἄλλος, η, ο*: outro, outra.²⁵⁰

ἄγγελον – substantivo acusativo masculino singular comum de *ἄγγελος, ου, ό*: mensageiro, anjo.²⁵¹

πετόμενον – verbo do presente, particípio médio, acusativo, masculino singular de *πέτομαι*: voar (Ap 4.7; 8.13; 12.14; 14.6; 19.17).²⁵² Tradução: voou, voando.

²⁴⁷ APOCALIPSE. In: **A BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1980, p. 2316 e 2317.

²⁴⁸ *Καί* - É uma conjunção de coordenação com o sentido que varia de acordo com as circunstâncias. Pode ser traduzido como "então" para indicar a sequência implícita dentro da narrativa. Ver: FRIBERG, 2000.

²⁴⁹ Quando: 1) transitivo: (a) percepção sensível: ver, perceber, avistar (Mt 24.30); vá ver, visite (Hb 13.23); (b) observar o que está sendo comunicado sobrenaturalmente: ver (Lc 1.22); passivo: tornar-se visível, aparecer (At 16.9); (c) de um modo experiencial, como chegar ao conhecimento: ver, experimentar, conhecer, testemunhar (Jo 1.50); (d) percepção mental e espiritual; perceber, anotar, reconhecer, descobrir (At 8.23); (2) intransitivo: (a) olhe para alguém (Jo 19.37); (b) predominantemente usado em advertências e instruções: consulte (Mt 27.4); tome cuidado (cuidado) (Mt 18.10); olhe para fora, cuidado, fique de guarda (contra) (Mt 16.6); elipticamente *ὄρα μή*: não faça isso! (Ap 19.10). Ver: FRIBERG, 2000.

²⁵⁰ FRIBERG, 2000.

²⁵¹ FRIBERG, 2000.

ἐν – preposição dativo de *ἐν*: em, dentro, dentro de.²⁵³ Tradução: em.

μεσουρανῆματι- substantivo dativo neutro singular comum de *μεσουράνημα*, *ατος*, *τό*: O ponto mais alto do circuito do sol no céu zênite, no ar, diretamente acima.²⁵⁴ Meio do céu.²⁵⁵ Tradução: no meio do céu.

ἔχοντα – verbo do presente ativo, acusativo, masculina singular de *ἔχω*: ter.²⁵⁶
Tradução: tendo.

εὐαγγέλιον – substantivo acusativo, neutro, singular comum de *εὐαγγέλιον*, *ου*, *τό*: boas novas, evangelho (Mt 4.23; 26.13; Mc 1.1, 14, 15; 8.35; At 15.7; Ro 1.16; 1 Co 9.12,18, 23; 2 Co 4.4; 11.7; Ef 6.15; Cl 1.5, 23; 1 Pe 4.17). No Apocalipse aparece somente uma única vez a palavra *εὐαγγέλιον* e é no capítulo 14, verso 6²⁵⁷. O Léxico Friberg apresenta uma informação relevante ao dizer que *εὐαγγέλιον* é as boas notícias e no Novo Testamento somente a mensagem de salvação de Deus é as boas novas; não há outras boas novas a não ser o plano de Deus para salvar a humanidade. A palavra *εὐαγγέλιον* pode ter as seguintes conotações: (1) como denotando o ato de proclamar a pregação do evangelho (1Co 4.15); (2) como denotando a obra de evangelização, causa, serviço ou difusão do evangelho (Fp 4.3); (3) como denotando o conteúdo da mensagem como uma oferta de salvação do evangelho, boas novas, a mensagem de Deus (1Co 9.14a).²⁵⁸ Tradução: um evangelho, umas boas novas.

αἰώνιον – Adjetivo acusativo, neutro singular de *αἰώνιος*, *ία*, *ον*: eterno, perpétuo, para sempre, sem começo nem fim.²⁵⁹

εὐαγγελίσαι – verbo aoristo infinitivo ativo de *εὐαγγελίζω*: evangelizar, proclamar o evangelho. Voz ativa no Apocalipse; predominantemente voz média / passiva no resto do Novo Testamento: (1) geralmente trazem ou anunciam boas novas (Lc 1.19); (2) predominantemente no Novo Testamento como tornar

²⁵² Quando alguém envia para contar ou trazer uma mensagem: mensageiro; (1) de pessoas: mensageiro, enviado, alguém enviado (Mc 1.2); (2) de mensageiros divinos e agentes de Deus: anjo (Lc 1.26); (3) de poderes demoníacos como mensageiros de Satanás (maus) anjo (Mt 25.41); (4) especificamente no Apocalipse 1.20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14 provavelmente ministro, um supervisor de um grupo de crentes sob a supervisão de Jesus: mensageiro. Ver: FRIBERG, 2000.

²⁵³ FRIBERG, 2000.

²⁵⁴ FRIBERG, 2000.

²⁵⁵ GINGRICH, F. Wilbur. *Shorter Lexicon of the Greek New Testament*. Edited by Frederick W. Danker. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

²⁵⁶ Possui uma ampla gama de significados derivados dos contextos e termos que os acompanham. Outros significados: Segurar, manter, conter, possuir FRIBERG, 2000.

²⁵⁷ GINGRICH, 1983.

²⁵⁸ FRIBERG, 2000.

²⁵⁹ FRIBERG, 2000.

conhecida a mensagem de salvação de Deus com autoridade e poder, contar as boas novas, tornar conhecido o evangelho, evangelizar (At 5.42); na voz passiva tem o evangelho pregado a alguém (Mt 11.5).²⁶⁰ Em Gingrich, tem-se que na voz ativa e média o significado de trazer/traga ou anunciar/anuncie boas novas (Lc 1.19; Ap 14.6). Proclamar, pregar o evangelho (Lc 4.43; 13.32; Rm 15.20; 1 Co 15.1; 2 Co 10.16; Gl 1.11, 23; 1 Pe 1.12). Na voz passiva: ter boas novas (o evangelho) pregadas a alguém (Mt 11.5; Hb 4. 2, 6).²⁶¹ Tradução: evangelizar, anunciar as boas novas, proclamar as boas novas.

ἐπί - preposição acusativa de *ἐπί*. Preposição com um significado básico: sobre, em direção a, para.²⁶²

τοὺς – artigo definido acusativo masculino plural de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τὰ*: os, as.²⁶³ Tradução: os.

καθήμενους – verbo presente do particípio médio acusativo, masculino plural de *κάθηναι*: sentar, sentar-se.²⁶⁴ Tradução: aos que se assentam, aos que [estão] assentados.

ἐπί - preposição genitiva de *ἐπί*: sobre, acima.²⁶⁵ Tradução: sobre.

τῆς – artigo definido genitivo feminino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τὰ*: os, as.²⁶⁶ Tradução: a.

γῆς – substantivo genitivo feminino singular comum de *γῆ, γῆς ἡ*: Terra, terra solo, chão.²⁶⁷ Tradução: Terra habitada pela humanidade, Terra. Expressão: *ἐπί τῆς γῆς* significa entre as pessoas (Lc 18.8).²⁶⁸

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim. Tradução: e.²⁶⁹

ἐπί - preposição acusativa de *ἐπί*: sobre.²⁷⁰ Tradução: em direção a, para.

²⁶⁰ FRIBERG, 2000.

²⁶¹ GINGRICH, 1983.

²⁶² Contudo, *ἐπί*, com uma ampla gama de significados de acordo com o contexto: (1) Com o genitivo: sobre, acima; perto, pelo, em, diante. (2) Com o dativo: sobre, em, acima, por causa de, de (origem), com. (3) Com o acusativo: através, sobre, além de, para, em direção a, em cima de. Ver: GINGRICH, 1983.

²⁶³ GINGRICH, 1983.

²⁶⁴ GINGRICH, 1983.

²⁶⁵ GINGRICH, 1983.

²⁶⁶ GINGRICH, 1983.

²⁶⁷ Terra, terra solo, chão (Mt 5.18; 10.29; 13.5, 8, 23; Mc 8. 6; Lc 6.49; 13.7; Jo 12.24; Cl 1.16; Hb 6.7; 2 Pe 3.13); terra seca (Mc 4: 1; 6:47; Jo 6.21; At 27.39, 43); terra, região, país (Mt 2.6; Mc 15.33; At 7. 3f, 6, 36); a terra habitada (Lc 21.35; At 1.8); como o local das pessoas, a humanidade (Mt 5.13; Lc 18. 8; Ro 9.28; Ap 14.3). Ver. FRIBERG, 2000.

²⁶⁸ FRIBERG, 2000.

²⁶⁹ FRIBERG, 2000.

²⁷⁰ GINGRICH, 1983.

πάν – adjetivo indefinido acusativo neutro singular não declinável de *πᾶς*, *πᾶσα*, *πάν*, gen. *παντός*, *πάσης*, *παντός*: tudo, todo.²⁷¹ Tradução: todo.

ἔθνος – substantivo acusativo neutro singular comum de *ἔθνος*, *ους*, *τό*: nação, pessoas, povo.²⁷² Tradução: nação.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.²⁷³ Tradução: e.

φυλήν – substantivo acusativo feminino singular comum de *φυλή*, *ῆς*, *ή*: tribo.²⁷⁴

γλῶσσαν – substantivo acusativo feminino singular comum de *γλῶσσα*, *ης*, *ή*: língua (1) literalmente, o órgão da fala, do paladar. Figuradamente, como um meio de comunicação verbal, língua, linguagem. (2) Por metonímia tribo, povo, nação que fala uma linguagem em comum.²⁷⁵ Tradução: povo que fala uma linguagem em comum.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.²⁷⁶ Tradução: e.

λαόν – substantivo acusativo masculino singular comum de *λαός*, *οῦ*, *ό*: povo.²⁷⁷ Tradução: povo, pessoas de uma nacionalidade.

Verso 7:

λέγων – verbo presente particípio ativo nominativo masculino singular de *λέγω*: dizer, contar, falar, expressar oralmente.²⁷⁸ Tradução: dizendo

ἐν - preposição dativo de *ἐν*: em, dentro, dentro de.²⁷⁹ Tradução: em.

²⁷¹ *πᾶς*, *πᾶσα*, *πάν*, gen. *παντός*, *πάσης*, *παντός*: (1). Como adjetivo; (a) sem o artigo; (i) com significado elativo, denotando: o mais alto grau, todos, completo, supremo, maior. (ii) com significado distributivo, denotando: cada indivíduo em uma classe cada, todo, todos, tudo; (iii) geograficamente, implicando a inclusão de todas as partes de um lugar; (b) com o artigo na posição predicada; singular tudo, todo, inteiro; plural todos, um e todos, todo o grupo; (c) com o artigo na posição atributiva, enfatizando o conteúdo total de algo inteiro, como um todo, geralmente. (2) Como substantivo; (a) sem o artigo; (i) singular cada um, todos. (ii) Plural: todos, todas; em um sentido absoluto: todas as coisas, tudo; (iii) com uma preposição em um sentido adverbial em todos os sentidos, em todos os aspectos. (b) com o artigo para implicar a inclusão de todos os membros ou partes de uma categoria todos; absolutamente todas as coisas, o universo, tudo. Ver: FRIBERG, 2000.

²⁷² FRIBERG, 2000.

²⁷³ FRIBERG, 2000.

²⁷⁴ Como uma subdivisão étnica dentro de uma total comunidade, tribo. Ver: FRIBERG, 2000.

²⁷⁵ FRIBERG, 2000.

²⁷⁶ FRIBERG, 2000.

²⁷⁷ *λαός*, *οῦ*, *ό*: (1) Relacionado com o público em geral, multidão, população, pessoas, povo. (2) Nacionalidade: quando as pessoas compõem uma nação. (3) Quando um termo técnico religioso (povo de Israel). Ver: FRIBERG, 2000.

²⁷⁸ FRIBERG, 2000.

²⁷⁹ FRIBERG, 2000.

φωνῆ - substantivo dativo feminino singular comum de *φωνή*, , ἤς, , ἡ: 1. Som, barulho, tom. 2. Voz, chamar, chorar, clamor, declaração alta ou solene, uma voz falada do céu. 3. Linguagem.²⁸⁰ Tradução: voz, clamor.

μεγάλη - adjetivo normal dativo feminino singular não declinável de *μέγας, μεγάλη, μέγα*: tem como básico significado, grande.²⁸¹ Tradução: grande.

φοβήθητε - verbo aoristo, imperativo passivo, 2ª pessoa plural de *φοβέωφοβέω*: somente passivo no Novo Testamento. Significado: temer, ficar assustado, ter medo de alguém.²⁸² Tradução: temei.

τὸν - artigo definido acusativo masculino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τὰ*: os, as.²⁸³ Tradução: o²⁸⁴

θεὸν - substantivo acusativo masculino singular comum de *θεός, οὗ, ὁ* e *ἡ*: (1) O supremo ser divino, a verdadeiro, vivo e pessoal Deus.²⁸⁵ Tradução: Deus.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.²⁸⁶ Tradução: e.

δότε - verbo aoristo imperativo ativo, 2ª pessoa plural *δίδωμι*: dar,²⁸⁷ tributai.²⁸⁸

²⁸⁰ FRIBERG, 2000.

²⁸¹ Traduz-se dependendo do contexto - (1) De extensão de espaço grande, espaçoso, largo, longo (Mc 4.32; 14.15); (2) de número e quantidade grande, grande, abundante (He 10.35); (3) de intensidade e grau (Ap 16.9). Ver: FRIBERG, 2000.

²⁸² Significado: (1) ter medo, ficar assustado; (a) ficar absolutamente assustado, ficar alarmado, ter medo (Mt 10.31); *φοβεῖσθαι ἀπό τινος* ter medo de alguém (Mt 10.28a); como um infinitivo, ter medo, recuar de fazer algo (Mt 1.20); (b) transitivo: temer alguém (Jo 9.22); temer algo (He 11.23); (2) reverência, respeito, medo; (a) para Deus (Lu 1.50); (b) para uma pessoa (Ef 5.33). Ver: .FRIBERG, 2000.

²⁸³ GINGRICH, 1983.

²⁸⁴ Não se traduz na língua portuguesa por presumir que o substantivo “Deus” seja um nome próprio já definido.

²⁸⁵ *θεός, οὗ, ὁ* e *ἡ*: (1) O supremo ser divino, a verdadeiro, vivo e pessoal Deus (Mt 1.23; provavelmente Jo 1.1b); (2) como um ídolo, deus (At 14.11); deusa (At 19.37); (3) uso com diabo como o espírito governante dessa era, deus (2 Co 4.4); (4) como um adjetivo, divino (provavelmente Jo 1.1b se refere ao Logos); (5) figurativo: (a) de pessoa dignas de reverencia e respeito como magistrados e juizes, deuses (Jo 10.34); (b) do ventre quando o apetite está no controle, deus (Ef 3.19) - Ver: FRIBERG, 2000. Já para Gingrich, o significado é: Deus, deus - um termo geralmente usado no mundo antigo para seres que tem poderes ou conferem benefícios que vão além da capacidade dos mortais. Na tradução, o termo em maiúscula “Deus” refere-se a uma divindade específica e ordinariamente ao Deus único de Israel: (1) Deus de Israel, em oposição as outras chamadas deidades (Gl 4.8), como revelado aos patriarcas (Lc 20.37); como Criador (Mc 13.19); como Pai que enviou Jesus Cristo (Jo 17.3); como Pai exclusivamente de Jesus Cristo (Rm 15.6); como o Pai dos crentes (Rm 1.7). (2) Referente a outros deuses, mas não ao Deus de Israel (1 Co 8.5; Gl 4.8); exemplos: o deus Rafia (At 7.43); ἡ θεός, a deusa Artêmis (At 19.37) – Ver: GINGRICH, 1983.

²⁸⁶ FRIBERG, 2000.

²⁸⁷ *δίδωμι*: A tradução varia amplamente de acordo com o contexto. Exemplos: trazer (Lc 2.24); conceder (Mt 13.11); causar (At 2.19; 1 Cor 9.12); colocar (Lc 15.22; 2 Co 6.3; Ap 17.17); infligir (2 Tm 1.8) permitir (At 2.27; Mc 10.37); rendimento (Tg 5.18); produzir (1 Co 14.7f); confiar (Mt 25.15; Jo 6.37, 39); pagar (Mc 12.14); nomear (At 13.20; Ef 1.22); ofertar, sacrificar (Mc 10.45; Lc 22.19). Ver: FRIBERG, 2000.

²⁸⁸ GINGRICH, 1983.

αὐτῷ - pronome pessoal dativo masculino singular da 3ª pessoa de *αὐτός*, *αὐτή*, *αὐτό*: ele, ela, ele/ela.²⁸⁹ Também: o mesmo, o próprio.²⁹⁰ Tradução: lhe.

δόξαν, - substantivo acusativo feminino singular comum de *δόξα, ης, ἡ*: brilho, radiação, esplendor, glória.²⁹¹ Tradução: glória.

ὅτι - conjunção subordinativa de *ὅτι*: uma conjunção causal porque, desde.²⁹² Tradução: porque.

ἦλθεν - verbo aoristo, indicativo ativo, 3ª pessoa singular de *ἔρχομαι*: vir, chegar.²⁹³ Tradução: chegou.

ἡ - artigo definido nominativo feminino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τά*: os, as.²⁹⁴ Tradução: a.

ῥα - substantivo nominativo feminino singular comum de *ῥα, ας, ἡ*: hora (tempo de uma ocorrência).²⁹⁵

τῆς - artigo definido genitivo feminino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τά*: os, as.²⁹⁶ Tradução: a

κρίσεως - substantivo genitivo feminino singular comum de *κρίσις, εως, ἡ*: juízo julgamento.²⁹⁷ Tradução: do julgamento, do juízo.

²⁸⁹ FRIBERG, 2000.

²⁹⁰ GINGRICH, 1983. Ver ainda: *αὐτός, αὐτή, αὐτό*: Caso dativo, uso como pronome obliquo, pronome da terceira pessoa *αὐτῷ, αὐτῆς, αὐτῶ*: o, a, os, as, ele, ela, ele/a, lhe. LUST, Johan; EYNIKEL, Erik; HAUSPIE, Katrin (ed.). **A Greek-English Lexicon of the Septuagint.** Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2003.

²⁹¹ *δόξα, ης, ἡ*: (1) brilho, radiação, esplendor, (Lc 9:31f; At 22.11; 1Co 15:40f); glória, majestade quando atribuída a Deus e a seres celestiais (At 7.2; Rm 1.23; 1Co 2.8; Fp 3.21; Cl 1.11; Hb 1. 3; Tg 2.1; Ap 15.8); com conotação de poder (Rm 6.4), reflexo (1 Co 11.7); magnificência, esplendor dos reis, etc. (Mt 4.8; 6.29; Ap 21. 24,26); (2) fama, renome, honra, prestígio (Jo 5.41, 44; 8.54; 12.43; Rm 3.23; 1 Ts 2. 6, 20). Louvor como valorização da reputação (Lc 2.14; At 12. 23; Rm 11. 36; 1Co 10.31; Fp 2:11; Ap 19. 7); (3) seres angélicos gloriosos (Jd 8; 2Pd 2.10); majestades, pessoas ilustres também é possível nessas passagens. Ver: GINGRICH, 1983.

²⁹² *ὅτι*: (1) que: introduz uma declaração indireta, etc.; expressa resultados; o que (é) isso? Por quê?; (2) introduz o discurso direto. Neste caso, não deve ser traduzido para o português, mas deve ser representado por aspa; (3) como uma conjunção causal porque, desde GINGRICH, 1983.

²⁹³ *ἔρχομαι*: (1) vir – (a) em um sentido literal (Mt 8.9; Mc 7.1, 31; Lc 19.5; Jo 10.10; At 16.37, 39; Rm 9.9; 2Co 13.1; Hb 6.7; Ap 18.10; aparecer, vir diante do público (Mt 21.9; Mc 9.11 ; Lc 3.16; 7.33; Jo 7.27, 31; At 1.11; 1 Co 4.5; 1 Tm 1.15); em um sentido hostil (Lc 11.22). (b) Em um sentido não literal (Mt 23.35; Lc 15.17; Jo 18. 4; Ef 5.6). (2) ir (Mt 16.24; Mc 11.13; Lc 15.20; Jo 21.3). Ver: GINGRICH, 1983.

²⁹⁴ GINGRICH, 1983.

²⁹⁵ *ῥα, ας, ἡ*: (1) tempo do dia, hora (Mt 14.15; 24.36, 50; Mc 6.35; 11.11; Lc 12.39, 46; Ap 3.3); (2) hora (a) como um (curto) espaço de tempo (Mt 20.12; 26.40; Lc 22.59; Jo 5.35; 11.9; At 5.7 ; 2 Co 7.8; Gl 2.5; Fm 15; Ap 9.15; 18.10, 17, 19); (b) como um momento chamado da hora que acabou de passar (Mt 20. 5, 9; Mc 15.25; Lc 23.44; Jo 1.39; 4. 6; At 3. 1; 10. 30; 22. 13; 23. 23; 1 Co 4.11); (3) o tempo de uma ocorrência (Mt 8.13; 18.1; Mc 13.11; Lc 1.10; 10.21; Jo 2.4; 7.30; 12.23; 16.21; 19.27; At 16.33; Apocalipse 11.13; 14. 7 e 15) – Ver: GINGRICH, 1983.

²⁹⁶ GINGRICH, 1983.

²⁹⁷ *κρίσις, εως, ἡ*: (1) juízo, julgamento (Mt 10.15; Lc 10.14; Jo 5.30; 2Tm 1.5; Hb 9.27; 2 Pe 2.9; Jd 6); *κρίσιν ποιεῖν* agir como juiz (Jo 5.27); condenação, punição (Mt 23.33; Jo 5.24, 29; Hb 10.27; Tg 5.12;

αὐτοῦ, - pronome pessoal genitivo masculino singular da 3ª pessoa de *αὐτός*, *αὐτή*, *αὐτό*: ele, ela, ele/a.²⁹⁸ Tradução: dele, seu.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.²⁹⁹ Tradução: e.
προσκυνήσατε – verbo aoristo imperativo ativo 2ª pessoa plural de *προσκυνέω* : (1) Em sentido básico, inclinar-se para beijar os pés de alguém, a bainha de roupa ou o chão à sua frente; (2) no Novo Testamento, adoração ou veneração de um objeto divino ou supostamente divino, expressado concretamente com a queda na cara de alguém que cultua, venera, reverencia: (a) para Deus (Mt 4.10); (b) para Jesus (Mt 2.2); (c) para o diabo e demônios (Mt 4.9; Ap 9.20); (d) para ídolos (At 7.43); (e) para os seres humanos como dados ou reivindicando ter poder ou autoridade divina (Ap 3.9; 13.4b).³⁰⁰ Gingrich traz como: cair e adorar, reverenciar, prostrar-se diante de, fazer reverencia, acolher com respeito dependendo do objeto.³⁰¹ Tradução: adorar, prostra-se para cultuar, reverenciar, venerar.

τῷ - artigo definido dativo masculino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τὰ*: os, as.³⁰² Tradução: o.

ποίησαντι – verbo aoristo, participo ativo dativo masculino de *ποιέω*: fazer, criar, produzir, fabricar.³⁰³ Tradução: o que fez.

τὸν – artigo definido acusativo masculino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τὰ*: os, as.³⁰⁴ Tradução: o

οὐρανὸν – substantivo acusativo masculino singular comum de *οὐρανός*, *οὐδ*, *ὄ*: céu, como parte do Universo (Mt. 5.18); a atmosfera diretamente sobre a terra: céu, ar, firmamento (Mt 6. 26; Lc 17.24).³⁰⁵ Tradução: céu.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.³⁰⁶ Tradução: e.

Ap 18.10; 19); (2) junta de juizes, tribunal local (Mt 5.21) (3) no sentido de justiça (Mt 12:18, 20; 23.23; Lc 11.42) - Ver: GINGRICH, 1983. Também Friberg apresenta os possíveis significados: (1) a ação de uma decisão do juiz, julgamento (Jo 5.30); especialmente a atividade de Deus em um tempo final para julgar; *ἡμέρα κρίσεως* dia do juízo (Mt 10.15); em um sentido desfavorável condenação, punição (Ap 18.10); (2) uma avaliação pessoal do julgamento de ações de outra pessoa (Jo 7.24); (3) como o padrão pelo qual os juízos e avaliações devem ser corrigidos, justiça (Mt 12.18); (4) a base sobre a qual é feita uma sentença, razão para um julgamento (Jo 3.19) – Ver: FRIBERG, 2000.

²⁹⁸ GINGRICH, 1983.

²⁹⁹ FRIBERG, 2000.

³⁰⁰ FRIBERG, 2000.

³⁰¹ GINGRICH, 1983.

³⁰² GINGRICH, 1983.

³⁰³ *ποιέω*: (1) Ativa: fazer, criar, produzir, fabricar (Jo 18.18; At 7.40; 9.39; Rm 9.21; Hb 8.5); (2) Media: fazer ou fazer algo por si mesmo ou de si mesmo (Lc 5.33; Jo 14.23; Rm 1.9; Fl 1.4; 2 Pe 1.10. Ver: GINGRICH, 1983.

³⁰⁴ GINGRICH, 1983.

³⁰⁵ FRIBERG, 2000.

³⁰⁶ FRIBERG, 2000.

τὴν – artigo definido acusativo feminino singular de *ὁ, ἡ, τό*: o, a; pl. *οἱ, αἱ, τά*: os, as.³⁰⁷ Tradução: a.

γῆν – substantivo acusativo feminino singular comum de *γῆ, γῆς, ἡ*: Terra, terra.³⁰⁸ Tradução: terra.

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.³⁰⁹ Tradução: e.

θάλασσαν – substantivo acusativo feminino singular comum de *θάλασσα, ἡς, ἡ*: mar³¹⁰

καί - conjunção coordenativa de *καί*: e, então, que, assim.³¹¹ Tradução: e.

πηγὰς – substantivo acusativo feminino plural comum de *πηγή, ἡς, ἡ*: literalmente fonte.³¹² Tradução: fontes.

ὕδατων. – nominativo genitivo neutro plural comum de *ὕδωρ, ατος, τό*: água.³¹³
Tradução: águas.

Possível tradução dos versos 6 e 7:

⁶ E vi outro mensageiro voando no meio do céu, tendo um evangelho eterno para evangelizar aos que estão assentados sobre [do] a terra, e sobre toda nação, e tribo, língua e povo, ⁷ dizendo em grande voz: temei a Deus e dai-lhe glória porque chegou o tempo (hora) do juízo dele e adorai o que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes de águas.

3.4.4 Exposição do texto de Apocalipse 14.6-13.

O uso que Apocalipse 14.6-7 faz de *εὐαγγέλιον* e *proskunein/n* tem uma relação significativa. Que evangelho é esse? Como definido por Gingrich, *εὐαγγέλιον* só aparece uma única vez no Apocalipse e isso não quer dizer que a mensagem do evangelho do Novo Testamento não esteja presente. Por mais que a conotação de *εὐαγγέλιον αἰώνιον*, pela ausência do artigo definido, possa dar a entender que é outro evangelho, ou uma mensagem específica para o tempo escatológico, contudo, Friberg apresenta que *εὐαγγέλιον* só é usado no Novo Testamento tendo o sentido da mensagem da boa nova da salvação de Deus em Cristo.³¹⁴ Assim, no Novo

³⁰⁷ GINGRICH, 1983.

³⁰⁸ FRIBERG, 2000.

³⁰⁹ FRIBERG, 2000.

³¹⁰ *θάλασσα, ἡς, ἡ* (1) geralmente um largo corpo de água: mar (Mc 9.42); (2) específicos mares: (a) Mar Mediterrâneo (At 10.32); (b) Mar Vermelho (At 7.36); (c) Mar da Galileia (Lago) (Mt 4.18; 8.24) – Ver: FRIBERG, 2000.

³¹¹ FRIBERG, 2000.

³¹² FRIBERG, 2000.

³¹³ FRIBERG, 2000.

³¹⁴ No Novo Testamento, a palavra evangelho aparece 76 vezes, em 73 versos, em 4 formas.

Testamento não há outra boa nova a não ser o plano de Deus para salvar pessoas de cada nação, tribo, língua e povo (Ap 14.6 em paralelo com Mt 24.14). O termo é usado para a verdadeira mensagem de salvação pela graça de Deus, justificando o pecador, através da propiciação e redenção em Cristo (Rm 3.24-26) que resulta na criação de um novo ser humano em Cristo Jesus, para boas obras (Ef 2.8-10).³¹⁵

O adjetivo *αιώνιος* reforça o conceito do que foi dito anteriormente pelo fato de o Novo Testamento apresentar que as boas novas de salvação têm sua origem antes da criação do mundo. Pode-se entender que o adjetivo *αιώνιον* determina o evangelho como pertencente ao Deus eterno e também que vem do Deus eterno, ou seja, o evangelho é eterno porque ele é do Deus eterno que “preordenou” desde os “tempos eternos” o plano da redenção em Cristo.³¹⁶ Com isso, a teologia do “evangelho eterno” é uma inferência ao mistério de todo o plano de redenção. Mas há um outro sentido que amplia o significado de “evangelho eterno”. Por ser do

³¹⁵ ORBEGOSO, 2011. p. 215-217. Paulo menciona sobre o evangelho afirmando que: “Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos *tempos eternos* (*αιώνιοις*), e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações, ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém! (Rm 16.25-27) (grifo nosso). Em outro texto, não tão explícito quando o primeiro, Paulo cita a sabedoria do evangelho o qual o apóstolo deu a conhecer, ou seja, o mistério de Deus, outrora oculto, “[...] o qual Deus preordenou desde a *eternidade* (*αιών*), para a nossa glória” (1Co 2:7) (grifo nosso). Já em sua carta aos Efésios, o apóstolo dos gentios explicita o que é o mistério do evangelho eterno: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”. (Ef 1:1-14). Em outro texto de Efésios diz o seguinte: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais[...]”. (Ef 3.8-10).

³¹⁶ Como visto acima em Romanos 16.25-27 o qual usa a palavra *αιώνιοις*, eterno, para ser referir que a mensagem de Deus estava oculta desde os tempos eternos. Já em 1 Coríntios 2.7 usa o termo *αιών*, que pode ser traduzido por eternidade. Para maiores informações ver Friberg, 2000.

“Deus eterno”, não pode ser modificado, mesmo que falsos profetas busquem fazê-lo como aconteceu na Galácia (Gl 1) ou acontece em Apocalipse 13.

Outro termo ligado a *εὐαγγέλιον* é *εὐαγγελίζω*, cujo sentido é “evangelizar” ou “proclamar o evangelho”. É predominantemente o uso da palavra no Novo Testamento para tornar conhecida a mensagem de salvação de Deus, pregar o evangelho a alguém. No Apocalipse o verbo aparece mais uma vez no capítulo 10, verso 7, onde foi traduzido por “anunciar”. A força do verbo “evangelizar” indica que o “evangelho eterno” deve ser testemunhado “a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24.14).

Observando as considerações na análise do termo *εὐαγγέλιον* de Apocalipse 14.6-7, tudo indica que *εὐαγγέλιον* é a boa nova do evangelho de Deus em Cristo Jesus, não outro evangelho nem uma mensagem específica para o tempo do fim. O que robustece ainda mais o seu sentido é que *εὐαγγέλιον* precisa ser compreendido dentro do contexto daquilo que foi explanado no capítulo 1, nesse trabalho de pesquisa.

Com isso, uma das relações acontece com o termo *ἀποκάλυψις* e indica a revelação do plano da redenção de Jesus Cristo, ou seja, sua pessoa e sua obra de salvação. Também o Apocalipse possui elementos do *querigma* apostólico, não na forma estruturada como nos quatro evangelhos ou no sermão petrino, por exemplo. Mas, sim, estes elementos estão espalhados no decorrer da sua mensagem escrita e abordam desde o nascimento de Jesus até o estabelecimento do reino da glória na sua segunda vinda ao mundo.³¹⁷ Além do mais, conceitos como justificação e santificação pela graça³¹⁸ estão entendidos na metáfora do lavar e alvejar as vestes no “sangue do Cordeiro” (Ap 7.14-15). Por último, a mensagem do Apocalipse é a mensagem do “evangelho do Santuário” e das “festas de Israel” que se expressam na forma de adoração cültica e ética. O livro do Apocalipse pode muito bem ser chamado o “evangelho segundo o Apocalipse de João”.

Quanto ao verbo *proskunein*, ele é mais usado no livro do Apocalipse do que em qualquer outro livro do Novo Testamento: consta em 22 versos, em 9 formas, num total de 24 vezes. Só no bloco da “ira das nações” é mencionado 9 vezes e na perícopre do 14.6-13, 3 vezes.³¹⁹ O verbo evoca uma ação de prostrar-se, inclinar-se

³¹⁷ LARONDELLE, 2000, p. 338-339;

³¹⁸ ORBEGOSO, 2011. p. 206 -240; LARONDELLE, 2000, p. 339.

³¹⁹ **BIBLEWORKS**: versão 10.0.4.

para beijar os pés de alguém; prostrar-se com o rosto em chão com o objetivo de cultivar, reverenciar, venerar, adorar. Como visto, na explicação do uso de *proskunein* no Novo Testamento, o objeto de adoração pode ser Deus, Jesus, o diabo, demônios, ídolos, além de poder indicar uma reverência a seres humanos. Tem-se no Apocalipse a adoração para Deus e/ou Jesus (Ap 4.10; 5.14; 7.11; 11.1,16; 14.7; 15.4; 19.4,10; 22.9); para o anjo que trouxe a revelação a João (19.10; 22.8); para o dragão ou diabo (Ap 13. 4); para a besta (13.4, 8; 14.9, 11; 20.4); para a imagem da besta (13.12, 15; 14. 9, 11; 16.2; 19.20; 20.4); para os demônios e os ídolos (Ap 9.20); para reverenciar seres humanos (Ap 3.9).

Na relação de *proskunein* (adorar) com *φοβήθητε τὸν θεὸν* (“temei a Deus”) e *δοτε αὐτῷ δόξαν* (“dai-lhe glória”), o conceito veterotestamentário do “temor de Deus” ou “temor a Deus” e “dar-lhe glória” pressupõe no primeiro caso relacionamento correto com Deus e no segundo caso obediência à vontade de Deus.³²⁰ Em todo o Antigo Testamento evidencia-se que o “temor de Deus” ou o “temor a Deus” está unido inseparavelmente à obediência voluntária aos mandamentos de Deus.³²¹ O livro bíblico de Eclesiastes expressa esse conceito da seguinte forma: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” e “[p]orque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.13). O texto vincula “temor de Deus”, “guardar os mandamentos de Deus” com juízo divino, isso implica, para alguns comentaristas, que o texto de Apocalipse 14.7 é uma referência a Eclesiastes 12.13-14.³²²

O chamado para temer a Deus é frequente no Antigo Testamento (Dt 31.12; 1 Sm 12.14,24; Sl 34.11; Pv 1.7; Is 11.3), semelhantemente é também o mandato para “dar glória a Deus” (1Cr 16.24; Sl 22.23; Is 24.15; 42.12). Essa ênfase também é encontrada no Novo Testamento tanto em relação a “temer a Deus” (2Co 5.11; Fp 2.12; 1 Pe 1.17) como em “dar-lhe glória” (Lc 1.46; Rm 15.6,9; 1Pe 2.12).

Diante das ações de Deus de exercer o juízo sobre a humanidade (Ap 14.7), o Juiz de vivos e de mortos oferece a redenção através do evangelho de Cristo e a resposta de arrependimento dos seres humanos envolve temer, glorificar (Ap 11.13;

³²⁰ STEFANOVIC, 2018, p. 84.

³²¹ LARONDELLE, 2000, p. 341 (Gn 22.1, 12; Êx 20.20; Dt 6.13-17; 10.12; Sl 112.1; 119.63; 128.1).

³²² Ver por exemplo: DOUKHAN, 2002, p. 124; STEFANOVIC, 2018, p. 84.

15.4) e adorar a Deus (Ap 14.7, 15.4). Tais ações de arrependimento são uma das características do povo de Deus no tempo escatológico (Ap 11.18; 19.5,10).³²³

Deus convida a humanidade a temê-lo, no sentido de se voltar para ele, a glorificá-lo, tendo em vista a fazer tudo buscando a glória de Deus, e o motivo é porque a hora do seu juízo é vindo. O arrependimento que faz parte a mensagem do evangelho é a oportunidade dos seres humanos serem redimidos, comprados, (Ap 5.9,10; 14.4,5) lavados e alvejados pelo sangue liberador do Cordeiro (Ap 7.14-15). Desde o início o Apocalipse convida as pessoas ao arrependimento, pois essa é a resposta primeira do evangelho³²⁴ (Ap 2.5,16,21, 22; 3.3, 19; 9.20; 16.9,11)³²⁵. O novo cântico é a experiência daqueles que experimentaram o convite da graça de Deus pelo Espírito Santo (Ap 2.7,11, 17, 29; 3.6, 13, 22; 14.13; 22.17).

Por esse motivo, no Apocalipse, o evangelho eterno torna aquele que tem fé em Jesus um sacerdote para prestar culto de adoração ao Deus que é Criador, Redentor e Juiz (Ap 14.1-5, 6-7, 14-20). Diz o texto que *οἱ ἠγορασμένοι ἀπὸ τῆς γῆς* - [eles foram] “comprados da terra” - e que *οὗτοι ἠγοράσθησαν ἀπὸ τῶν ἀνθρώπων ἀπαρχὴ τῶ θεῶ καὶ τῶ ἀρνίῳ* - “eles foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro”. O evangelho qualifica e capacita todo aquele que foi “lavado” e “alvejado” no sangue do Cordeiro (Ap 7.14-15) a oferecer a Deus um “novo cântico diante do trono [...]” “com voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz [...] como de harpistas quando tangem sua harpa (Ap 14.2-3). Em um novo santuário/templo celestial, onde Jesus é sumo sacerdote, seus “seguidores” são agora sacerdotes de Deus (Ap 1.6; 5.10) e eles próprios são uma oferta dos “primeiros frutos” oferecida a Deus (Ap 14.4). Tem-se aqui, Apocalipse 14, nos versos 1 a 5, uma referência à adoração cültica a Deus e ao Cordeiro como em outras passagens do livro (Ap 1.18-20; 4; 5; 7.9-17; 11.15-19; 12.10-12; 15.2-4; 19.1-8).

Contudo, chama a atenção o fato de que os remidos não são adúlteros ou fornicadores, mas puros, pois não *ἐμολύνθησαν* - “[...] se contaminaram com mulheres[...]”, ou seja, são *παρθένοι* - “virgens”, e *καὶ ἐν τῷ στόματι αὐτῶν οὐχ εὐρέθη*

³²³ OSBORNE, 2014, p. 601.

³²⁴ OSBORNE, 2014, p. 601.

³²⁵ OSBORNE, 2014, p. 601 comenta que Jesus ao apresentar o evangelho diz que “[o] reino está próximo”, “[a]rrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.15).

ψεῦδος, ἄμωμοί εἰσιν - “[...] e não tem mentira na sua boca; não tem mácula”.³²⁶ Isso indica um comportamento ético em sua adoração a Deus. Em outras palavras, essa adoração apresentada pelos sacerdotes de Deus através do Cordeiro tem a ver com um serviço de adoração que envolve a ética.

Este ponto não é de estranhar, pois, ao falar sobre adoração à besta ou à sua imagem, ou ainda o seu nome, os adoradores não têm descanso nem de dia nem de noite (Ap 14.9-11) – uma indicação dos primeiros quatro mandamentos do decálogo de Êxodo 20.³²⁷

Apocalipse 14.12 diz que, *Ἦδε ἡ ὑπομονή τῶν ἁγίων ἐστίν, οἱ τηροῦντες τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ καὶ τὴν πίστιν Ἰησοῦ* - “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14.12). Existe um contraste e uma confrontação entre *τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ* (os mandamentos de Deus) e *τὴν πίστιν Ἰησοῦ* (a fé de Jesus) com os mandamentos da besta. Com isso, a falsa adoração está relacionada com uma ética espúria (Ap 14.9-11) ou com uma falta de ética bíblica (Ap 2.2; 2.14, 20; 3.15-17; 11.18; 9.20-21; 16.5-7; 17.3-6; 18.1-20; 21.8; 22.15). Essas passagens ampliam a falta da ética humana na escatologia do livro de Apocalipse, porque apresentam desde o desrespeito à vida, seja ela humana ou a vida da natureza como um todo, como também abarca a exploração e opressão dos poderes opressores para com os mais fracos e desprotegidos, ao ponto de tirar-lhes a vida (Ap 13.16-17). Outro aspecto da falta da ética é que o profeta João fala não

³²⁶ Para um estudo sobre o significado de “virgens” para os dias de João, ver comentário de KISTEMAKER, 2014, p. 525-528.

³²⁷ Ver artigo de MARCON, João Luiz. A relação entre o evangelho eterno e a adoração de Apocalipse 14. In: **Kerygma**. P. 71-96, ano 5, no. 1, 1º. Semestre de 2009. Engenheiro Coelho, SP: UNASP, 2009, p. 96.

Os 4 primeiros mandamentos da Lei de Deus (Ex 20: 3-11)	Princípios dos 4 Primeiros Mandamentos
1) Não terás outros deuses diante de mim.	1) Adoração somente a Deus - adoração interior
2) Não farás imagem de escultura [...] não as adorarás (prostrarás diante delas), nem lhes darás culto [...].	2) Prostrar e cultuar somente diante de Deus – adoração exterior
3) Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão [...]	3) As palavras de adoração somente a Deus e com respeito, honra e glória a Ele.
4) Lembra-te do dia de Sábado (Descanso) para o santificar. [...] Mas o sétimo dia é o Sábado (Descanso) do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho[...].	4) O tempo de adoração a Deus envolve o separar o dia de adoração para serviços cúlctico. Motivo da adoração ele é o Criador (Êx 20.8-11) e Redentor (Dt 5.12-15). O Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que há é também o Redentor do evangelho eterno (Ap 14:6-7).

somente da ausência da verdade, mas o predomínio da mentira, dos furtos, dos assassinatos, da prostituição, etc.

As ações de “temer”, “glorificar” e “adorar” sintetizam a única resposta apropriada à salvação oferecida por Deus em Cristo que está revelado no evangelho eterno.³²⁸ Acompanhada do arrependimento, vem a resposta de gratidão, reverência, amor e lealdade a Deus que será expresso na adoração. Mas que tipo de adoração é essa? Uma adoração que envolve os mandamentos de Deus e a fé de Jesus Cristo, em outras palavras, antes de ser uma adoração cültica, ela precisa ser uma adoração que envolve a prática da ética como expressa no decálogo e ensinada e vivenciada por Jesus Cristo.

O objetivo do capítulo 14 é contrastar com o capítulo 12 e 13. A guerra envolve a falsa trindade, o falso evangelho, os falsos milagres e sinais e os falsos mandamentos do décimo terceiro capítulo de Apocalipse versus a verdadeira trindade do livro do Apocalipse, o seu verdadeiro evangelho, o poder do Deus triúno para salvar e libertar o seu povo oprimido, e finalmente a verdadeira adoração pela obediência aos mandamentos de Deus e a fé de Jesus.³²⁹

Assim, o capítulo 14 inicia com uma descrição dos cento e quarenta e quatro mil redimidos da espécie humana que possuem o nome do Pai e do Cordeiro, Jesus, em suas frentes (14.1-5). Logo em seguida apresenta quatro mensagens importantes para todas as pessoas de cada nação, tribo, língua e povo: um convite aos seres humanos para aceitar o evangelho eterno e adorar o Criador; uma advertência para não confiar na segurança do sistema político-econômico-religioso chamado de Babilônia, pois esse cairá; e a mais severa advertência contra todos que se mantêm unidos a Satanás e seus agentes na luta contra o trino Deus e seu plano de salvação, ou seja, em rebelião contra o governo dos céus, seguindo os mandamentos da besta. A quarta mensagem vem do Espírito que traz conforto a todos aqueles que são perseguidos, para que permaneçam fieis na guarda dos mandamentos e na fé de Jesus até o ponto de morrer como mártir por causa da justiça de Deus (14.6-13).³³⁰ Para Osborne, a fidelidade da Igreja é ética, pois envolve os mandamentos de Deus, o testemunho de Jesus e a fé de Jesus.³³¹

³²⁸ OSBORNE, 2014, p. 601.

³²⁹ KISTEMAKER, 2014, p. 519-520.

³³⁰ OSBORNE, 2014, p. 568-570.

³³¹ OSBORNE, 2014, p. 568 e 569.

Após o término desse conflito, a princípio ideológico, mas também de “guerra” espiritual e física, aparecem duas imagens de colheita final: os grãos que são recolhidos no celeiro de Deus, aqueles que entraram em aliança salvífica com o Senhor; e as uvas que são esmagadas no lagar da ira de Deus, aqueles que são inimigos de Deus e do seu povo (14.14-20).³³² Essas duas imagens são ampliadas pela introdução das sete últimas pragas em contraste com o cântico dos vitoriosos, libertos da grande fúria do dragão e seus agentes (15.1-4).³³³

³³² OSBORNE, 2014, p. 615-616 apresenta os pensamentos divergentes de teólogos sobre o significado entre a colheita do grão e a colheita da uva. Para melhores detalhes ver que posição distingue entre justos e injustos, ver p. 615-623.

³³³ OSBORNE, 2014, p. 568-569.

4 A ADORAÇÃO ÉTICA E AS SUAS IMPLICAÇÕES PARA A COMUNIDADE DE FÉ.

Como visto anteriormente, Apocalipse 14.6-7 revela uma relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) que está presente em todo o livro. Contudo, a ênfase do texto de Apocalipse 14.6-7 não é em si uma adoração cúltica ou litúrgica, mas uma adoração ética. Após expressar arrependimento através do temor e dar glória a Deus, o ser humano é convidado a adorar o Criador. O uso que se faz das expressões “guardam os mandamentos de Deus” e “a fé de Jesus” em contraste com a adoração à besta, manifestado através da submissão aos mandamentos da mesma, indica uma referência ao decálogo de Êxodo 20. Tanto o contexto próximo do capítulo em estudo como os capítulos 9, 11, 16-18, 21 e 22 também fazem referência à transgressão dos mandamentos da aliança divina.

Nesse capítulo se analisa as implicações dessa adoração ética, observando, primeiramente, a relação tipológica que existe entre o paradigma de Êxodo 19-24 e Apocalipse 12-16, bem como o modo como o Antigo e o Novo Testamentos se referem à adoração e suas implicações para a vida da comunidade de Israel e a da Igreja. Por fim, pretende-se considerar como esta adoração ética pode afetar a comunidade de fé nos dias atuais.

4.1 O Tema do Êxodo em Apocalipse

A tipologia do Êxodo foi estudada por Friedbert Ninow, em *Indicators of Typology Within The Old Testament: The Exodus Motif*,³³⁴ que mostrou como o tema está vinculado com a teologia veterotestamentária, isto é, com todo o restante dos livros do Antigo Testamento. Também o tema está presente no Novo Testamento, como estudado por Augustine Stock, *The Way in the Wilderness: Exodus, Wilderness, and Moses Themes in Old Testament and New*.³³⁵

³³⁴ NINOW, Friedbert. **Indicators of Typology within the Old Testament: The Exodus Motif**. 1999. 358 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1999.

³³⁵ STOCK, Augustine. **The Way in the Wilderness: Exodus, Wilderness, and Moses Themes in Old Testament and New**. Liturgical Press, 1969. Encontra-se ainda no artigo de Robert Houston Smith, Exodus Typology in the Fourth Gospel. In: **Journal of Biblical Literature**. VI. 81. No. 4 (Dec., 1962),

Reafirmando o tema do Êxodo nas Escrituras, o autor J. S. Casey, *Exodus typology in the book of Revelation*³³⁶ examinou em sua tese de conclusão do doutorado o uso da “tradição do Êxodo” no livro do Apocalipse. Ele disse que o tema do Êxodo atravessa todo Antigo Testamento, especialmente os profetas. Segundo Casey, outras obras que contém o tema do Êxodo são os apócrifos, pseudoepígrafos, manuscritos de Qumran, literatura rabínica, em quase todos os livros do Novo Testamento e principalmente o Apocalipse.³³⁷

Na mesma linha de pesquisa surgem o ensaio de David S. Gifford, *The Exodus motif in Revelation 12: divine deliverance for the 21st century*³³⁸ que mostra elementos do Evangelho tais como o filho da promessa, a mulher grávida, a tentativa de matar o menino, o conflito entre o bem e o mal (Ap 12.1-5) – elementos estes que também aparecem na história do Êxodo. Segundo o autor, o destaque do capítulo 12 é o tema do Êxodo no sentido de que o êxodo de Israel do Egito e os símbolos em Apocalipse 12 são basicamente fundamentados e prenunciados nas Escrituras.³³⁹

Gifford, diz que:

Embora outros ecos estejam presentes no texto, o êxodo de Israel do Egito é o principal motivo para entender Apocalipse 12. Apocalipse 11:19, uma ponte entre os capítulos 11 e 12, ecoa a presença de Deus no Monte Sinai e mostra sua intenção de honrar e fazer cumprir sua aliança. Este versículo é a terceira de quatro tempestades semelhantes ao Sinai no Apocalipse (cf. Ap 4:5, 8:5, 16:18). Cada um cresce progressivamente mais forte; apenas os últimos rivalizam com a exibição em Êxodo 16:19–20, onde “no fogo ... o SENHOR desceu no monte Sinai”. A abertura das portas do templo sem ação angélica sugere a autorevelação deliberada de Deus. A arca da aliança, que contém os Dez Mandamentos, é um símbolo do trono de Deus e sugere sua presença (1Rs 8:9; 1Sm 4:4) (tradução nossa).³⁴⁰

p. 329-342. Published by: The Society of Biblical Literature. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3265088>> Acesso em: 02 de fev. de 2017.

³³⁶ CASEY, J. S. **Exodus typology in the book of Revelation**. 134 f. Tese (Doutorado em Teologia). Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1981.

³³⁷ CASEY, 1981, p. 1-134.

³³⁸ GIFFORD, David S. **The Exodus motif in Revelation 12: divine deliverance for the 21th century**. Independent Study: Apocalyptic Biblical Literature. Regent University RTCH 790, August 2018, p. 8.

³³⁹ GIFFORD, August 2018, p. 8.

³⁴⁰ “Although other echoes are present in the text, Israel’s exodus from Egypt is the primary motif for understanding Revelation 12. Revelation 11:19, a bridge between chapters 11 and 12, echoes God’s presence on Mt. Sinai and displays his intention to honor and enforce his covenant. This verse is the third of four Sinai-like storm displays in the Apocalypse (cf. Rev 4:5, 8:5, 16:18). Each one grows progressively stronger; only the last rivals the display in Exodus 16:19–20, where “in fire ... the LORD came down on Mount Sinai.” The opening of the temple doors without angelic agency suggests God’s deliberate self-disclosure. The ark of the covenant, which contains the Ten Commandments, is a symbol of God’s throne and suggests his presence (1Kgs 8:9; 1Sam 4:4)” – GIFFORD, August 2018, p. 9.

É importante para esse estudo o que foi apresentado por Gifford, pois, esses “ecos” do Êxodo no capítulo 12, que verberam no capítulo 14 de Apocalipse, indicam um paradigma da libertação da saída de Israel pela ação de Deus. Deus os conduz a uma relação pactual que envolve o culto a YHWH, quando o próprio Deus entrega suas leis de vida e liberdade. E Gifford afirma isso ao dizer que:

Antes que a mulher e seu filho sejam expostos e ameaçados publicamente no próximo capítulo, Deus revela seu próprio lugar mais santo e os sinais de sua aliança eterna (Is 54:5; 1Rs 5: 6). O propósito de Deus na exibição de tempestades sobre o Sinai era causar "medo" para que as pessoas "não pecassem" (Êx 20:20). O evangelho eterno descrito no Apocalipse também inclui o mandamento: “Temei a Deus!” (Ap 14:6–7). Assim, Apocalipse 11:19 ecoa a presença de Deus no Monte Sinai, a primeira parada de Israel após o êxodo, e mostra a intenção de Deus de honrar e fazer cumprir sua aliança(sic) (tradução nossa).³⁴¹

Em outras palavras, Apocalipse 4.5, 8.5, 11.19, 16.18 contém manifestações divinas à semelhança do Monte Sinai, quando se qual revela a aliança divina, a arca da aliança, para cumprir a promessa para todos que abraçam o evangelho eterno. Dentro do novo pacto, o próprio Cristo está no meio de seu povo (Ap 1.13-20), dará a vitória aos redimidos (Ap 15.1-5) e a herança prometida (Ap 21.1-7).

Já o artigo de Laslo Gallus, *O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedentes e natureza*³⁴², amplia o assunto ao dizer que “[a] tradição do Êxodo consiste de vários componentes temáticos: livramento, juízo, aliança, presença do Libertador e conquista/herança”.³⁴³ Continua explicando que “[o] autor do Apocalipse entrelaça os vários componentes da tradição do Êxodo em seu retrato”.³⁴⁴ Dessa forma, Gallus mostra como esses e outros elementos estão presentes nos capítulos 15 a 16 de Apocalipse, fazendo da experiência do Êxodo israelita uma tipologia da libertação final e da vitória do povo que abraça a aliança.³⁴⁵ O povo do evangelho eterno, dentro de uma aliança ética, adora ao Deus que liberta dos seus inimigos (Ap 15.1-5; também 19.1-21). Os vencedores expressam o “cântico de Moisés e do Cordeiro”, o canto que afirma quão grande e admirável são as obras de Deus e

³⁴¹ “Before the woman and her child are publicly exposed and threatened in the next chapter, God reveals his own most holy place and the tokens of his eternal covenant (Is 54:5; 1Kgs 5:6). God’s purpose in the storm display about Sinai was to cause “fear” so that people would “not sin” (Ex 20:20). The eternal Gospel depicted in the Apocalypse also includes the command, “Fear God!” (Rev 14:6–7). Thus, Revelation 11:19 echoes God’s presence at Mt. Sinai, Israel’s first stop after the exodus, and displays God’s intention to honor and enforce his covenant” (sic) - GIFFORD, August 2018, p. 9.

³⁴² GALLUS, 2016, p. 156-186.

³⁴³ GALLUS, 2016, p. 179.

³⁴⁴ GALLUS, 2016, p. 179.

³⁴⁵ GALLUS, 2016, p. 166-168.

justas e verdadeiras são seus caminhos. João faz a pergunta: “Quem não te temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? [...] por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti [...]” – os mesmos verbos do convite que o evangelho eterno em Apocalipse 14.6-7 faz a todas as pessoas do mundo: Temer a Deus, dar-lhe glória e adorar o Criador.

Em um artigo, William H. Shea mostra os paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24³⁴⁶. A mais conveniente maneira de apresentar essas comparações aparece abaixo:

Êxodo 19	Apocalipse 14:1-5
1.Localização: Monte Sinai (v. 2)	1.Localização:Monte Sião (v.1)
2.Localização: no pé do monte (v. 23)	2.Localização: sobre o monte (v.1)
3.Pessoas presentes: 12 tribos israelitas (vs 1, 3, 6)	3.Pessoas presentes: os 144.000, vindos das 12 tribos de Israel (v.1).
4.Uma voz do céu: trovão e um instrumento musical – a trombeta (v. 16)	4.Uma voz do céu: trovões e instrumentos musicais – harpas (v.2)
5.Origem do povo – resgadas do Egito (v. 4)	5.Origem do povo – remido da terra (v.3)
6.Pureza do Povo: “não se aproximar de uma mulher” (v. 15)	6.Pureza do povo: “não se contaminaram com mulheres” (v.4)
7.Pureza do povo: Moisés consagra o povo e eles “lavaram suas vestes” (v.13)	7.Pureza do povo: “eles são sem mácula”
8.Palavras do Povo: “Tudo o que o Senhor falou, nós faremos” (v. 8).	8.Palavras do povo: “não se achou mentira na sua boca” (v.5) (sic)

A tabela mostra uma relação entre as passagens de Êxodo 19 e Apocalipse 14.1-5, sugerindo outro êxodo de Israel, agora Igreja, e conseqüentemente o futuro recebimento das leis divinas. Abordando de maneira mais ampla, Shea informa que há dois tipos de lei na Aliança Sinaítica: 1. Lei apodítica³⁴⁷ – um exemplo, os mandamentos do decálogo. 2. Lei casuística³⁴⁸ ou de jurisprudência – tendo a partícula “se” que indica condicionalidade ou a aplicação caso-a-caso.³⁴⁹ O articulista vê relação das leis apodítica e casuística de Êxodo 19-24 em Apocalipse 14.6-9³⁵⁰, como segue:

³⁴⁶ SHEA, William H. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24. In: REIS, Emilson dos; FESTA, Sérgio; FOLLIS, Rodrigo (Org). **Princípios do fim: Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016, p. 209.

³⁴⁷ Leis apodíticas: “Mandamentos [...] que começam com faça ou não faça [...]. Eles “[...]são mandamentos diretos, geralmente aplicáveis, contanto aos israelitas os tipos de coisas que devem fazer para cumprir sua parte da aliança com Deus.” – FEE e STUART, 1997, p.142.

³⁴⁸ Leis Casuísticas (caso-por-caso) ou jurisprudência: “Os elementos numa lei são condicionais [...]” e “[...] tais leis se aplicam [...] à vida civil, religiosa, e ética de Israel, são, por sua própria natureza, limitadas na sua aplicabilidade [...]”. FEE e STUART, 1997, p.144-145.

³⁴⁹ SHEA, 2016, p. 210, 211-212.

³⁵⁰ SHEA, 2016, p. 212.

Êxodo 20.1-17	Apocalipse 14.6-11
<p>Dez mandamentos: Lei Apodítica</p> <p>(exemplos) Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.</p>	<p>Mensagem do primeiro anjo: Lei apodítica</p> <p>Temei a Deus e dai-lhe glória [...] e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas (v.7).</p>
<p>Êxodo 20.18-21 Interlúdio Histórico de Resposta</p> <p>Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos.</p>	<p>Mensagem do Segundo Anjo Interlúdio Histórico de Resposta</p> <p>Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição. (v.8)</p>
<p>Êxodo 21-22 Código da Aliança: Lei Casuística</p> <p>(Exemplo explicando o oitavo mandamento) Se um homem entrega ao seu próximo dinheiro ou bens para guardar e é roubado fora da casa do homem, então, se o ladrão for encontrado, ele pagará o dobro. (227.)</p>	<p>Mensagem do terceiro anjo: Lei Casuística.</p> <p>Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus (vs. 9-11) (sic).</p>

Seguindo esta compreensão de Shea, Apocalipse 14.6-11 é visto como a entrega da Lei de Deus para a humanidade que aceita o evangelho libertador de Jesus Cristo (Ap 14.6-7). Ao tomar Apocalipse 11.19, a arca da aliança, e Apocalipse 12.17 e 14.12, onde se faz menção aos mandamentos de Deus, e o material que foi explicado sobre tipologia, literatura e teologia do Êxodo, pode evidenciar-se um conceito muito forte de aliança que perpassa todo o bloco da “Ira das nações”.

Mas, como tal evidência poderá contribuir para adoração ética de Apocalipse 14.6-7? As palavras de Gallus são apropriadas para melhor entender a profundidade da questão:

A importância do Sinai está na formalização do relacionamento de Israel com YHWH que, como principiante, chamou Israel à obediência com base no que havia feito por eles (a redenção). O conteúdo da aliança foi enunciado no Decálogo e em outras leis (Êx 20-23), que serviram como selo do relacionamento. A aliança e a lei se tornaram tão intimamente relacionadas que a obediência à lei e obediência à aliança se tornaram sinônimos. A obediência à lei implicava em vida e liberdade, ao passo que a

desobediência resultava em destruição, escravidão e maldição (grifo nosso).³⁵¹

É relevante ressaltar que quando Gallus fala do “decálogo e outras leis de Êxodo 20-23” ele está interligando os princípios éticos do decálogo com sua aplicação nos estatutos, normas e leis dos capítulos 20 a 24.³⁵² O próprio autor diz “obediência à lei implica em vida e liberdade”, dois princípios que devem ser dados a todo ser humano e precisam fazer parte da mensagem de Apocalipse 14.6-7.

4.2 A adoração ética em alguns estudos nas Escrituras

Existem comunidades cristãs que dão grande valor a rituais e cerimônias e quase essas práticas se tornam um fim em si mesmas. Outras vezes um cristão ou uma comunidade cristã podem se envolver tanto com o louvor, com os milagres e sinais, com a prosperidade de seus membros, com a diversidade da adoração de seus cultos e liturgias que não se presta atenção para a mensagem do profeta João no livro do Apocalipse capítulo 14, versos 6-7. Isso não significa que adoração com tais elementos não sejam importantes para o adorador ou a comunidade. Hoje é possível observar uma distorção na essência e fundamentação da adoração bíblica que antes de tudo deve ser ética.

Antes de avançar no estudo para averiguar quanto a relação entre evangelho, adoração e ética estão interligadas, é importante se referir àquilo que Karl Barth apresentou numa Conferência Pastoral em Wiesbaden, que diz o seguinte:

Que sentido terá falar do problema da ética na *atualidade*? Evidentemente e por princípio somente pode ter o sentido de lembrar com toda ênfase que esse problema não trata da minha filosofia de vida, de cosmovisão e outras trivialidades, mas da nossa existência, da nossa situação muitíssimo própria e real neste exato momento; o problema da ética é de uma urgência tão atual que *dela* não podemos abstrair por um momento sequer, se aqui realmente queremos falar dela, não de algo completamente diferente. Não se trata de um problema, mas de o problema. [...] O problema da ética na atualidade não pode nem deve ser outro senão o que foi em todas as épocas e o que será em todas épocas.³⁵³

³⁵¹ GALLUS, 2016, p. 160.

³⁵² O próprio Shea mostra essa interligação entre o decálogo e as demais leis, normas, estatutos de Êxodo 21-24. Ele comenta que as demais leis são desdobramentos do decálogo – Ver SHEA, 2016, 169-170.

³⁵³ BARTH, Karl. O problema da ética na atualidade: Palestra proferida numa Conferência Pastoral em Wiesbaden, setembro de 1922. In: ALTMANN, Walter. **Dádiva e Louvor**: Ensaio teológico. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018, p. 89.

No texto de Barth, pode-se ver a preocupação do teólogo pelo problema da ética como algo a que deve ser dada certa “urgência própria e real” e que não se pode “abstrair por um momento sequer”. O autor com isso visa mostrar que a ética cristã envolve o momento presente, “a noção de um objeto moral dentro da história”³⁵⁴, mesmo em um tempo de grande crise moral. O grande perigo é “a pessoa” poder “ainda buscar a Deus, ficar piedosa, rezar, em todas as tonalidades de todas as religiões e confissões” e será que “esse homem poderá ser logo entendido como estação no caminho rumo ao reino de amor?”³⁵⁵ Isso significa que um ser humano poderá expressar sua religiosidade ou seu culto de adoração e assim mesmo não viver dentro dos valores do reino. É a necessidade de Deus que transforma o ser humano de dentro para fora e que o leva a viver dentro ética. Um Deus que justifica e uma obediência de santificação³⁵⁶ conduz ao amor cristão na “forma da conhecida caridade cristã”.³⁵⁷

Em outro ensaio, Barth reflete sobre “o chamado problema ético, a velha e sempre nova questão do ‘que devemos fazer?’ [...] não leva outra resposta senão justamente esta: *cumprir os mandamentos*, sendo ambos os conceitos entendidos no sentido simples e profundo como são entendidos na Bíblia” (sic).³⁵⁸ Segundo ele, “a origem do mandamento é amor, graça, eleição”. Com isso, a eleição é uma demonstração do amor de Deus pelo ser humano, baseado na promessa, de “eu ser eleito”. Por isso, o “evangelho que não pode ser isolado da lei” porque “somente com o evangelho é que reconheço como tais os mandamentos de Deus”. Consequentemente, “como mandamentos de Deus apenas os reconheço pelo fato de neles reconhecer o amor de Deus, o amor do Deus que me quer para si”. Conclui Barth, “[e] o amor de Deus eu reconheço neles ao aceitar que o amor de Deus é amor incondicional, não condicionado por minha decisão, mas anterior a essa, amor de eterna eleição”³⁵⁹.³⁶⁰

³⁵⁴ BARTH, 2018, p. 99.

³⁵⁵ BARTH, 2018, p. 101.

³⁵⁶ Barth condena um conceito de “obediência de santificação” que busca ética moralista por si mesma – BARTH, 2018, p. 105.

³⁵⁷ BARTH, 2018, p. 103, 104, 105.

³⁵⁸ BARTH, Karl. Cumprir os mandamentos: Palestra pronunciada por ocasião da Conferência Cristã de Estudantes em Aarau, a 9 de março de 1927. In: **Dádiva e Louvor: Ensaios teológicos**. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018, p. 110.

³⁵⁹ O objetivo aqui não é tratar da “dupla eleição” da teologia de Karl Barth, mas apresentar o pensamento dele em relação ao Evangelho e os mandamentos de Deus, ou seja, a ética bíblica como

Conforme visto nas reflexões teológicas de Barth, existe uma relação entre o evangelho e os mandamentos de Deus, esses últimos como expressão do amor de Deus à humanidade e como forma de a humanidade expressar amor a Deus. É interessante como textos das Escrituras demonstram que a resposta à redenção de Deus, é, em primeiro lugar, expresso em uma fundamentada adoração ética.

Como foi observado acima, existe uma relação entre Apocalipse 12-16 e Êxodo 19-24. Logo, deve-se começar por essa passagem para a compreensão do que significa adoração ética.

4.2.1 Adoração ética em Êxodo e Levítico.

Uma breve descrição de Êxodo 19-24 favorece a compreensão do que se deseja expressar com adoração ética. Após Deus dizer à nação de Israel que ela seria um reino de sacerdotes, ele se apresenta como “[e]u sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Ex 20.2) – *YHWH* é o Deus da libertação e por isso estabelece uma aliança com as tribos de Israel. Na continuidade, *YHWH* oferece as cláusulas do seu pacto com a nação: os seus dez mandamentos. Os mandamentos contêm princípios da ética bíblica, tais como: justiça, respeito à vida, igualdade, liberdade, amor, pureza, honestidade, veracidade, satisfação (Ex 20.3-17).³⁶¹

Em seguida ao pronunciamento dos dez mandamentos no monte Sinai e o diálogo entre povo e Moisés, confirmando a decisão do povo de aceitar a aliança (Êx 20.18-21), vem inúmeros estatutos que são a aplicação dos princípios do decálogo. Em resumo são: 1. A forma de culto e dos altares e a ausência de nudez na adoração (Êx 20.22-26). 2. A regulamentação sobre a escravidão (Êx 21.1-11); 3. Leis acerca da violência (Êx 21. 12-36); 4. Leis sobre a propriedade (Êx 22.1-15); 5. Leis civis e religiosas entrelaçadas (Êx 22.16-31); 6. Leis contra o testemunho falso

expressão tanto do amor de Deus para com humanidade como do amor da humanidade para com Deus.

³⁶⁰ BARTH, 2018, p. 116.

³⁶¹ ROCHA, José Miranda. **Apostila de Ética Cristã**. Material não publicado. Engenheiro Coelho, SP: IAE, 1998, p. 26-49. Ver também: PLENC, Daniel Oscar. **El culto que agrada a Dios**. Libertador San Martín, Entre Ríos, Argentina: Universidad Adventista del Plata, 2007, p. 109-111. Contudo existem autores que não creem que na Bíblia como um todo possuem lei ética, nesse caso específico o Pentateuco. Para uma discussão sobre o assunto ver: SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: História, Método e Mensagem**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2001, p. 323-355.

e a injúria (Êx 23.1-5); 7. A responsabilidade dos juízes (Êx 23.6-9); 8. As festas de Israel e sua dimensão religiosa, política, social e econômica (Êx 23.10-19).

Na sequência, Deus faz promessa da posse da terra e do seu cuidado para com Israel como resultado da obediência aos estatutos referentes a adoração e o culto (Êx 23.20-31). Por fim, no capítulo 24 é a primeira vez que aparece um serviço litúrgico e se refere ao ritual da aliança entre Deus e Israel (Êx 24). Só após todas as descrições de procedimentos para com Deus, inclusive a adoração, e para com outro ser humano, vem um culto ritualístico celebrado a Deus.

Merece destaque os versos 24 e 25 do capítulo 23 que dizem, “[n]ão adorarás (תִּירָן)³⁶² os seus deuses, nem lhes darás culto (תַּבַּע)³⁶³, nem farás conforme as suas obras; antes, os destruirás totalmente e despedaçarás de todo as suas colunas” e “[s]ervireis (תַּבַּע)³⁶⁴ ao SENHOR, vosso Deus, e ele abençoará o vosso pão e a vossa água; e tirará do vosso meio as enfermidades” (grifo nosso). Em contraste com o ato de adorar ou prestar reverência a ídolos ou outros deuses, Deus se utiliza do verbo que pode ser traduzindo por “prestar um serviço”, literalmente um trabalho a ele. O verbo diz que a adoração é serviço que se faz primeiramente a Deus e, como consequência, também para o próximo e a sociedade onde a pessoa está inserida. O que se observa em Êxodo 19-24 é que existe uma relação forte entre adoração, ética, obediência/serviço e culto. Na mensagem do texto bíblico de Êxodo em estudo, a adoração ética é tão relevante para a vida espiritual como o culto litúrgico oferecido a Deus.

Assim, a seção inicia-se com Israel sendo convidado a ser sacerdote do Deus vivo e depois manifesta como esse sacerdócio adora a Deus, não somente de forma cúlta, mas também, e principalmente, prestando um serviço de adoração ética. Quando os princípios e valores morais estabelecidos por *YHWH* são obedecidos e praticados em todos os aspectos na vida da pessoa e da comunidade, o sentido disso é um serviço de adoração a *YHWH*, um culto a ele. Porém, a

³⁶² HOLLADAY, William L. A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament: Based upon the Lexical Work of Ludwig Koehler and Walter Baumgartner. Leiden: Brill, 2000. In: **BIBLEWORKS**: versão 10.0.4. BibleWorks P.O. Box 6158, Norfolk, VA, 23508, 2015. – תִּירָן – Prostrar para adorar: 1. Uso profano, perante um superior; 2. Uso cúlta.

³⁶³ HOLLADAY, 2000 - Dentre os muitos significados de תַּבַּע: 1. Trabalho; 2. Servir como um escravo; 3. Ser um escravo; 4. Fazer; 5. Servir com sentido de adorar; 6. Produzir; 7. Executar.

³⁶⁴ HOLLADAY, 2000 - תַּבַּע: 1. Trabalho; 2. Servir como um escravo; 3. Ser um escravo; 4. Fazer; 5. Servir com sentido de adorar; 6. Produzir; 7. Executar.

passagem não diz que a adoração ética substitui a adoração cúltica ou vice-versa, pelo contrário, elas são complementárias, tornando-se uma só.

Dentre tantas passagens do Pentateuco que relacionam adoração com ética, vale a pena mencionar Levítico 19. Porque, talvez, seja a passagem que mais repete as leis de Êxodo 20-24. Ali há diversas leis religiosas, de adoração, de culto, de ética, revelando que há uma interligação entre adoração e ética. Segundo o texto levítico, adoração ética ocorre quando se observa as leis divinas, como se evidencia abaixo. Mesmo sendo longo, o objetivo do texto é deixar clara essa relação entre adoração, culto e ética:

¹ Disse o SENHOR a Moisés: ² Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo. ³ Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ⁴ Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ⁵ Quando oferecerdes sacrifício pacífico ao SENHOR, oferecê-lo-eis para que sejais aceitos. ⁶ No dia em que o oferecerdes e no dia seguinte, se comerá; mas o que sobejar, ao terceiro dia, será queimado. ⁷ Se alguma coisa dele for comida ao terceiro dia, é abominação; não será aceita. ⁸ Qualquer que o comer levará a sua iniquidade, porquanto profanou coisa santa do SENHOR; por isso, será eliminado do seu povo. ⁹ Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segará totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua messe. ¹⁰ Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ¹¹ Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo; ¹² nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o SENHOR. ¹³ Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã. ¹⁴ Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR. ¹⁵ Não farás injustiça no juízo, nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande; com justiça julgarás o teu próximo. ¹⁶ Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o SENHOR. ¹⁷ Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado. ¹⁸ Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR. ¹⁹ Guardarás os meus estatutos; não permitirás que os teus animais se ajuntem com os de espécie diversa; no teu campo, não semearás semente de duas espécies; nem usarás roupa de dois estofos misturados. ²⁰ Se alguém se deitar com uma mulher, se for escrava desposada com outro homem e não for resgatada, nem se lhe houver dado liberdade, então, serão açoitados; não serão mortos, pois não foi libertada. ²¹ O homem, como oferta pela sua culpa, trará um carneiro ao SENHOR, à porta da tenda da congregação. ²² Com o carneiro da oferta pela culpa, o sacerdote fará expiação, por ele, perante o SENHOR, pelo pecado que cometeu, e ser-lhe-á perdoado o pecado que cometeu. ²³ Quando entrardes na terra e plantardes toda sorte de árvore de comer, ser-vos-á vedado o seu fruto; três anos vos será vedado; dele não se comerá. ²⁴ Porém, no quarto ano, todo o seu fruto será santo, será oferta de louvores ao SENHOR. ²⁵ No quinto ano, comereis fruto dela para que vos faça aumentar a sua produção. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ²⁶ Não comereis coisa alguma com sangue; não agourareis, nem adivinhareis. ²⁷ Não cortareis o cabelo em redondo, nem

danificareis as extremidades da barba. ²⁸ Pelos mortos não ferireis a vossa carne; nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o SENHOR. ²⁹ Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se; para que a terra não se prostitua, nem se encha de maldade. ³⁰ Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o SENHOR. ³¹ Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos; não os procureis para serdes contaminados por eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ³² Diante das cãs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR. ³³ Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimireis. ³⁴ Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ³⁵ Não cometeis injustiça no juízo, nem na vara, nem no peso, nem na medida. ³⁶ Balanças justas, pesos justos, efa justo e justo him tereis. Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito. ³⁷ Guardareis todos os meus estatutos e todos os meus juízos e os cumprireis. Eu sou o SENHOR. (Lv 19.1-37)

Ao ler o início do texto, nota-se primeiramente que Deus pede que seu povo seja santo como ele é santo e essa santidade envolve obedecer e praticar as leis éticas dadas ao povo por Moises: “Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo” (Lv 1.2). Daniel Plenc diz que “[s]e atribui a Savonarola a afirmação de que ‘a verdadeira adoração consiste na santidade da vida’” (tradução nossa)³⁶⁵ Plenc reflexiona sobre isso ao escrever que:

É verdade que a adoração inclui a santidade do adorador, mas a verdadeira adoração cristã também é um agente da santificação. Essa santificação faz parte dos objetivos do culto. Como não tentamos separar a fé das obras, não dividiremos o culto ao comportamento ético do crente. Você ama bem quando vive adequadamente. Pela fé, graça e salvação são recebidas. A adoração é expressa através da própria fé, para que a própria vida se torne uma existência para a glória de Deus (tradução nossa).³⁶⁶

Plenc comenta que “[c]omo não tentaremos separar a fé das obras, não dividiremos o culto do comportamento ético do crente” e assim, “[v]ocê ama bem quando vive adequadamente”. Tendo esses pensamentos em mente, o texto de Levítico 19 caminha para tal abordagem, porque mostra os seguintes exemplos: “Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Lv19.3) – relação entre o quinto e o quarto mandamentos do decálogo de Êxodo 20.9 e 8 a 11; “Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Lv 19.4) – citação indireta do

³⁶⁵ “Se atribuye a Savonarola la afirmación de que "la verdadera adoración consiste en la santidad de la vida" - PLENC, 2007, p. 103.

³⁶⁶ Es verdad que la adoración incluye la santidad del adorador, pero el auténtico culto cristiano es también un agente de santificación. Esa santificación es parte de los objetivos del culto. Como no intentamos separar la fe de las obras, tampoco escindiremos la adoración de la conducta ética del creyente. Se adora bien cuando se vive correctamente. Por la fe se recibe la gracia y la salvación. Por la misma fe se expresa la adoración, de tal suerte que la vida misma se convierte en un existir para la gloria de Dios” - PLENC, 2007, p. 103.

segundo mandamento do decálogo de Êx 20.4-5; “Quando oferecerdes sacrifício pacífico ao SENHOR, oferecê-lo-eis para que sejais aceitos” (Lv 19.5); “Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo; nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o SENHOR” (Lv 19.11-12) – referência ao oitavo, novo e ao terceiro mandamentos do decálogo de Ex 20. 15, 16 e 7; “Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã” (Lv 19.13) – outra menção ao oitavo mandamento de Êxodo 20.15; “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego, mas temerás o teu Deus” (Lv 19.14); “Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo com a ti mesmo. Eu sou o SENHOR” (Lv 19. 18) – esse texto mostra a essência dos seis últimos mandamentos do decálogo.

Até mesmo essa ética é aplicada ao estrangeiro que deveria ser amparado, tratado como se fosse um natural e a responsabilidade dos israelitas para amarem-no como a eles próprios (Lv 19. 33-34) – forma indireta de “amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19. 18). A razão para isso é por dois motivos: 1. Porque Israel foi estrangeiro na terra do Egito; 2. Porque “Eu sou SENHOR, vosso Deus (Lv 19.34) – Ambas as expressões aparecem no decálogo de Êxodo 20, verso 2.

Assim, é necessário mencionar que o texto de Levítico especifica a inter-relação entre as leis de adoração, leis de culto ou ritualísticas de ofertas, tais como ofertas pacíficas, oferta pela culpa, oferta de louvores (Lv 19.5-8, 21-22), com as leis éticas. Como Plenc declara que a “[...] adoração é expressa através da própria fé, para que a própria vida se torne uma existência para a glória de Deus”.³⁶⁷ O texto de Levítico 19 clareia o que significa um povo redimido pelo cordeiro pascal para adorar a Deus de maneira ética e litúrgica. Nesse caso, adoração que se expressa no culto ou em um estilo de vida tem como fundamento a ética bíblica. Não se pode adorar ou cultuar a Deus sem ter uma atitude e ação ética conforme ele determinou pela sua revelação.

Em resumo, tomando as leis do Pentateuco³⁶⁸, tem-se os objetivos éticos das mesmas:

³⁶⁷ PLENC, 2007, p. 103.

³⁶⁸ Adaptado da **BÍBLIA de Estudos Almeida**. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 104.

Pessoa ou Assunto	Descrição	Referência
Ser humano	Todo ser humano há de gozar de segurança em sua pessoa.	Êx 20.12; 21. 16-21; Lv 19.14; Dt 5.17; 24.7; 27.18.
Falso testemunho	Toda pessoa deve estar protegida contra a difamação e o falso testemunho (perda da vida para o possível culpado).	Ex 20. 16; 23. 1-3; Lv 19. 16; Dt 5. 20; 19. 15-21.
Mulher	Ninguém deve tomar vantagem de mulher alguma, principalmente quando esta se encontra em posição de subordinação social.	Êx 21.7-11, 20, 26-32; 22. 16-17; Dt 21.10-14; 22. 13-30; 24.1-5.
Castigo	O castigo por fazer o mal não deverá chegar ao grau de desumanizar o culpável.	Dt 25.1-3
Dignidade	A dignidade e o direito a receber o fruto de seu trabalho	Êx 21.2,5-6; Lv 25; Dt 15.12-18.
Herança	A herança de cada israelita deve estar a salvo (prevenção contra a miséria social).	Lv 25; Nm 27.5-7; 36. 1-9; Dt 25.5-10.
Bens	Os bens de toda a pessoa devem estar a salvo.	Êx 20.15; 21.33-36; 22.1-15; 23.4-5; Lv 19.35-36, Dt 5.19; 22.1-4; 25.13-15.
Fruto do trabalho	Toda pessoa tem o direito de receber o fruto do seu trabalho.	Lv 19.13; Dt 24.14; 25.4.
Fruto da terra	Toda pessoa há de gozar o fruto da terra.	Êx 23.10-11; Lv 19.9-10; 23.5-55; Dt 14.28-29; 24.19-21.
Descanso no Sábado	Toda pessoa, incluindo o mais humilde servo e o estrangeiro, há de gozar do descanso semanal do Sábado, estabelecido por Deus.	Êx 20. 8-11; Dt 5. 12-15; Êx 23. 12.
Matrimônio	O vínculo matrimonial não deve ser profanado.	Êx 20.14; Lv 18.6-23; Dt 20.10-21; Dt 5.18; 22. 13-30.
Exploração	Ninguém, mesmo que esteja incapacitado, na pobreza ou sem poder, deve ser oprimido ou explorado.	Êx. 22.21-27; Lv 19.14, 33-34; 25.26-36; Dt 23.19; 24.6,12-15, 17; 27.18.
Julgamento Justo	Toda pessoa deve ter livre acesso aos tribunais de justiça e o direito a ser julgado com imparcialidade.	Êx 23.6,8; Lv 19.15; Dt 1.17; 10.17-18; 16.18-20; 17.8-13; 19.15-21.
Ordem Social	A posição na ordem social, dada por Deus a cada pessoa, deve ser respeitada.	Êx 20.12; 21.15,17; 22.28; Lv 19.3,32; 20.9; Dt 5.16; 17.8-13; 27.16.
Lei	Ninguém está acima da lei, nem mesmo o rei.	Dt 17.18-20.
Animais	A preocupação pelo bem-estar de outras criaturas deve incluir o mundo animal, vegetal e a terra.	Êx 20.10; 23.5,11; Lv 25.7; Dt 20.19; 22.4,6-7; 25.4.

Esses principais valores éticos extraídos do Pentateuco são o fundamento de uma adoração ética para o povo de Deus. Eles se relacionam com uma vida de serviço a Deus, ao próximo, à comunidade e ao cuidado da natureza. Plenc amplia essa compreensão ao dizer que:

Muitas vezes, serviço e adoração são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. É claro que a experiência de adoração inclui o chamado ao

serviço de Deus. Isso é mostrado na visão do sexto capítulo de Isaías. O Novo Testamento vê o serviço como uma expressão de adoração (Rom. 1:9; 15:16). Pode-se dizer que adoração é serviço a Deus e que serviço cristão é adoração a Deus. Serviço e adoração são frutos da salvação (tradução nossa).³⁶⁹

Ellen G. White declara que:

Todo o que aceita a Cristo como seu Salvador pessoal ansiará pelo privilégio de servir a Deus. Contemplando o que o Céu fez por ele, seu coração enche-se de amor sem limites e de rendida gratidão. Está ansioso por manifestar seu reconhecimento, consagrando suas faculdades ao serviço de Deus. Suspira por mostrar amor a Cristo e aos Seus remidos. Ambiciona trabalhos, dificuldades, sacrifícios. O verdadeiro obreiro na causa de Deus fará o melhor, pois que assim fazendo pode glorificar seu Mestre. Procederá retamente a fim de respeitar as reivindicações de Deus. Esforçar-se-á por melhorar todas as suas faculdades. Cumprirá cada dever com os olhos em Deus. Seu único desejo será que Cristo possa receber homenagem e perfeito serviço.³⁷⁰

Em outras palavras, como resposta à salvação oferecida por Deus em Cristo, o cristão demonstrará um “amor sem limites e de rendida gratidão” através de um serviço a Deus e as pessoas por quem ele morreu. Procederá com ética para com Deus tendo o propósito de respeitar os valores das suas reivindicações. Os procedimentos éticos são manifestações para seu Mestre uma dádiva de gratidão, glória, homenagem e o perfeito serviço. O que é declarado aqui está de acordo com que a Escritura define por adoração a Deus.

Em outro texto, a White afirma que o culto verdadeiro envolve trabalho em favor de Cristo, pois:

O culto verdadeiro consiste em trabalhar juntamente com Cristo. Orações, exortações, e conversas são frutos baratos, que frequentemente são acrescentados; mas os frutos que se manifestam em boas obras, em cuidar dos necessitados, dos órfãos e das viúvas, são frutos genuínos, e crescem naturalmente numa árvore boa.³⁷¹

Naquilo que foi comentado por White ecoa Êxodo 19-24 e Levítico 19, pois nesse caso, o culto revelado no serviço de boas obras do cuidado dos “necessitados, dos órfãos e das viúvas, são frutos genuínos”. Ela relaciona o

³⁶⁹ “Muchas veces, servicio y adoración son maneras diferentes de decir la misma cosa. Es evidente que la experiencia de adoración incluye el llamado al servicio de Dios. Así lo muestra la visión del sexto capítulo de Isaías. El Nuevo Testamento ve el servicio como expresión de adoración (Rom. 1:9; 15:16). Puede decirse que la adoración es servicio a Dios y que el servicio cristiano es adoración a Dios. Tanto el servicio como la adoración son frutos de la salvación”(sic)- PLENC, 2007, p. 106.

³⁷⁰ WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990, p. 502.

³⁷¹ WHITE, Ellen G. **Serviço cristão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 96.

serviço de adoração da mais alta qualidade como sendo feito em favor daqueles que mais precisam.

4.2.2 Adoração ética em Isaías, Jeremias, Amós e Malaquias

Porém, o Antigo Testamento pinta um quadro contrário àquele proposto por Deus para seu povo no estabelecimento da aliança, porque à medida que Israel convive com outros povos ou nações ao seu redor³⁷² ou até mesmo distante de sua terra³⁷³, sincretiza sua religião com adoração e/ou o culto a outros deuses e deusas. Como resultado, a ética pactual é desvirtuada ou rejeitada parcialmente ou por completo. Ou seja, a moral se avilta, perdendo o respeito para com Deus, a vida humana e até mesmo o cuidado com a natureza.³⁷⁴

O movimento profético em Israel visava chamar a atenção do povo para o nível espiritual e moral em que se encontravam, buscando que Israel se voltasse para Deus em arrependimento, confissão, abandono das más ações, e pudesse, dessa maneira, restabelecer a relação pactual entre Deus e o seu povo.³⁷⁵ A corrupção moral chegou a níveis muito baixos em Israel e Judá ao ponto de práticas degradantes e sem quaisquer escrúpulos se tornarem parte dos costumes das pessoas das duas nações. Isso acontecia desde o maior do povo como reis, príncipes, nobres e sacerdotes, comerciantes, agricultores, pecuaristas, artesões, até as classes sociais mais baixas. Com isso os pobres, desamparados e párias da sociedade eram aqueles que mais sofriam as consequências da prática dessa ética religiosa-social.³⁷⁶ Brown diz que:

[...] os profetas hebreus apontam um caminho para além de apenas falar contra a injustiça, a pobreza e a opressão. Na narrativa bíblica, o papel profético respondia às circunstâncias do povo. À medida que a situação das nações se deterioravam, os profetas hebreus mudavam a ênfase do protesto e as advertências para promessas de restauração e renovação. Em meio aos ataques, exílio e dominação contínua, a esperança se tornava a principal função profética.³⁷⁷

³⁷² Exemplos: Juízes 2-3; IRs 11.1-8; 11. 25-33; 16.29-34; etc.

³⁷³ Exemplos: 2Rs 21.1-9 [2Cr 33.1-9]; 2Rs 16.5-18 [2Cr 28.22-25]; Oseias 4.8-9; Jl 1-2.11; etc.

³⁷⁴ Um exemplo foi a seca em Israel nos dias de Elias (IRs 17-18).

³⁷⁵ ARCHER JR, Gleason L. **Merece confiança o Antigo Testamento?** 4ª. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1991, p. 222-224; WALTKE, Bruce K. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegetica, canônica e temática.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2015, p. 920-921.

³⁷⁶ WALTKE, 2015, p. 906. Ver também: DORNELLES, Vanderlei (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** VI. 4, 2013, p. 17-19. BROWN, Nathan. **Evangelho em ação: como a religião verdadeira pode transformar a sociedade.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019, p. 45.

³⁷⁷ BROWN, 2019, p. 47.

Os profetas chamaram a atenção demonstrando que parte do problema do povo era uma falsa adoração motivada não por princípios éticos. Essa adoração condenada por certos profetas envolvia festivais, rituais, encantamentos, barganha, luxúria, muitas ofertas para apaziguar a Deus.³⁷⁸

Sem esse trabalho de pesquisa poder ser exaustivo, é bom mencionar alguns dos profetas do Antigo Testamento que expuseram tais práticas e convidaram a buscar a verdadeira adoração ética. Os profetas escolhidos nesse trabalho, devem-se fato de serem mais veementes em sua denúncia de uma adoração fingida para Deus e cujo o objetivo é servir de exemplo. Isso, no entanto, não exclui que outros profetas não mencionados não sejam relevantes.

Entre os profetas está Isaías que mostra a situação de grande degradação moral, comparando-a com uma doença de pele que cobre todo o corpo de uma pessoa (Is 1.4-7). Tais pessoas leprosas não poderiam comparecer diante de Deus, pois cerimonialmente estavam contaminados para cultuar (Lv 13-14; Nm 5.2-3). Contudo, o povo ia à presença de Deus com suas ofertas de sacrifícios, participava de seus festivais e reuniões religiosa solenes (Is 1.10-12) e o profeta Isaías denuncia isso como uma adoração hipócrita (Is 1.12-14). Tais ajuntamentos cúlticos em oferecimento a *YHWH* foram considerados como abominação, por isso ele escondia até os seus olhos para tudo o que era feito (Is 1.13-14). Por quê? Porque essa adoração era misturada com mãos sujas de sangue de assassinatos, violência, na prática da injustiça e da opressão, falta do direito dos órfãos e das viúvas (Is 1.15-17). A corrupção envolvia ainda adulteração de produtos (Is 1.12), propinas, suborno roubos, furtos (Is 1.23), o culto idolátrico da prostituição cultural que era praticado nos jardins e bosques (1.29).³⁷⁹ Ainda, o povo ia atrás dos cultos de prodígios e sinais (Is 8. 19). Esse tipo de adoração era algo contrário o que a aliança mosaica havia estabelecido (Is 8.20).

O capítulo 58 de Isaías talvez esteja entre os textos bíblicos mais categóricos a expor toda a ganância, injustiça e opressão e sua relação com a adoração. Um breve resumo do que acontecia pode ser visto a seguir:

³⁷⁸ BROWN, 2019, p. 44, 49-55.

³⁷⁹ Ver comentário de nota de rodapé: **BÍBLIA de Estudos Almeida**, 1999, p. 729 – “Carvalhos ... jardins: lugares dedicados ao culto aos deuses pagãos da fertilidade. Ali se praticavam ritos para fazer com que campos e animais fossem fecundos (Os 4.14, n.) [...]”.

O povo abandonou a Deus e Seus caminhos de justiça. Em toda parte havia injustiça, pois os juízes aceitavam suborno e os governantes estavam interessados primeiramente em prazer e ganho pessoal. Predominavam a cobiça, a avareza e o vício. Os ricos se tornavam mais ricos e os pobres mais pobres, e muitos se aprofundavam na pobreza, sendo reduzidos a escravos. [...] Muitos do povo abandonaram o culto a Yahweh e seguiam os deuses pagãos. Outros se apegavam a formas exteriores de religião, mas nada sabiam de seu verdadeiro significado e poder.³⁸⁰

Tudo indica que, mesmo em tal situação ética, o povo era religioso e procuravam saber os “caminhos” do SENHOR (Is 58.2). Eles jejuavam para cumprir um requisito espiritual. Contudo, Deus os adverte de que essa não é a prática religiosa que ele pede ou aceita (Is 58.3-5)³⁸¹: “Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija sua alma, incline a sua cabeça como o junto e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isso de jejum e dia aceitável ao SENHOR?” O texto bíblico continua denunciando a prática repaginável perante os olhos de Deus:

⁶ Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? ⁷ Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? ⁸ Então, romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do SENHOR será a tua retaguarda; ⁹ então, clamarás, e o SENHOR te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; ¹⁰ se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. (Isa. 58.6-10) [...]

Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, ¹⁴ então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse. (Isa. 58:13-14)

³⁸⁰ DORNELES, VI. 4, 2013, p. 77.

³⁸¹ Siqueira mostra no capítulo intitulado “Por um reavivamento solidário” que o jejum do capítulo 58 de Isaías é, pelas evidências, o “Jejum do Yom Kippur” e do “ano do Jubileu”, pois, após acabar esse dia de festa e adoração, tocava-se o *shofar* (trombeta de chifre de carneiro) para anunciar a libertação dos escravos e das escravas israelitas no ano sabático. O ano sabático tinha como objetivo incentivar e regulamentar a proibição da exploração dos mais ricos e poderosos para com os pobres, estrangeiros, viúvas e órfãos. Nesse ano, todos tinham direito a comer das vinhas, pomares e das plantações que nasciam por si e os mais pobres e miseráveis eram cuidados. No ano do jubileu, além da libertação dos escravos e escravas israelitas, as terras eram devolvidas as famílias que eram suas proprietárias legais e assim evitaria que a miséria se proliferasse e houvesse uma crise social em Israel (Êx 23.10-11; Lv 25) - SIQUEIRA, Reinaldo. Por um reavivamento solidário. In: WALLAUER, Günther (org.). **O Evangelho em roupa de trabalho**: princípios para colocar o cristianismo em prática. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016, p. 33-45.

Comentando sobre Isaías 58, Ridderbos apresenta que:

Os versículos iniciais registram a repreensão de um costume nada espiritual de jejuar, e a confiança vã que Israel depositava nele (vv. 1-5). Segue-se a exigência de que o povo pare com a sua opressão, e demonstre misericórdia para com os miseráveis; esta é a vontade de Deus, e com esta ele liga a salvação (vv. 6-12). Finalmente, encontramos o chamado para uma forma melhor de adorar o Senhor, com referência especial ao sábado (vv.13-14)³⁸²

Dentro desse contexto histórico, três pontos podem ser considerados como importantes da repreensão de Deus: 1. As práticas religiosas e cúlticas eram vazias e sem sentido para Deus; 2. A escravidão dos fracos pelos poderosos; 3. A pobreza resultado do egoísmo e da ganância. Por outro lado, Deus pede que tipo de prática religiosa deveria ser realizada e que lhe compraz: 1. Justiça social; 2. Compaixão para com aqueles que estão em situação sub-humana; 3. Liberdade da escravidão dando o direito de justiça social e de descanso a todos os trabalhadores. Esses são os elementos presentes na adoração ética de Isaías 58, como disse Ridderbos, “[...] o chamado para uma forma melhor de adorar o Senhor [...]”. Assim como outras dimensões da vida religiosa, a adoração pessoal ou coletiva pode se apartar do desígnio principal e se tornar algo que se faz em favor da própria pessoa, um tipo de exibição. As pessoas podem se enganar, pensando que uma forma correta de culto torne a sua adoração, a pessoa, a própria comunidade aceitáveis a Deus e a fim de obter seu favor. Foi isso que deixou a comunidade de Judá perplexa em Isaías 58.³⁸³

Brown cita o comentário de Abraham Joshua Heschel que diz:

Em vez de nos mostrar um caminho através das elegantes mansões da mente, os profetas nos levam para os guetos. [...] Aquilo que horrorizava os profetas continua a acontecer todos os dias no mundo inteiro. [...]

Sua impaciência com a injustiça pode até parecer histeria. Testemunhamos o tempo todo atos de injustiça, manifestações de hipocrisia, falsidade, ultraje e miséria, mas é raro nos indignarmos tanto ou ficarmos incomodados demais. Para os profetas, até mesmo uma pequena injustiça assumia proporções cósmicas.³⁸⁴

Outro profeta que abre sua boca para denunciar de forma “histórica” a hipocrisia da falsa adoração é Jeremias. Jeremias fala:

³⁸² RIDDERBOS, Jan. **Isaías**: introdução e comentário. Edições Vida Nova Editora Mundo Cristão, 1986, p. 472.

³⁸³ BROWN, 2019, p. 54.

³⁸⁴ HESCHEL, Abraham Joshua. **The Prophets**. Nova York: Perennial Classics, 2001, p. 3,4, *apud* BROWN, 2019, p. 45.

²Põe-te à porta da Casa do SENHOR, e proclama ali esta palavra, e dize: Ouve a palavra do SENHOR, todos de Judá, vós, os que entrais por estas portas, para adorardes (יהוה) ao SENHOR. ³ Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Emendai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. ⁴ Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este. ⁵ Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; ⁶ se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, ⁷ eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. ⁸ Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam. ⁹ Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, ¹⁰ e depois vindes, e vos pondes diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações! ¹¹ Será esta casa que se chama pelo meu nome um covil de salteadores aos vossos olhos? Eis que eu, eu mesmo, vi isto, diz o SENHOR” (Jr 7. 2-11) (Grifo nosso).

A palavra traduzida por “adorar” é o verbo hebraico יהוה, “adorar prostrando, reverenciando”. Jeremias expõem como Deus vê um tipo de adoração que confia em uma forma de “mística” ou “amuleto” de proteção para se salvar ou granjear prestígio diante dele. Deus busca adoradores que emendem seus “caminhos” e suas “obras” praticando “a justiça cada para com o seu próximo”. *YHWH* é específico que essa justiça envolve não oprimir o estrangeiro, o órfão, a viúva, nem assassinatos ou mortes encomendadas de pessoas inocentes, nem ainda indo atrás de outras divindades. A adoração pode ser uma experiência com Deus na qual a pessoa experimente a salvação, a certeza de que Deus está presente em sua vida, mas, isso não é um cheque em branco para viver uma vida antiética. Acreditar que basta estar em um templo ou igreja, sem apresentar-se diante de Deus e sem viver uma vida dentro de valores éticos, isso, para Deus, é abominação. Uma adoração destituída de significado e com superstição não poderá trazer nenhuma diferença para a vida pessoal ou comunitária. Como o profeta disse: “Tereis paz; e eis que a espada lhe penetra até à alma” (Jr 4.10). Ainda ele reafirma: “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 8.11).

Para o profeta Amós a adoração do povo era opulenta e abastada, pois ele diz que “cada manhã” traziam seus “sacrifícios” e, de três em três dias, os seus “dízimos” (Am 4.4). Ofereciam o melhor para Deus (Am 4.5), mas ele desprezava as festas e os cultos das reuniões da comunidade (Am 5.21). Não se agradava das ofertas de holocaustos nem das ofertas de manjares ou qualquer outra oferta (Am

5.22). Foi solicitado a Israel que afastasse de *YHWH* até as canções religiosas (Am 5.23) pois ele repudiava todos esses serviços de adoração, porque estavam manchados com sangue inocente devido à violência, à exploração dos mais fracos e à ganância tanto de homens poderosos como de suas esposas extravagantes. Deixavam os pobres em tal miséria que até o pó que levantava quando esses miseráveis caíam sem força, era aspirado pelos avarentos opressores (Am 2.7; 3.10; 4.1-3; 5. 11; 6.4-6) A justiça era transformada em “losna” de tão amarga que se tornara, porquanto era lançada por terra (Am 5.7). A injustiça prevalecia porque os juízes vendiam o justo por dinheiro e condenavam o necessitado por causa de um par de sandálias (Am 2.6). Da mesma forma que em outros profetas, a prostituição cultural era praticada em todos os lugares das dez tribos de Israel (Am 2.8).

É relevante nessa pesquisa comentar o que Nathan Brown fala dentro do contexto dos profetas como Isaías, Jeremias, Miqueias, Amós, afirmando que:

Nessas e em várias outras passagens dos escritos dos profetas, Deus faz uma ligação explícita entre adoração e o chamado para fazer justiça, deixando claro que não tem sentido realizar um e ignorar o outro. Os profetas corretamente clamavam advertindo e alertando o povo de Israel, em resposta à sua tendência de cair na idolatria.³⁸⁵

Citando Christopher J. H. Wright, Brown continua afirmando que:

No entanto, “muitos profetas destacaram que, se Israel permitisse que sua sociedade se tornasse cheia de injustiça, opressão, ganância, violência física e sexual, bem como toda e qualquer ausência de justiça e compaixão, não importa quem os israelitas pensassem que estavam adorando, não era o SENHOR”.³⁸⁶

Na Bíblia de língua portuguesa, o último livro do Antigo Testamento é do profeta Malaquias. Primeiramente ao ofertarem, os sacerdotes apresentavam ofertas defeituosas para cumprir com suas obrigações e ganhar o favor de Deus (Ml 1.6-10, 13-14). Havia outros que procuravam barganhar com Deus, apaziguando sua consciência, por oferecer o melhor das ofertas, todavia, praticando aquilo que era contrário à adoração ética estabelecida na aliança mosaica. Entre eles existiam infiéis ao seu compromisso conjugal e Deus não aceitava tal oferta de barganha. Ele entrou em juízo com essas pessoas (Ml 2.14-16). Malaquias amplia aqueles cuja adoração não era aceita por Deus em seu tempo, tais como feiticeiros, adúlteros, os

³⁸⁵ BROWN, 2019, p. 50.

³⁸⁶ WRIGHT, Christopher. **Old Testament Ethics for People of God**. Downers Grone, IL: InterVarsity Press, 2004, p. 59, 60 *apud* BROWN, 2019, p. 50.

que juram falsamente nos tribunais condenando o inocente, aqueles que defraudavam o salário dos trabalhadores, oprimiam a viúva e o órfão, torciam o direito do estrangeiro, e não temiam a *YHWH* (MI 3.5). O profeta diz nesses casos Deus se achegará para juízo e condenação (MI 4.1-6).

Parafraseando as mensagens de Augusto Nicodemos em seu livro *O Culto segundo Deus*, pode-se dizer que o culto a Deus exige devoção verdadeira e sinceridade do coração, fidelidade na pregação da Palavra, exige vida e moral reta, logo, obediência aos seus mandamentos e também estabelece temor ao seu nome.³⁸⁷ Através do estudo do livro de Malaquias, Nicodemos propõe seis princípios para cultuar a Deus: 1. O culto é a celebração pública e visível da aliança que o crente tem com Deus. 2. Seu povo deve cultuar a Deus independentemente das circunstâncias. 3. A comunidade deve cultuar a Deus de forma que ele revelou. 4. Deve-se cultuar com atitude apropriada. 5. A pessoa deve dar a Deus o seu melhor no culto. 6. Aceitação do culto de adoração depende também da vida moral e espiritual do adorador.³⁸⁸

Segundo o que foi falado pelos profetas, assim Brown fala em um teste da Adoração:

Em um marcante contraste com as religiões dos povos vizinhos, a adoração verdadeira ao Deus de Israel não estava ligada a medos e superstições, fórmulas corretas ou um maior número de ofertas. O caminho para a ética social e pessoal – o segredo para o povo de Deus viver e amar bem – não estava em algo que eles deveriam se esforçar para realizar sozinhos. Também não poderiam obter isenção disso [agradar a Deus], redobrando seus esforços religiosos em rituais e sacrifícios. Nada disso! A questão era clara, pois Deus já a havia revelado na história da criação, nas leis de Moisés e nos testemunhos dos profetas hebreus. A resposta era mais simples, mais profunda e mais reverente: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miq 6.8).³⁸⁹

Ele faz menção de que as mensagens dos profetas eram duras e apresentavam como Deus leva a sério a questão da injustiça e pede para que seu povo aja com justiça. Os mais perfeitos cultos de adoração, as ofertas mais liberais e os mais belos cânticos de louvor não são desculpas para o descuido em praticar a justiça.³⁹⁰

³⁸⁷ NICODEMUS, Augusto. **O culto segundo Deus**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012.

³⁸⁸ NICODEMUS, 2012, p. 144-154.

³⁸⁹ BROWN, 2019, p. 55.

³⁹⁰ BROWN, 2019, p. 51.

4.2.3 Adoração ética no evangelho de Mateus

Que é dito do Novo Testamento? Pode-se afirmar que vai na mesma direção que a mensagem do Antigo Testamento, porque em ambos “expressam o relacionamento humano com Deus em termos de serviço e obediência”.³⁹¹ Porém, é relevante mencionar dois episódios que esclarecem como é a adoração ética no Novo Testamento.

Quando Jesus pronuncia seu Sermão da Montanha ou a ética do reino dos céus, o texto de Mateus afirma que se alguém “irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento”, se insultar ao próximo ao tribunal e quem chamar outra pessoa de “tolo”, estará sujeito ao “inferno de fogo”. Para Jesus, o sentido de “não matarás” é muito mais profundo e significativo do que tirar a vida do próximo. Há um princípio que envolve a vida como um todo, não somente a vida física, mas também a vida emocional e espiritual de cada indivíduo. O “não matarás” de Jesus tem a ver como a pessoa trata outro ser humano, como suas palavras mortíferas podem tirar a dignidade e o respeito próprio do semelhante. O texto mencionado reza assim:

²² Eu, porém, vos digo que todo aquele que sem motivo se irar contra seu irmão³⁹² estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. ²³ Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, ²⁴ deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta (Mt 5.22-24).

No lidar com o divino, a tendência humana é querer agradar a divindade através da busca de oferecer o melhor em oferta, obras e ações. Isso pode ser uma demonstração de barganha para com Deus diante da acusada consciência por saber do bem que deve ser feito e não se realiza ou do mal que se deve ser evitado e por fim é concretizado. No tempo de Jesus, isso não era diferente, pois:

O ato de fazer uma “oferta” pessoal, ou sacrifício, era considerado o mais santo e importante de todos os atos religiosos, contudo mesmo isso devia ocupar um lugar secundário sob as circunstâncias apresentadas. É impossível que a “oferta”, neste caso, fosse feita para garantir o perdão e favor divino. Cristo insiste que se deve primeiramente fazer as pazes com o

³⁹¹ KIDDER, S Joseph. **Adoração autêntica**: uma experiência viva com o Rei do Universo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012, p. 35.

³⁹² A expressão “irmão” no texto de Mateus pode levar a compreensão diferentes dependendo do público que se espera que leia o evangelho. Mas para Jesus, o termo vai muito além do conceito de família, parente ou etnia (Lc 10. 29-37) – DORNELES, VI. 5, 2013, p. 347.

semelhante antes de se buscar reconciliação com Deus (ver Mt 6:15; 1Jo 4:20)(sic).³⁹³

O comentário diz que quando Jesus fala da adoração a Deus e ir diante dele apresentar uma “oferta” no altar, o ofensor ou o ofendido ao lembrar que tem alguma coisa contra alguém deverá deixar a oferta (adoração cultica) e se reconciliar com o seu irmão.³⁹⁴

A obrigação mais importante tem prioridade sobre outra menos importante. Reconciliação é mais importante que sacrifício. Viver os princípios cristãos (Gl 2:20) tem valor muito maior aos olhos de Deus do que as formas exteriores de religião (ver 2 Tm 3:5) (tradução nossa).³⁹⁵

O que Jesus queria dizer com tal declaração é que só depois da reconciliação com o irmão é que a pessoa apresenta sua oferta a Deus. A maneira como se trata o semelhante, perdoa ou reconcilia com o próximo é visto por Cristo como uma oferta a Deus. Ele estabelece que na sua comunidade os seus seguidores deverão adorar a Deus dessa forma, sem a ênfase em cerimonialismos e rituais, mas sim, pelo princípio de adoração do seu reino, que é o verdadeiro serviço de amor a Deus e ao próximo.

Outro texto do importante para a adoração ética é Mateus 15.1-9. O texto diz que:

¹ Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: ² Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. ³ Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? ⁴ Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. ⁵ Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; ⁶ esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. ⁷ Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: ⁸ Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. ⁹ E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens³⁹⁶ (Mt 15.1-9).

³⁹³ DORNELES, VI. 5, 2013, p. 347.

³⁹⁴ Ulrich presenta o assunto: “Más importantes son las ideas sobre la unidad de ethos y culto, sobre todo en la tradición sapiencial las ofrendas de los pecadores causan horror a Dios, el que ejercita la misericordia, face ofrendas (Prov 15,8, 21,3, 27, Eclo 31 [34], 21-24, 35, 1-3, etc.). También en estos textos el culto queda postergado ante el *ethos*, pero no abolido. [...] Para Jesús, como para Mateo, la ley cultural no queda abolida por el precepto de la reconciliación; pero la reconciliación es lo proton como se reitera en 23, 26”(sic) - LUZ, Ulrich. **El Evangelio segund San Mateo: Mt 1-7. VI.1.** Salamanca: Sigueme, 1993, p. 354.

³⁹⁵ DORNELES, VI. 5, 2013, p. 347-348.

³⁹⁶ “Referência a Is 29,13, livremente traduzido em grego, provavelmente considerando-se as tradições paralelas, parecidas com as que foram descobertas nos manuscritos de Qumrân. A prática que léshou’á condena não era legal e derivava de uma jurisprudência do rabi Eli’èzèr bèn Horcanos,

André Chouraqui comenta que em Marcos 7.11 a expressão “como oferta” é preserva o termo original *qorbân* e isso quer dizer que é “Torá-que-está-na-boca”, ou a “lei oral” “permitia deserdar seus pais contrariamente ao quinto mandamento” (Ex 20.12), “com a condição de dar seus bens de presente ao Templo”. Dessa forma, “os hebreus eram obrigados, entre outras imposições de ordem interna, a pagar uma quantia anual ao Templo”.³⁹⁷

Jesus censura a hipocrisia dos líderes religiosos de sua época por revelar que eram gananciosos e “fingidos para encobertar seu desejo de se engradecerem a si mesmos”³⁹⁸ (Mt 23.13-33). Por causa da sua tradição, os fariseus e escribas invalidavam a Palavra do Senhor, cujo mandamento diz para honrar seu pai e sua mãe. Eles estabeleceram que se alguém trouxesse uma oferta estaria desobrigado de cumprir com seus compromissos para com seus pais. Jesus revela a falta de ética e o estabelecimento de mandamentos de homens no lugar da Palavra de Deus, que tal adoração é vã para Deus e o adorador. Os padrões do reino dos céus em relação a adoração são éticos, não somente cúltico. O que chama a atenção é que em ambos os casos Jesus mostra que as ofertas têm sua importância na adoração cúltica³⁹⁹, contudo, Deus olha com grande interesse para o adorador que experimenta os princípios éticos do seu reino em relação ao próximo e nisto consiste o fundamento da adoração os olhos do Céu.

4.3 O evangelho e a adoração ética: implicações para a comunidade de fé

Um grande número de pessoas cristãs pensa que adoração é a frequência à igreja e a apreciação de um sermão. Kidder diz que uma pessoa pode ouvir dez “sermões poderosos, polidos, elegantes, originais, e, ainda assim, falhar na adoração”. Isso é possível de acontecer se o cristão “[...] não assumir um compromisso de viver os princípios ensinados por Jesus”.⁴⁰⁰ No entanto, um

que fundamentava o princípio da anulação das promessas em Lv 27,2 e Nm 6,2; Mc 7, 1-23” – CHOURAQUI, André. **A Bíblia Matyah: o Evangelho segundo Mateus**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996, p. 207.

³⁹⁷ CHOURAQUI, 1996, p. 207.

³⁹⁸ WHITE, Ellen G. **O Desejado de todas as nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 397.

³⁹⁹ WHITE, **O Desejado de todas as nações**, 2003, p. 397.

⁴⁰⁰ KIDDER, 2012, p. 36.

indivíduo pode “[...] ser um adorador se, após ouvir apenas dois versos, decidir viver sua fé”.⁴⁰¹

É verdade que hoje pessoas que buscam adorar se conformam com uma adoração inexpressiva porque “[...] maioria dos cristãos, mesmo os que acreditam ter nascido de novo, limita-se a ocupar espaços nos bancos, cantar hinos, escutar sermões”.⁴⁰² Tudo isso tem muita relevância para a vida daqueles que são discípulos de Cristo, porém, se uma comunidade de fé deseja ser legítima adoradora, “[...] isso transformaria a igreja[...]” e o “[...] impacto na sociedade seria impressionante”.⁴⁰³ A igreja não é um clube social ao qual pessoas pertencem para satisfazer as próprias necessidades. “Em vez disso”, diz Kidder, “a igreja é uma família que existe para adorar a Deus e dar-Lhe glória e honra” (sic).⁴⁰⁴

Os principais pontos que se deve levar em consideração desse capítulo são⁴⁰⁵: 1. Segundo o paradigma do Êxodo, no Apocalipse o evangelho salvador de Jesus Cristo investe de autoridade, oportuniza, privilegia e capacita aqueles que são redimidos para adorar, pois se tornam um reino de sacerdotes. 2. É o amor de Deus revelado no evangelho da salvação a mola propulsora de uma vida de adoração ao Criador e Redentor. 3. O fundamento da adoração bíblica é antes de mais nada ética. 4. Adoração ética é tão relevante para Deus como a adoração cúltica ou litúrgica. 5. Há uma relação entre adoração ética com: a) o culto; b) a vida social; c) econômica; d) política e; e) religiosa do povo de Deus. 6. O adorador do Deus do Criador, Redentor e Juiz precisa ser consciente de que toda adoração deve estar fundamentada em uma atitude e ação ética antes que prestar um culto a Deus. 7. O princípio que deve nortear a adoração ética é o amor para com Deus, o próximo e sua criação. 8. Adoração ética está ligada com a responsabilidade moral para com Deus, o semelhante, a sociedade e a natureza. 9. O serviço de adoração se manifestará em uma vida cristã em que os princípios do reino são vividos de forma cada vez mais plenos no amor para com Deus, o próximo e o cuidado do restante da criação. Logo, a adoração é principalmente um serviço prestado a Deus na forma de atitudes, ações comportamentais (morais) e ações de compaixão, acolhimento e subsidência dos necessitados, proteção dos mais fracos da sociedade, libertação

⁴⁰¹ KIDDER, 2012, p. 36.

⁴⁰² KIDDER, 2012, p. 36.

⁴⁰³ KIDDER, 2012, p. 36.

⁴⁰⁴ KIDDER, 2012, p. 36.

⁴⁰⁵ Esses princípios podem também ser chamados dos dez mandamentos da adoração ética.

dos oprimidos e ser a voz daqueles que não tem como falar por si mesmo. 10. A adoração ética manifestada como serviço é um estilo de vida de santificação a Deus.

Quando comparado o tema de salvação e adoração ética do Antigo Testamento e do Novo Testamento, Apocalipse 14.6-7 é o eco do Êxodo e do decálogo e da voz dos profetas que convidavam a humanidade a praticar a aceitar o evangelho e adoração agradável a *YHWH*. No contexto escatológico em que o livro do Apocalipse se apresenta, a salvação através do Cordeiro de Deus leva cada converso a ele para temê-lo, glorifica-lo e adorá-lo, pois ele é o Criador de tudo, Redentor do mundo, Juiz de vivos e de mortos.

5 CONCLUSÃO

Dentro do proposto pela introdução desse trabalho, ao conhecer a mensagem central do livro do Apocalipse, o projeto de pesquisa estudou a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé.

Foram seguidos os referenciais metodológicos: 1. A pesquisa bibliográfica ou revisão literária: a. Escolha do tema; b. Elaboração do plano de trabalho; c. Identificação bibliográfica (nas editoras, livrarias, universidades, bibliotecas e internet); d. Localização de obras específicas que passaram a ser o referencial teórico e obras para fundamentar a pesquisa; e. Compilação; f. Fichamento; g. Análise e interpretação; h. Redação final do trabalho.

Já o método empregado para a compressão da Bíblia, foi utilizado o método histórico-gramatical, pois o trabalho visou buscar o significado histórico e gramatical do texto bíblico em estudo, observando a intencionalidade do autor para com os leitores de sua época. O trabalho teve como enfoque a interpretação do texto bíblico a partir do seu contexto histórico imediato disponível às pessoas nos dias atuais.

Os passos para a exegese foram: 1. Entender as características formais do Apocalipse; 2. Determinar o contexto literário; 3. Estudar o contexto histórico geral; 4. Pesquisar o pano de fundo histórico-cultural; 5. Determinar o contexto histórico específico; 6. Confirmar os limites da passagem; 7. Compreender o parágrafo ou perícopo em estudo; 8. Estabelecer o texto; 9. Analisar gramaticalmente; 10. Analisar as palavras significativas; 11. Analisar a estrutura das frases e as relações sintáticas e temáticas; 12. Aplicação para a vida da comunidade da descoberta feita através do estudo.

Na expectativa de compreender a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé, a dificuldade surgiu quando por experiência do pesquisador e análise da adoração cristã observou a inserção de elementos novos, estranhos à fé bíblica cristã tais como um culto antropocêntrico, visando na satisfação pessoal ou no “toma cá e me dá lá”, cuja a ênfase está em milagres, prosperidade e shows.

Ao se deparar com o texto de Apocalipse 14.6-7, o pesquisador percebeu que havia dois modos de compreender o conteúdo e que cada um levava a

caminhos diferentes. Caso *εὐαγγέλιον* (evangelho) seja uma mensagem específica para um determinado tempo da escatologia, assim, *proskunein* (adorar) teria uma conotação para a humanidade. Por outro lado, se *εὐαγγέλιον* (evangelho) tem seu sentido da mensagem evangélica conforme ensinada pelos apóstolos, logo, *proskunein* (adorar) será uma resposta convergente com o restante do Novo Testamento e, por extensão, do Antigo Testamento. O próprio termo *proskunein* (adorar) precisou ser estudando dentro da perícopes, do seu contexto próximo e do livro do Apocalipse. O sentido desse *proskunein* (adorar) levou a ver a harmonia entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e assim, como esse último se expressa em uma adoração que tem sido negligenciada pelas comunidades de fé.

A problemática levantada foi: Como se relacionam os termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé? Diante disso, tem-se o objetivo geral que foi investigar a relação dos termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé.

Quanto aos objetivos específicos foram: 1. Examinar o contexto histórico do livro do Apocalipse e na sua contextualização a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar). 2. Analisar exegeticamente o texto de Apocalipse 14.6-7 e a sua perícopes visando entender o sentido mais amplo do texto em estudo. 3. Por fim, apresentar as implicações do estudo da relação entre evangelho e adoração em Apocalipse 14.6-7 na comunidade de fé.

Como consequência dos objetivos específicos, o desenvolvimento da investigação do trabalho de pesquisa foi dividido em três capítulos: Primeiramente, analisou-se os pressupostos hermenêuticos e o contexto histórico do livro do Apocalipse. Os pressupostos hermenêuticos para a interpretação teológica do livro foram encontrados em três chaves: 1. A teologia da aliança entre Deus e Israel; 2. O livro de Daniel; 3. A mensagem evangélica dos quatro evangelhos do Novo Testamento que apresentam a Jesus de Nazaré como o Messias (Cristo) da aliança, das promessas e das profecias veterotestamentárias. Como a segunda chave não fez parte do problema da investigação, logo ela não foi utilizada.

Tendo esses três pontos de partida, passou-se a pesquisar o contexto literário e definição de qual gênero literário pertence o Apocalipse. Por mais que inúmeros comentaristas coloquem o livro do Apocalipse como pertencente ao

gênero literário apocalíptico, há características que o tornam diferente dos demais. O Apocalipse seria uma combinação de revelação (Ap 1.1), profecia (Ap 1.1) e carta (Ap 1.3). Uma obra *sui generis* porque sua mensagem é distinta das demais literaturas do gênero, porque: 1. Estimula a santidade prática; 2. Enfatiza a perseverança no presente; 3. Possui as pistas para sua própria interpretação que estão nas três chaves hermenêuticas de LaRondelle; 4. Visão positiva quanto ao futuro do povo de Deus; 5. Deus está conduzindo a história através de Jesus Cristo – o Senhor da história; 6. Fundamenta suas esperanças futuras em um evento passado, o evento Jesus Cristo – seu nascimento, vida, ministério, morte, ressurreição, ascensão aos céus e entronização junto a Deus. Por isso, poderia defini-lo como Profecia Apocalíptica ou gênero Apocalíptico.

Já o termo ἀποκάλυψις (*'apokalypis*), “revelação”, possui um significado teológico importante, pois no Novo Testamento o que está sendo revelado são as boas novas do plano redentor de Deus que é incorporado em Jesus Cristo, ou seja, o evangelho anunciado pelos apóstolos que será consumado no segundo advento de Jesus Cristo ao mundo. Essa revelação diz que Jesus Cristo tanto é objeto da revelação como o conteúdo da mesma.

A tradição e as evidências dizem que João é o autor do Apocalipse dentro de um contexto histórico em que o último proclamador do evangelho de Jesus Cristo está sofrendo perseguição por não querer adorar o imperador romano, Domiciano (95-96 d.C). Havia dificuldades externas e internas para as Igrejas enfrentarem, contudo deveriam ser perseverantes ao evangelho de Jesus Cristo até o fim. Dessa forma o Apocalipse se levanta com um propósito testemunhal contra a apostasia externa e interna tendo como objetivos o seguinte: 1. Revelar o amoroso plano de redenção pelo sacrifício de Jesus Cristo; 2. Revelar acontecimentos futuros, sendo Jesus Cristo o Senhor da história humana; 3. Revelar que Jesus Cristo é o Soberano Senhor e Reis dos reis, juiz de vivos e de mortos que virá a segunda vez em glória, poder e majestade; 4. Revelar que todas as dificuldades e perseguições do presente são vencidos porque Jesus Cristo está com o seu povo e voltará para libertá-lo; 5. Revelar que o Deus trino é o único objeto de adoração e culto por causa daquilo que ele fez, faz, fará através dos seus atos salvíficos na história humana.

O livro revela o evangelho e esse diz quem e porque deve ser adorado, por isso, as doutrinas cristãs também são apresentadas e se inter-relacionam no Apocalipse. Fez-se necessário mencionar que o tema da soterologia e adoração

estão presentes do começo ao fim nessa inter-relação no corpo do texto do livro de João. A mensagem da redenção ocupa parte central e repetida no livro, que bem poderia ser chamado de “Evangelho segundo o Apocalipse”. Os elementos fundamentais do *kerigma* do evento Cristo se encontram espalhados pelos capítulos do livro e praticamente em vários desses elementos existem expressões de adoração.

A mensagem do evangelho é respondida através do serviço de adoração cúltica. Essa adoração toma parte da comunidade e é ainda uma forma de confirmar a fé na obra da redenção ao recordar o passado - a morte de Cristo e sua ressurreição; celebrar o presente - sua obra junto a Deus pela raça humana e esperar o futuro - um novo céu e nova terra quando de sua segunda vinda à Terra. Assim, a mensagem do evangelho e adoração cúltica vão perpassando todo o livro do Apocalipse.

O próximo capítulo da pesquisa envolveu análise exegética e teológica em Apocalipse 14.6-7. Primeiramente observou que através da estrutura das cenas de introdução do santuário e a menção das festas de Israel, o Apocalipse relaciona o tema do evangelho e da adoração do santuário sob a hermenêutica cristã do Messias Jesus Cristo. Ou seja, tudo que se relacionava ao templo ou as festas tem sua mensagem evangélica cumprida em Jesus de Nazaré e sua obra na terra e nos céus.

Uma nova ordem de sacerdócio é estabelecida, servidores do Deus triúno vindos de todas as nações agora prestam serviços de adoração ao Criador, Redentor e Juiz. O evangelho habilita e capacita os seres humanos que aceitam a Cristo como seu Salvador a serem sacerdotes do Deus vivo. Sua adoração é aceita por Deus através de Cristo. (Ap 1.4-8, 12-20; 5; 7. 11-17; 14. 1-5; 15.1-4; 19.1-8).

Por outro lado, o Apocalipse vai advertir que existe uma falsa trindade satânica formada pelo dragão, a besta do mar e a besta da terra. Essa falsa trindade tem um falso evangelho e exige uma falsa adoração à criatura em vez do Criador, Redentor e Juiz. A falsa adoração é estabelecida pela obediência a mandamentos humanos destituídos da ética apocalíptica ou bíblica e acompanha assuntos econômicos, sinais, maravilhas (milagres) (Ap 13). Uma contrafação dos mandamentos divinos foi vista quando: 1. O dragão e a besta são adorados; 2. A segunda besta faz uma imagem da primeira besta para que adorem ou prestem culto a ela; 3. O nome da besta é honrado para aqueles que lhe aceitam como

soberana; 4. Uma marca é colocada sobre a mão ou sobre a fronte (ver Ap 13.4,14-15, 16,17).

Dentro da perícope estudada de Apocalipse 14.6-13, Deus primeiramente apresenta o evangelho da salvação em Cristo, conforme entregue no livro da revelação. Depois, Deus faz o convite à humanidade para temê-lo, glorificá-lo e adorá-lo em vez da falsa adoração proposta pela falsa trindade. Novamente os mandamentos da besta são repetidos, mas agora Deus mostra qual será o destino daqueles que se unem aos seus inimigos e inimigos da justiça, verdade e ética. O apelo é para aqueles que abraçam o evangelho “guardem os mandamentos de Deus e a fé em/de Jesus” (Ap 14.6-12).

Dessa maneira, os mandamentos da besta são contrastados com os mandamentos de decálogo divino (Êx 20.3-17). Em essência, os princípios dos primeiros quatro mandamentos envolvem adoração. Observa-se assim: 1. Adoração somente a Deus, e acima de tudo e de todos; 2. Culto e reverência somente a Deus; 3. Santificação e reverência para o nome de Deus; 4. Adoração ao Criador e Redentor dentro do tempo de descanso (shabbat) estabelecido por ele (Êx 20.1-11; Dt 5. 6-15).

O estudo das palavras *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar), dentro do seu contexto, mostram que adoração entre o verdadeiro Deus triúno das Escrituras e o falso deus triúno, envolve a ética dos mandamentos divinos (Ap 14.12). Ao fazer a relação entre os termos da perícope e o bloco maior chamado de “Ira das Nações”, as evidências apresentam que a forma de adoração do capítulo 14.6-7 não é litúrgica ou cúltica, mas sim, uma adoração que se expressa pela ética ou princípios morais das Escrituras (Ap 11.19; 12.17; 14.12).

A denúncia principalmente de Apocalipse 14.6-12 envolve os princípios éticos do decálogo. Isso não exclui os demais princípios revelados nos outros seis mandamentos. Pelo contrário, a falsa adoração está relacionada com uma ética espúria (Ap 14.9-11) ou com uma falta de ética bíblica (Ap 2.2; 2.14, 20; 3.15-17; 11.18; 9.20-21; 16.5-7; 17.3-6; 18.1-20; 21.8; 22.15). Essas passagens ampliam a falta da ética humana na escatologia do livro de Apocalipse, porque apresentam desde o desrespeito à vida, seja ela humana ou a vida da natureza como um todo, como também abarca a exploração e opressão dos poderes opressores para com os mais fracos e desprotegidos ao ponto de tirar-lhes a vida (Ap 13.16-17). Outro aspecto da falta da ética é que o profeta João fala não somente da ausência da

verdade, mas o predomínio da mentira, dos furtos, dos assassinatos, da prostituição, etc.

Por isso, Apocalipse convida as pessoas a aceitarem o evangelho da salvação em Cristo, mostrando arrependimento pelo temor e glorificando o Senhor ao obedecer sua vontade. Logo, a adoração será uma resposta de fidelidade, amor, submissão e reconhecimento de um estilo de vida que revela que os filhos e filhas de Deus foram “[...] lavados e alvejados no sangue [vida] do Cordeiro” (Ap 7.14) (grifo nosso).

A pesquisa tem um terceiro capítulo na continuidade e desdobramento do tema, a relação entre *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para comunidade de fé. Essa última parte falou sobre as implicações do evangelho e da adoração fundamentada na ética e como ela é vista nos dois Testamentos.

É importante ressaltar que a relação tipológica entre Êxodo 19-24 e Apocalipse 12 a 16 praticamente envolve o grande bloco da “Ira das nações” da perícopes em estudo. Segundo o que foi tratado, existe uma relação de aliança entre os dois textos e que o último é uma inferência do primeiro. Elementos tipológicos estão presentes em Apocalipse 12-16 e revelam que os mandamentos de Deus são mencionados. Ou seja, se existe uma tipologia entre os textos, é importante refletir sobre as implicações disso sobre o tema do evangelho e da adoração em Apocalipse 14.6-7.

As evidências apresentam que existe um outro êxodo (salvação de Deus) de Israel, agora Igreja, para o recebimento dos mandamentos divinos. Quando comparados com os tipos de leis entre ambos os textos, pôde-se observar que há uma estrutura semelhante nas duas passagens. Dessa forma, em Êxodo 19 tem-se o chamado de Israel para ser um reino de sacerdotes, como também em Apocalipse – isso graças a redenção de Deus através do Cordeiro (Êx 12; 19 e Ap 1.5; 5.9-10). Os princípios éticos são apresentados a Israel e como deverão ser aplicados (Êx 20-24). A inter-relação entre leis de adoração e cúlticas com leis éticas revelou que tipo de adoração Deus espera de seus sacerdotes e sacerdotisas (Êx 20.22-24.18). Quando comparado com Levítico 19, um texto que repete a ética no Sinal, amplia e aplica os valores morais do decálogo, pode-se ver que em ambos os textos o fundamento de toda a adoração a Deus é uma vida de serviço a ele e ao próximo. A vida de adoração ética não é meramente evitar fazer o que é antiético, ou viver de

forma passiva de não fazer o que errado, ou ainda, contemplativa em relação apenas refletir sobre o bem e o mal. Antes é um viver de forma ativa e prática no cuidado com aqueles que necessitam: pobres, órfãos, viúvas, estrangeiros e vitimados por perdas. A adoração envolve um espírito de misericórdia para com os miseráveis, também exercício da justiça social, da honestidade e da integridade, de ações que beneficiem a sociedade como um todo e honre e glorifique a Deus por tais atitudes e práticas. O cuidado se estende, principalmente, pela vida humana, porém, é ampliada no cuidado para com todo tipo de vida, inclusive a flora e a fauna.

A ética cristã tem se tornado um problema para o cristianismo e para uma sociedade cristã e pós-cristã. A grande dificuldade hoje nas comunidades cristãs é a supervalorização de rituais e cerimônias litúrgicas ou de até shows para Deus. Outro ponto é também a supervalorização de práticas litúrgicas que envolvem sinais, milagres e manifestações sobrenaturais ou aqueles cultos em que é sugerido ao adorador fazer uma troca com Deus através de doações. Isso é feito em detrimento de uma vida coerente com os valores éticos ensinados pelas Escrituras. O que Deus espera dos cristãos? Seria um retorno ao simples e salvífico evangelho eterno de Deus em Cristo Jesus e sua aplicação a uma vida de adoração ética?

Como visto, isso não é um problema da atualidade, e sim, tão antigo como a própria natureza humana pecaminosa centrada no egoísmo revelada nos séculos passados. No contexto em que os profetas manifestaram a indignação e desaprovação divina por tais práticas de vida e sua relação com a adoração cúltica, observou-se: 1. As práticas religiosas e cúlticas eram vazias e sem sentido para Deus; 2. A opressão dos fracos pelos poderosos; 3. A pobreza, resultado do egoísmo e da ganância.

Os profetas do Antigo Testamento denunciavam esse tipo de adoração cúltica ou litúrgica ao apresentar que Deus não tem prazer em tais manifestação de adoração se os seus princípios éticos não são evidenciados na vida de seus adoradores. Os profetas mostraram o que Deus requerer dos adoradores: 1. Justiça social; 2. Compaixão para com aqueles que estão em situação sub-humana; 3. Liberdade da opressão e escravidão, dando o direito a uma vida digna e ao descanso a todos os trabalhadores.

Por isso, o evangelho não pode ser isolado da lei, porque a transformação ocorre de dentro para fora. Isso significa que o evangelho da justificação e santificação pela vida de Cristo, uma ação do Espírito Santo no cristão, faz do ser

humano alguém que ama a Deus e ao próximo, servindo a ambos dentro dos valores morais do reino de Deus. Uma boa quantidade de textos bíblicos revela que a resposta à redenção divina é, em primeiro lugar, expresso em uma fundamentada adoração ética.

O próprio Jesus no Sermão da Montanha, em Mateus 5-7, chama a atenção para o tipo de adoração que Deus espera daqueles que são bem-aventurados. A profundidade das palavras de Cristo revela que o ato de reconciliar com o próximo deve antecipar o ato de ofertar em um culto. A oferta do culto só será aceita se o ofendido ou o ofensor estiver disposto e buscar perdoar ou pedir o perdão. Aqui Jesus aponta como Deus vê o culto, uma celebração de uma comunidade de pessoas reconciliadas pelo evangelho que pratica o perdão e o amor divino no dia a dia de sua jornada terrena. Jesus vê que mais do que formas exteriores de adoração ou culto, Deus tem interesse, que aqueles que usam seu nome como seguidores do Cristo estejam vivendo a reconciliação do evangelho antes de apresentar sacrifícios, para simplesmente apaziguar suas consciências cauterizadas por justificativas egoístas.

Outra questão de Jesus é em relação à adoração, é quando se deixa de praticar os mandamentos de Deus e se utiliza das cerimônias religiosas cúlticas (ou não) para justificar o dever para com quem necessita. É o caso de Mateus 15, onde mostra que os filhos podem desamparar os pais se esses resolvessem ofertar a Deus ou ao templo para se livrar da responsabilidade. Uma forma de “comprar” a liberdade dos compromissos éticos ao se oferecer uma oferta em um culto ou uma doação para um templo. Jesus é enfático que a vontade de Deus revelada em sua Palavra, em relação ao próximo, não pode ser substituída por nenhuma oferta ou adoração cúltica.

Sendo assim, hoje a maioria dos cristãos, que participam de suas comunidades acreditam que ocupar espaços nos bancos, cantar hinos, escutar sermões é a mais importante demonstração de adoração a Deus, e talvez a única. Não deixa de ser uma verdade que a adoração cúltica ou litúrgica tem o seu valor e importância na vida da comunidade de fé. O próprio Apocalipse é carregado de momentos cúlticos, quando se utiliza da música e louvor, faz-se o ofertório, apresenta-se orações e menciona-se a Palavra. No entanto, a adoração que o evangelho chama a humanidade a praticar é bem mais amplo do que todas as formas de adoração cúlticas ou cerimoniais. Dessa maneira o que foi visto até aqui

representa: 1. Segundo o paradigma do Êxodo, no Apocalipse o evangelho salvador de Jesus Cristo investe de autoridade, oportuniza, privilegia e capacita aqueles que são redimidos para adorar, pois se tornam um reino de sacerdotes. 2. É o amor de Deus revelado no evangelho da salvação a mola propulsora de uma vida de adoração ao Criador e Redentor. 3. O fundamento da adoração bíblica é antes de mais nada ética. 4. Adoração ética é tão relevante para Deus como a adoração cúltica ou litúrgica. 5. Há uma relação entre adoração ética com: a) o culto; b) a vida social; c) econômica; d) política e; d) religiosa do povo de Deus. 6. O adorador do Deus do Criador, Redentor e Juiz precisa ser consciente de que toda adoração deve estar fundamenta em uma atitude e ação ética antes de prestar um culto a Deus. 7. O princípio que deve nortear a adoração ética é o amor para com Deus, o próximo e sua criação. 8. Adoração ética está ligada com a responsabilidade moral para com Deus, o semelhante, a sociedade e a obra da criação. 9. O serviço de adoração se manifestará em uma vida cristã onde os princípios do reino são vividos de forma cada vez mais plena no amor para com Deus, o próximo e o cuidado da natureza. Logo, a adoração é principalmente um serviço prestado a Deus na forma de atitudes, ações comportamentais (morais) e ações de compaixão, acolhimento e subsistência dos necessitados, proteção dos mais fracos da sociedade, libertação dos oprimidos e ser a voz daqueles que não tem como falar por si mesmo. 10. A adoração ética manifestada como serviço é um estilo de vida, de santificação a Deus.

Conclui-se quanto ao objetivo geral deste trabalho (investigar a relação dos termos *εὐαγγέλιον* (evangelho) e *proskunein* (adorar) em Apocalipse 14.6-7 e suas implicações para a adoração da comunidade de fé) pode-se afirmar que: 1. A expressão “um evangelho eterno” em Apocalipse 14.6-7 é a mensagem do evangelho de Jesus Cristo como ensinado nos quatro evangelhos do Novo Testamento e apresentado no livro do Apocalipse. 2. Esse evangelho eterno é a revelação da pessoa e obra de Cristo segundo o plano de redenção de Deus para a raça humana. 3. O evangelho demonstra o amor de Deus pelo fato de Cristo ter morrido pelos perdidos. 5. O evangelho eterno no Apocalipse, como no Novo Testamento, justifica e santifica o pecador que recebe a Jesus Cristo. 6. Em resposta à salvação oferecida por Deus em Cristo, o cristão demonstrará um amor sem limites e de rendida gratidão através de um serviço a Deus e as pessoas por quem ele morreu. 7. Procederá com ética para com Deus tendo o propósito de

respeitar os valores das suas reivindicações. 8. As ações em favor da humanidade, da sociedade e do meio ambiente serão para seu Mestre uma dádiva de gratidão, glória, homenagem e o perfeito serviço. 9. Adoração ética e adoração cúltica são complementares, sendo que a primeira é o fundamento para a segunda. O que é declarado aqui está de acordo com que a Escritura define por adoração a Deus.

Quando comparado com a adoração ética do Antigo Testamento e com o Novo Testamento, Apocalipse 14.6-7 é um eco do decálogo, também o eco da voz dos profetas e do próprio Jesus Cristo que convidavam a humanidade a praticar a adoração agradável ao SENHOR. No contexto escatológico em que o livro do Apocalipse é apresentado, a salvação através do Cordeiro de Deus leva cada converso a ele, a temê-lo, glorificá-lo e adorá-lo, pois, ele é o Criador de tudo, Redentor do mundo, Juiz de vivos e de mortos.

Essa pesquisa não se encerra aqui, porque não foram exauridas as fontes. O pesquisador acredita que ainda há possibilidade de novos estudos dentro da própria perícopes e no bloco maior onde ela se encontra. O próprio livro do Apocalipse poderá fornecer um aprofundamento do assunto. O tema poderá também ser explorado em um contexto do Novo Testamento ou dentro de uma relação com os profetas maiores ou menores do Antigo Testamento. Outra possibilidade há de ampliar a temática com um estudo da redenção de Deus e adoração ética dentro dos Salmos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ALLMENN, J. J. von. **O culto cristão: teologia e prática.** São Paulo, SP: ASTE, p. 25, *apud*, KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWESTSCH, Roberto (orgs.). Teologia Prática no contexto da América Latina. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2011.

APOCALIPSE. In: **A BÍBLIA de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1980, p. 2316 e 2317.

ARCHER JR, Gleason L. **Merece confiança o Antigo Testamento?** 4ª. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1991.

ARNDT, W.F.; GINGRICH, F.W.; e DANKER, F.W. Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. 3o. ed. In: **BIBLEWORKS** versão9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

BACCHIOCCHI, Samuele. **From Sabbath to Sunday:** A historical investigation of the rise of Sunday observance early Christianity. Roma: ex Pontificia Universitate Gregoriana, 1974.

BARCLAY, William. **El Nuevo Testamento Comentado por William Barclay:** Apocalipse. VI. 16. Buenos Aires, 1975.

BARTH, Karl. Cumprir os mandamentos: Palestra pronunciada por ocasião da Conferência Cristã de Estudantes em Aarau, a 9 de março de 1927. In: **Dádiva e Louvor:** Ensaios teológicos. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018.

_____. O problema da ética na atualidade: Palestra proferida numa Conferência Pastoral em Wiesbaden, setembro de 1922. In: **Dádiva e Louvor:** Ensaios teológicos. São Leopoldo, RG: Sinodal, 2018.

BELVEDERE, Daniel. **Seminário as Revelações do Apocalipse:** edição do professor. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

BIBLEWORKS: Versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

_____. Versão 10.0.4. BibleWorks P.O. Box 6158, Norfolk, VA, 23508, 2015.

BÍBLIA de Estudos Almeida. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BROWN, Francis, DRIVER, S.R; BRIGGS, Charles. Gesenius Hebrew-Aramaic and English Lexicon of the Old Testament, 1906. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

BROWN, Nathan. **Evangelho em ação**: como a religião verdadeira pode transformar a sociedade. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

CARSON, D.A. **Igreja Emergente: o movimento e suas implicações**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CARSON, D.A.; MOO, Douglas. J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CARVALHO, Carlos Eduardo Araújo Da Silva. **A palavra se fez carne e sangue, luz e glória**: uma exegese histórico-gramatical de João 1.1-18. 2015. 173 f. Dissertação (mestrado) Programa de pós-graduação em teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RG, 2015.

CASEY, J. S. **Exodus typology in the book of Revelation**. 134 f. Tese (Doutorado em Teologia). Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1981.

CHAGAS, Arnaldo. **Produção de textos acadêmicos**: dos bastidores à elaboração do texto. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2014.

CHARLESWORTH, James (Ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**: Apocalyptic Literature and Testaments. VI. 1. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia Matyah**: o Evangelho segundo Mateus. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

CIVITA, Roberto (Ed.). Apocalipse: o fim do mundo. Revista Superinteressante, Edição especial. Edição 291. São Paulo, SP: Abril, maio de 2011.

DANBY, Hebert (trad.). **Mishnah Tamid**, 4.1-5.6. Oxford: Oxford University press, 1985.

DAVIDSON, Richard. Tipologia do Santuário. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Estudos sobre Apocalipse**: Temas introdutórios. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017.

DORNELES, Vanderlei (Coord.). **Bíblia de estudos Andrews**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

DORNELLES, Vanderlei (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. VI. 4. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. VI. 5. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. VI. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

DOUGLAS, J. D. (org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2006.

DOUKHAN, Jacques. **Drinking at the Sources**: an appeal to the Jew and the Christian to note their common beginnings. Mountain View, California: Pacific Press, 1981.

_____. **Secrets of Revelation**: The Apocalypse through Hebrew eyes. Hagerstown, MD: Review Herald Publishing Association, 2002.

DUCK, Daymond R. **Guia fácil para entender o Apocalipse**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014.

EXODUS. In: The WTT Hebrew text. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Entendes O Que Lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 4ª. ed. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.

FRIBERG, Timothy; FRIBERG, Barbara; MILLER, Neva F. Analytical Lexicon to the Greek New Testament. Baker's Greek New Testament Library. Grand Rapids: Baker, 2000. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

GALLUS, Laslo. O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedente e natureza. In: DOS REIS, Emilson; FESTA, Sérgio; FOLLIS, Rodrigo (orgs.). **Princípios do Fim: O Apocalipse à luz do Antigo Testamento**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016.

GIFFORD, David S. **The Exodus motif in Revelation 12**: divine deliverance for the 21st century. Independent Study: Apocalyptic Biblical Literature. Regent University RTCH 790, August 2018.

GINGRICH, F. Wilbur. Shorter Lexicon of the Greek New Testament. Edited by Frederick W. Danker. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983. In: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Graeme Goldsworthy Trilogia**: o evangelho e o reino, o evangelho no Apocalipse, o evangelho e a sabedoria. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2016.

GONZÁLES, Justo (ed.) **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**: vinte séculos de pensamento cristão. São Paulo, SP: Hagnos, 2008.

_____. **Uma História do Pensamento Cristão:** Do início até o Concílio de Calcedônia. VI 1. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004.

GONZÁLES, Vilmar E. **Comentário sobre os livros de Daniel e Apocalipse.** Cachoeira, BA: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, 1994.

HESCHEL, Abraham Joshua. **The Prophets.** Nova York: Perennial Classics, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; e, FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOLLADAY, William L. A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament: Based upon the Lexical Work of Ludwig Koehler and Walter Baumgartner. Leiden: Brill, 2000. In: **BIBLEWORKS:** versão 10.0.4

HURTADO, Larry W. **As origens da Adoração Cristã:** o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2011.

JONES, Timothy Paul. **Guia Profético para o fim dos tempos.** Rio de Janeiro, 2016.

JUSTIN, Martyr. **The First Apology.** Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/0126.htm>> Acesso em 02 de julho de 2019. (Sem página).

KIDDER, S Joseph. **Adoração autêntica:** uma experiência viva com o Rei do Universo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento:** Apocalipse. 2. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014.

LADD, George. **Apocalipse:** introdução e comentário. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1992.

LARONDELLE, H. K. **Las profecías del fin.** Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

LEVÍTICO. In: **A BÍBLIA sagrada.** Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

LEVITICUS. In: The WTT Hebrew text. In: **BIBLEWORKS:** versão9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

LUPIERI, Edmondo. **A Commentary on the Apocalypse of John.** Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

LUST, Johan; EYNIKEL, Erik; HAUSPIE, Katrin (ed.). A Greek-English Lexicon of the Septuagint. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2003. In: In: **BIBLEWORKS:** versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

LUZ, Ulrich. **El Evangelio segund San Mateo: Mt 1-7. VI.1.** Salamanca: Sigueme, 1993.

MARCON, João Luiz. A relação entre o evangelho eterno e a adoração de Apocalipse 14. In: **Kerygma**. P. 71-96, ano 5, no. 1, 1º. Semestre de 2009. Engenheiro Coelho, SP: UNASP, 2009.

MATHEWS JR., Kenneth. **Revelation Reveals Jesus: An Explanation of the Greek Text and application of the Symbolism Therein.** VI. 1. Greenneville, Tennessee: Second Coming Publishing, 2012.

MAXWELL, C. Mervyn. **Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.** 12 Ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MULLER, Ekkehardt. **Introduction to the Ecclesiology of the Book of Revelation.** In KLINGBEIL, Gerald. A.; KLINGBEIL, Martin G., NÚÑEZ, Miguel Ángel (Ed). **Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una Ecclesiología Adventista.** Libertador San Martín, Entre Rios, Argetina: Universidade Adventista Del Plata, 2002.

MULLER, Ekkehardt. Missão no Apocalipse. In: SOUZA, Elias Brasil de (Ed). **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul-americano.** Cachoeira, BA: CePLiB, 2011.

MULLER, Ênio Ronaldo. O método histórico-critico: uma avaliação. In: FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Entendes O Que Lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica.** 4ª. ed. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.

NICODEMUS, Augusto. **O culto segundo Deus.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2012.

NINOW, Friedbert. **Indicators of Typology Within The Old Testament: The Exodus Motif.** 1999. 358 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1999.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE NESTLE-ALAND. 27 ed. Stuttgart: Deutsch Bibelgesellschaft, 1993. In: **BIBLEWORKS: versão9.0.** Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

NUMBERS. In: The WTT Hebrew text. In: **BIBLEWORKS: versão9.0.** Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

ORBEGOSO, Oscar Mendoza. El mensaje del remanente en el tiempo del fin: el mensagem do los tres ángeles de Apocalipsis 14:6-12. In: SOUZA, Elias Brasil de (Ed). **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas apresentadas no VIII simpósio bíblico-teológico sul-americano.** Cachoeira, BA: CePLiB, 2011.

ORREGO, Aldo D. **Diccionario bíblico adventista del séptimo día**. Buenos Aires, Argentina: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995.

OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PAULIEN, Jon K. **A Hermenêutica da Apocalíptica Bíblica**. In: REID, George W. (Ed). **Compreendendo as Escrituras**: Uma abordagem adventista. 1ª. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007,

_____. Selos e Trombetas: algumas discussões atuais. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed). **Estudos sobre Apocalipse**: Temas introdutórios. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017.

_____. The Role of the Hebrew Cults, Sanctuary and Temple in the Plot and Structure of the Book of Revelation. In: **Andrews University Seminary Studies**, 33.2. Berrien Springs, MI: Andrews, 1995.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

PLENC, Daniel Oscar. **El culto que agrada a Dios**. Libertador San Martín, Entre Rios, Argentina: Universidad Adventist del Plata, 2007.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João I**: comentário esperança. Curitiba, PR: Evangélica Esperança, 2001.

PRIGENT, Pierre. **O Apocalipse**. São Paulo, SP: Loyola, 1993.

RIDDERBOS, Jan. **Isaías**: introdução e comentário. Edições Vida Nova Editora Mundo Cristão, 1986.

ROCHA, José Miranda. **Apostila de Ética Cristã**. Material não publicado. Engenheiro Coelho, SP: IAE, 1998.

SACCHI, P. **L'apocalittica giudaica e la sua storia**. Brescia, 1990. In: LUPIERI, Edmondo. **A Commentary on the Apocalypse of John**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

SCHÜRER, Emil. **The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ**. VI. 2 . 2a. ed. Londres, UK: T & T Clark, 1979.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SHEA, William H. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24. In: REIS, Emilson dos; FESTA, Sérgio; FOLLIS, Rodrigo (Org). **Princípios do fim**: Apocalipse à luz do Antigo Testamento. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016.

SIQUEIRA, Reinaldo. Por um reavivamento solidário. In: WALLAUER, Günther (org.). **O Evangelho em roupa de trabalho**: princípios para colocar o cristianismo em prática. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016.

SKARSAUNE, Oskar. **À sombra do templo**: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo. 2. ed. São Paulo: Vida, 2004.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: História, Método e Mensagem. São Paulo, SP: Vida Nova, 2001

SMITH, Robert Houston. Exodus Typology in the Fourth Gospel. In: **Journal of Biblical Literature**. VI. 81. No. 4 (Dec., 1962), p. 329-342. Published by: The Society of Biblical Literature. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3265088>> Acesso em: 02 de fev. de 2017.

STEFANOVIC, Ranko. **O Apocalipse de João**: Desvendando o último livro da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

_____. **Revelation of Jesus Christ**: Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 2002.

STERN, David. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte, MG: Atos, 2008.

STOCK, Augustine. **The Way in the Wilderness**: Exodus, Wilderness, and Moses Themes in Old Testament and New. Liturgical Press, 1969.

STRAND, Kenneth. **Princípios fundamentais de interpretação**. In: HOLBROOK, Frank B. (Ed). Estudos sobre Apocalipse: Temas introdutórios. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017. p. 9-86.

STUART, Douglas; FEE, Gordon. **Manual de Exegese Bíblica**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo, SP: Vida Nova, 2008.

THE NET Bible, *Version 1.0* - Copyright © 2004, 2005 Biblical Studies Foundation. In: **BIBLEWORKS**: versão 10.0.4. BibleWorks P.O. Box 6158, Norfolk, VA, 23508, 2015.

VALDEZ, Adylson. **O livro do Apocalipse**: Uma interpretação conforme a história e o simbolismo bíblico. São Paulo, SP: Fonte Editora, 2009.

WALKING DEAD. Disponível em: <https://jehfilmeseseries.com/the-walking-dead>, Acesso em 02 de abril de 2018. (Sem página).

WALTKE, Bruce K. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo, SP: Vida Nova, 2015.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

_____. **O Desejado de todas as nações.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Serviço cristão.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WOODROW, Whidden; MOON, Jerry; REEVE, John W. **A Trindade:** como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WRIGHT, Christopher. **Old Testament Ethics for People of God.** Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica:** meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo, SP: Vida Nova, 1997.